Fernanda Peixoto Massi

Estrangeiros no Brasil: a Missão Francesa na Universidade de São Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 16/09/ 1991

Orientador: Prof. Dr. Mariza Corrêa

Agosto de 1991

M385e
15255/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Para
Nélia S. Sant'Anna Arêas,
Ferdinando de V. Peixoto e
Fausto Cupertino
- morta de saudades

Para Augusto Massi,
imperativo,
no mais- que- perfeito

INDICE

Agradecimentos p.0

Dois Pontos p.10

Primeira Parte: Estrangeiros e Ciências Sociais Brasileiras

Capitulo I: (Re)descobrindo o Brasil: Franceses e Norte-Americanos , entre 1930 e 1960 p.22

I) Preâmbulo

II) O Brasil, os franceses, a USP p.25

2.1 Franceses no plural

2.2 As ciências sociais francesas no período entre-guerras: a geração de 1930

2.3 Brasil: uma nova via?

III) Os Norte-Americanos p.59

3.1 A institucionalização das ciências sociais nos EUA

3.2 Brasil: um interesse *overseas*

3.2.1 Rio de Janeiro

3.2.2 São Paulo

3.2.3. Bahia

IV) Brasil com Z, Bahia com H p.89

Segunda Parte: A Missão Francesa na Universidade de São Paulo

Capítulo II: Lévi-Strauss e o Brasil p.108

Roteiro

I) A Viagem p.111

1.1 A partida

1.2 A etnologia francesa nos anos 30: o contexto resumido

1.3 No Brasil

1.4 O retorno

II) A Narrativa p.159

2.1 Tristes Trópicos

2.2 Visão do Brasil

2.3 Outras viagens

Capítulo III: Fernand Braudel e Pierre Monbeig: os primórdios da história e da geografia na USP p.186

I) Annales, América do Sul, Brasil p.190

II) A viagem de cada um p.210

2.1 Braudel

2.2 Monbeig

III) Duas trajetórias, duas disciplinas, dois brasis p.228

Considerações Finais p.250

Referências Bibliográficas p.261

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas estiveram envolvidas na feitura deste trabalho. Algumas diretamente, pois me acompanharam de perto, lendo e discutindo diferentes versões de cada um dos capítulos. Outras, indiretamente, já que embora não conheçam o texto da dissertação, foram fundamentais na minha formação. Ao lado destas, o auxílio da FORD/ANPOCS durante o ano de 1989 e da FAPESP, entre 1990 e 1991, viabilizaram a pesquisa e a realização do trabalho.

Para ser fiel à cronologia, gostaria de agradecer a José de Souza Martins e Ruth Cardoso, professores da graduação na USP que, de modo absolutamente diversos, me fizeram acreditar que valia a pena. No mestrado, as vozes de Luiz Eduardo Soares e Hugo Lovisolo foram um eco constante.

A entrada no mestrado da Unicamp só foi possível pela ajuda da minha amiga e competentíssima procuradora, Mônica de Souza Gouvêa, que viabilizou minha participação no exame de seleção, estando eu fora do país. Foi no período espanhol que recebi os primeiros ares campineiros através de Carlos Rodrigues Brandão, apresentado por Pichi e Fernando.

Para a tese propriamente dita, tive o privilégio de contar com múltiplas ajudas. Mariza Corrêa, minha orientadora, foi uma figura fundamental em todo o processo,

através da confiança depositada no trabalho, dos palpites certeiros, das referências bibliográficas precisas. Na verdade, tive o apoio da Mariza mesmo antes de conhecê-la, quando, num gesto absolutamente inusual, ela me indicou para colaborar na Revista Brasileira de Ciências Sociais, da ANPOCS, após ter lido um artigo meu na Folha de S. Paulo.

Sem a equipe da "História das Ciências Sociais no Brasil", do IDESP, este trabalho não teria sido possível. Ao Sérgio Miceli, coordenador do projeto, devo não apenas a "co-orientação" da tese mas o aprendizado do que é trabalho, reflexão e generosidade intelectual. Aos ganhos intelectuais propriamente ditos, sobrepõem-se ganhos pessoais inestimáveis, o companheirismo, a amizade.

Aos demais membros da equipe, agradeço a paciência e a seriedade com que leram e discutiram os textos de uma principiante no ofício: Fernando Limongi, Fernando Novaes, Lilia Schwarcz, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Maria da Glória Bonelli, Maria Hermínia T. de Almeida e Silvana Rubino. Heloisa Pontes merece um agradecimento à parte. Além de interlocutora inteligente e minha mais assídua companheira de trabalho, dúvidas e discussões, foi amiga insubstituível durante esses anos de deliciosa convivência.

O grupo de pesquisadores ligados ao projeto "História da Antropologia no Brasil, da UNICAMP, Luiz Henrique Passador, Francisco Tadeu Ribas, Yeda Bocaletto - de cujas discussões participaram João Batista Cintra Ribas e Lu -, contribuiu com críticas e sugestões.

O primeiro capítulo da tese foi discutido com os membros do grupo "Pensamento Social no Brasil", da ANPOCS. Fica aqui o agradecimento a todos que dele participaram e, em especial, a Angêla Castro Gomes e Lucia Lipp de Oliveira, gente rara nos dias que correm.

A Guita G. Debert e Sérgio Miceli, pelas valiosas sugestões feitas no exame de qualificação, que procurei incorporar na medida do possivel.

A Eda e Marcelo Tassara, agradeço a gentileza de terem cedido os depoimentos dos professores da missão francesa, colhidos por ocasião da realização do filme "O Brasil, os indios e, finalmente, a USP".

Ao Rodrigo Naves agradeço a leitura atenta do segundo capítulo e tantas outras ajudas, intelectuais e afetivas.

A Marta Amoroso, amiga querida, pela solidariedade em tempos de gestações e partos.

Aos amigos Antonio Carlos, Eleni, Murilo, Cássia, Betito, Gô, Chico, Gilda, Nilza, Nuno, Sandra e João Moura pelos ótimos momentos que passamos juntos nesses meus anos paulistas. A Sandra Cohen, das coisas boas que ficaram do Rio.

A Virgínia Arêas Peixoto e Francisco Arêas Guimarães, por serem da família. A Elisa Peixoto por ter entrado nela.

Com Vilma Arêas aprendi a ler, escrever e estudar. Como ela mesma disse em outro lugar, só aprendemos com quem amamos.

Ao Alexandre, por ser o que é. Ao Augusto, por tudo e um pouco mais.

Dois Pontos

Este trabalho tem uma história que eu gostaria de contar brevemente. Durante um período em Paris, em 1985, me deparei com diversas notícias sobre o período brasileiro de Claude Lévi-Strauss, diante de sua volta ao país - cinquenta anos depois -, integrando a comitiva do presidente Mitterand. No mesmo ano, morre Fernand Braudel e uma enxurrada de artigos invadem a imprensa francesa. Em alguns deles, encontrei referências a sua estada na Universidade de São Paulo, na mesma época em que Lévi-Strauss.

No final de 1985, fiz um pequeno ensaio para a seleção do mestrado na Unicamp onde falava de viagens, de etnologia e de estrangeiros no Brasil: Bastide, Braudel e Lévi-Strauss. Dois anos depois, ainda indecisa quanto ao tema de tese, ingresso na equipe da "História das ciências sociais no Brasil", coordenada por Sérgio Miceli, no Idesp, e ele me propõe como objeto de investigação para o projeto a análise dos estrangeiros nas ciências sociais brasileiras. Reencontro, então, os franceses, Lévi-Strauss, Bastide e o pequeno ensaio de 1985. O trabalho que agora apresento é, portanto, fruto de minha participação no programa de pós-graduação em Antropologia Social da Unicamp e, em boa parte, resultado da pesquisa realizada no Idesp, entre 1987 e 1989.

A investigação teve início com os franceses, via as missões universitárias às quais estavam majoritariamente ligados: os casos do Rio de Janeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro e Faculdade Nacional de Filosofia) e de São Paulo (Universidade de São Paulo). Num segundo momento, os norte-americanos se incorporaram ao trabalho em curso e ampliaram o escopo das preocupações. Se os franceses foram contratados pelas recém-criadas universidades brasileiras, os norte-americanos constituiam a grande maioria de pesquisadores que recortavam o Brasil de ponta a ponta, levantando material para suas teses de doutoramento.

Os diferentes tipos de inserção destes estrangeiros na sociedade brasileira se relacionavam, de algum modo, com a situação das ciências sociais em seus respectivos países de origem: enquanto na França a sociologia convive com uma certa tradição filosófica (sobretudo alemã) e com a tradição francesa dos estudos históricos e políticos, se relacionando de modo especial com a pesquisa empírica, nos EUA, ao contrário, a disciplina se constitui sob a égide do trabalho empírico. Através da comparação entre franceses e norte-americanos, foi possível perceber que os nexos estebelecidos pelos estrangeiros com o Brasil - via docência e/ ou pesquisa - explicitavam diferentes modalidades de relação intelectual, que se explicavam, de alguma forma, pelos diferentes contextos nacionais. A equação obtida a partir desta leitura poderia ser resumida na fórmula: franceses=docência = norte-americanos=pesquisa.

O universo da investigação, sinteticamente apresentado, encontra-se trabalhado no capítulo primeiro da dissertação. Aí, a idéia era fornecer um quadro geral a partir do qual as presenças estrangeiras nas ciências sociais brasileiras, no período compreendido entre 1930 e 1960, ganhassem inteligibilidade. E isso só foi possível, creio, pela análise comparativa.

Uma vez montado o panorama geral, onde se destacavam alguns nomes, mas cujo acento era a construção de um modelo explicativo mais amplo, foi possível mudar o foco da análise, isto é, colocar a lupa sobre um grupo, um período e mesmo sobre um rosto, sem que o detalhe ficasse reduzido ao episódico ou à mera "curiosidade arqueológica".

O grupo escolhido foi, então, a missão francesa convidada para iniciar as atividades docentes na USP, nos anos 30. A escolha me pareceu estratégica pois o fato de terem vindo organizados na forma de uma "missão universitária" para o setor de humanidades e literatura da USP, auxiliava a delimitação dos contornos de um grupo e de um período, além de ajudar à compreensão do projeto universitário paulista.

Tendo em vista a heterogeneidade do grupo - quase diferentes missões dentro de uma só -, ajustei mais uma vez o foco da análise elegendo alguns personagens através dos quais pudesse avaliar as hipóteses gerais levantadas no capítulo primeiro. Desta forma, as perguntas feitas inicialmente para os estrangeiros como um todo, poderiam ser

agora formuladas para um só personagem e respondidas a partir do exame de trajetórias individuais.

A idéia básica que norteou a investigação, neste segundo momento, refere-se à compreensão da vinda para o Brasil a partir do ponto de vista do próprio estrangeiro. Quer dizer, meu objetivo é avaliar o que significava esta opção no contexto francês da época. Isto é, tentar ler a viagem para o Brasil pelos olhos do viajante.

O momento seguinte da pesquisa consistiu em examinar o período brasileiro na trajetória em questão, quer dizer, tentar dimensionar o lugar ocupado pelo Brasil num dado itinerário. Por último, me atrevi a pensar - ainda que em linhas gerais - o impacto daquela presença nas ciências sociais em constituição na Universidade. Em síntese, o movimento orientador da investigação teve duas direções: pensar o lugar do Brasil na trajetória de um determinado personagem e, concomitantemente, avaliar as marcas deixadas por esses estrangeiros entre nós.

Pensemos agora nos critérios utilizados para a seleção dos personagens estudados. Se tomarmos o grupo de franceses que veio para a USP a partir de 1934, é possível distinguir pelo menos três fases do que se convencionou chamar a "missão francesa". A primeira, diz respeito aos professores titulares da Universidade, nomes já conhecidos na França, que vieram por um curto período - de 6 meses a 1 ano - para inaugurar as cadeiras no setor de ciências humanas e letras. No caso das humanidades, vieram, nesta primeira fase, Pierre

Deffontaines (geografia), Etienne Borne (filosofia), Emile Coornaert (história) e Paul Arbousse Bastide (sociologia) [1].

Num segundo momento, 1935, foram convidados jovens "agregés" [2], em geral professores de liceu sem experiência no ensino superior, com contratos de 3 anos. São desta fase os nomes de Claude Lévi-Strauss (sociologia), Fernand P. Braudel (história), Pierre Monbeig (geografia) e Jean Maugué (filosofia). Alguns deles tiveram seus contratos renovados (Monbeig e Maugué), os outros foram substituidos em 1938 por Roger Bastide (sociologia) e Jean Gagé (história). Estes professores que permaneceram após 1938, puderam ser auxiliados mais de perto por assistentes brasileiros e ficaram um tempo maior no Brasil, até pelo menos o final da guerra (1945). A eclosão da guerra foi, sem dúvida, um fator determinante para a permanência prolongada de alguns nomes e pela interrupção de novas contratações (vide capítulo I).

Num terceiro momento, correspondente ao periodo do pós-guerra, assistimos a chegada de um grande número de professores, em geral visitantes. Não mais se justificava a contratação fixa de estrangeiros já que, a partir dos anos 50, os brasileiros formados pela Universidade, passaram a ocupar as cadeiras deixadas pelos franceses. Os

---

1. O caso de Paul Arbousse Bastide é um pouco diferente dos demais. O sociólogo não era renomado como os outros e tudo leva a crer que seu nome foi lembrado por ser sobrinho de Georges Dumas, o responsável pela seleção dos professores contratados.

2. A "agrégation" é o concurso que dá direito a lecionar nas escolas secundárias.

departamentos de filosofia e de história constituem uma espécie de exceção já que mantiveram uma disciplina ministrada por franceses. O trânsito de professores visitantes para estes departamentos foi também mais intenso[3].

Tal radiografia, que possibilitou a visualização de pequenos sub-grupos no interior do grupo maior, orientou o recorte em direção ao segundo momento. Por que? A análise do primeiro sub-grupo seria interessante se o objetivo fosse o exame da montagem da estrutura universitária e o jogo político das contratações, trabalho que está sendo realizado por Patrick Petitjean com ênfase na compreensão das relações entre a oferta francesa e o tipo de demanda dos contratantes paulistas.

O terceiro momento foi de imediato descartado já que aí é muito mais delicado falar de um "grupo" ou de um "sub-grupo" diante da heterogeneidade dos nomes convidados e também por se tratar de um momento posterior, quando a Universidade já se encontra estruturada, tendo formado suas primeiras turmas. Perderíamos, então, a fase de constituição das disciplinas.

A etapa que chamei de segunda, me pareceu a mais adequada para a análise proposta. Trata-se ainda do período

---

3. Vide o Anexo do capítulo 1, o capítulo 3 e o Relatório de J.R. Araújo, Azis Simão e Eduardo O. França, intitulado "Université de São Paulo, Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines. Rapport sur les professeurs français (1934-1987) in <u>France-Brésil - vingt ans de coopération (science et technologie)</u>, Paris, IHEAL/ Grenoble, PUG, 1988, p. 17-25.

inaugural das cadeiras e dos primeiros cursos. Os professores franceses pertencem a uma mesma geração, formaram-se em contextos idênticos. O "sub-grupo" em questão para o trabalho é composto, então, por Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Pierre Monbeig e Jean Maugué, do qual se aproximam, um pouco mais tarde, Roger Bastide e Jean Gagé.

Se olharmos detidamente para estes personagens percebemos que eles ainda podem ser subdivididos. Tomando como critério distintivo os tempos de permanência no Brasil, é possível pensar em diferentes modalidades de relação que se estabelecem com o país. Teríamos, então, o grupo que cumpre o contrato padrão com a Universidade e retorna à França (Lévi-Strauss e Braudel) e os que ficam um período maior (Monbeig, Maugué, Bastide e Gagé).

Pensar o período brasileiro nas trajetórias de Lévi-Strauss e de Braudel significa recortar uma etapa particular, iluminar um momento especifico de seus itinerários; para os demais falar em Brasil implica em designar grande parte da carreira e da obra de cada um deles. Em suma, no interior do sub-grupo escolhido encontram-se dois tipos de trajetória: uma, onde o Brasil é lugar de passagem e outra, onde o itinerário mesmo se confunde com o período brasileiro.

E o trabalho começa pelos personagens que passaram pelo Brasil e não pelos que ficaram. Por que razão? O caminho escolhido não deveria ter sido exatamente o oposto já que os últimos, estes sim, teriam efetivamente influenciado as

ciências sociais brasileiras e marcado a formação das primeiras gerações? Explico. O interesse da análise dos casos de Lévi-Strauss e Braudel reside, antes de mais nada, em nadar contra a corrente das interpretações geralmente feitas sobre os dois autores que, de modo geral, minimizam a importância da passagem pelo Brasil na constituição de suas futuras obras e carreiras. O capítulo II da tese, dedicado a Lévi-Strauss, por exemplo, defende a importância decisiva do período brasileiro na formação do etnólogo. Se para Braudel, por sua vez, o Brasil não se transformou em objeto de estudo, permitiu o acesso a um campo novo, não apenas para ele, mas para um grupo de historiadores ligados à escola dos Annales (capítulo III).

A análise de um momento, à primeira vista desimportante para a compreensão dos autores em pauta, revelou-se também um rico objeto pelo seu valor metodológico: através destes dois casos - Braudel e Lévi-Strauss - é possível perceber que uma história das idéias stricto sensu (entendida como exclusiva interpretação das obras e dos paradigmas) deixa escapar elementos muitas vezes fundamentais para o entendimento da própria obra. Neste campo, por exemplo, seria impensável discutir o período brasileiro de Braudel já que ele não escreve uma linha sequer sobre o país. O domínio da história intelectual, campo interdisciplinar por excelência, permite que transitemos com maior liberdade pelos domínios "extra-texto", não com o intuito de recusar a

obra mas, ao contrário, procurando resgatá-la por uma outra dimensão.

O estudo das trajetórias de Lévi-Strauss e Braudel a partir da passagem pelo Brasil exigiu um determinado tipo de tratamento analítico. Aí o que importava para o trabalho era muito mais o cenário externo - o contexto da etnologia e da historiografia francesa onde foram formados - do que o cenário interno, a sociedade paulista onde estiveram por pouco tempo. O esforço interpretativo concentrou-se, então, na compreensão da viagem para o Brasil no interior da cena francesa do período.

O exame dos casos de Bastide e Maugué, por exemplo, inverteriam a direção da pesquisa. Para entender suas trajetórias e o lugar ocupado pelo Brasil em seu interior, seria preciso mapear o campo intelectual brasileiro, principalmente o paulista, nos anos 30 e 40, já que a inserção deles aí foi decisiva.

Se Pierre Monbeig está mais próximo destes dois últimos nomes em razão de sua longa estada no país, e portanto exige um esforço compreensivo do mesmo tipo que Bastide e Maugué, foi incorporado ao trabalho ao lado de Braudel, pois como era ligado aos Annales, reforçava o argumento da entrada deste grupo no Brasil através da missão francesa da USP. Monbeig e a geografia são utilizados sobretudo como complemento (e contraponto) à história e à trajetória de Braudel; não são objeto de análise exaustiva.

Em síntese, ao eleger Braudel e Lévi-Strauss como objetos privilegiados da análise, a ênfase do trabalho recai muito mais sobre a avaliação de tipos particulares de relação intelectual entre França e Brasil (logo, entre centro e periferia) - onde o Brasil aparece como possibilidade de especialização temática (Lévi-Strauss) e como "campo rico de experiências" (Braudel) - do que sobre a análise do impacto destas presenças nas ciências sociais em constituição na Universidade. Afinal, as influências de Braudel e Lévi-Strauss entre nós - bem como em todo o mundo - deu-se sobretudo através de suas obras, construídas posteriormente, e não se confunde com o período em que aqui estiveram.

O exame detido dos casos de Roger Bastide, Pierre Monbeig e Jean Maugué, estes sim, nos permitiriam colocar o acento no problema do impacto. Foram estes personagens, e não os dois primeiros, que, ao permanecerem, deixaram profundas marcas entre nós. Embora não tenham se tornado sumidades intelectuais como Braudel e Lévi-Strauss, são figuras- chaves para a compreensão da produção em ciências humanas no Brasil, a partir dos anos 30.

Primeira Parte: Estrangeiros e Ciências Sociais Brasileiras

"A unificação da proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição do estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação". George Simmel, "O estrangeiro".

Capitulo I:

Redescobrindo o Brasil: Franceses e Norte-Americanos, entre 1930 e 1960

I) Preâmbulo

Tomando como suporte para a análise as presenças francesa e norte-americana nas ciências sociais brasileiras, o objetivo deste capitulo é contribuir para a avaliação das relações intelectuais Brasil-França e Brasil-Estados Unidos, como também para a reflexão sobre as implicações destas presenças estrangeiras na constituição de um novo campo intelectual no Brasil, quando começam a fazer parte do cenário cultural a Universidade e os especialistas.

O contexto mais amplo que orienta a análise é, portanto, o periodo compreendido entre 1930 e 1960, época de criação e crescimento das universidades brasileiras. Nestes trinta anos, serão focalizados momentos e situações particulares: São Paulo nos anos 30, com a chegada da missão francesa para inaugurar as atividades docentes na USP, e no periodo 40/50, quando Donald Pierson encontra-se na Escola Livre de Sociologia e Politica; Rio de Janeiro, com os acordos e projetos desenvolvidos através do Museu Nacional (30, 50/60) e o INEP (50); finalmente, Bahia, palco de grandes projetos de investigação a partir de 1950.

Tal análise permite explicitar dois padrões distintos de relação intelectual: os franceses, que têm a "missão" de trazer ensinamentos cientificos e humanistas cá para os

trópicos, e os norte-americanos, para quem o Brasil é campo de investigação, objeto de doutoramento.

O Brasil elege os franceses como mestres. Os norte-americanos escolhem o Brasil como objeto. Docência e pesquisa, dois modos distintos de relação com o Brasil que têm origens em dois modelos contrastantes de ciências sociais, tanto em termos dos paradigmas orientadores, como também pela história da institucionalização das ciências sociais nos dois países.

II) O Brasil, os franceses, a USP

As missões científicas dos anos 30 não constituem um caso excepcional da presença francesa em território brasileiro. Desde o período inicial da história do Brasil, como é sabido, os "aventureiros" franceses são inúmeros e as tentativas fracassadas de disputar com os portugueses a primazia da colonização, sucessivas. De fato, durante os séculos XVI e XVII, os franceses não se cansam de "descobrir" o Brasil[1]. As expedições se sucedem: Villegagnon e Boi-le-Comte no Rio de Janeiro, Daniel de La Touche, no Maranhão. Os cronistas destas expedições narram seus feitos e desventuras: o protestante Jean de Léry, o franciscano André Thevet e o capuchinho Claude d´ Abeville (BARBOSA, 1962).

Os séculos XVIII e XIX, a exemplo dos anteriores, continuam povoados por visitantes franceses. A. L. Garraux, em sua monumental *Bibliographie Brésilienne*, registra sua vastíssima influência até 1898, isto é, no Brasil-Colônia, no Brasil-Império e no início da República.

---

1. Marlyse Meyer, em um interessante ensaio intitulado "Um eterno retorno: as descobertas do Brasil" (Cadernos Ceru, n.13, 1980, p.23-46) trabalha as sucessivas "descobertas do Brasil" como tema recorrente na cultura brasileira, desde o descobrimento fundador (a carta de Caminha) até os "brasilianistas".

O século XIX, especialmente, assiste à chegada de um número impressionante de estrangeiros ao Brasil, com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808). O país se abre, a partir desta data, como campo de investigação para os cientistas europeus. Várias expedições, de nacionalidades distintas, cruzam o território brasileiro: "Começa o Brasil a ser visitado por toda sorte de viajantes. Pintores à procura de paisagens, botânicos, zoólogos, etnógrafos, geólogos, turistas dos dois sexos, ávidos de sensações novas, comerciantes, príncipes dados às ciências naturais. As academias científicas européias induzem os governos a mandarem missões ao Brasil, os diplomatas trazem adidos às suas embaixadas, intelectuais de valor, que aproveitam a estadia para estudar o país" (MORAES, 1940, p. 11).

No que diz respeito aos franceses, destaca-se a presença do naturalista Saint-Hilaire, que desembarca no Brasil em 1816 e aqui levanta material para uma importante obra científica (*Flora Brasilae Meridionalis*, 1822), além de deixar registradas suas andanças pelo país em nove volumes. Nesta mesma época, ainda sob os auspícios da Coroa portuguesa, vem ao Rio de Janeiro uma missão cultural francesa, convocada por D. João VI, para a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. O mestre mais conhecido do grupo, Jean Baptiste Debret, relata seus quinze anos de vida brasileira na grandiosa *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Não é à-toa que são os franceses os estrangeiros

eleitos para integrarem tal missão. A França é um modelo de "inteligência" já para Portugal, país fortemente marcado pela influência francesa (BARBOSA, 1962, p. 21).

E inegável que no século XIX, e mais precisamente na passagem do Império para a República, o modelo francês (leia-se *parisiense*) funciona como organizador da vida cultural carioca[2]. Se no Rio de Janeiro a influência francesa é fortemente sentida nas idéias, costumes e modo de vida, São Paulo, cidade menor que a Corte, também inicia seu processo de "afrancesamento": "... Não somente os políticos falavam e agiam segundo o modelo de Guizot e Thiers, mas tudo se fazia copiando os figurinos e as revistas de Paris: roupas, chapéus, casas, reuniões, solenidades" (BARBOSA, 1962, p. 27).

Garraux, que se transfere para São Paulo por volta de 1860, tem um papel decisivo neste processo, já que as livrarias representavam, entre outros, um foco irradiador da literatura e da cultura francesas.

Mas não apenas os franceses e, com eles, a França vêm até o Brasil; brasileiros também saem para estudar na metrópole cultural da época. Os grandes nomes do café, por

2. "O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e os livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio" (SEVCENKO, 1983, p. 36).

exemplo Martinho Prado, Elias Chaves, bem como o Barão de Piracicaba, ao lado de outras figuras de sua geração, formam-se em Paris, ou pelo menos, estabelecem fortes elos com a cidade (BARBOSA, 1962, p. 29). Tal trânsito se mantém e até se intensifica no século XX, quando é relativamente comum aos membros de uma certa elite estudarem na França ou em universidades européias (Paulo Prado, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, Rui Paula Souza, entre outros).

O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, particularmente o período anterior a I Guerra Mundial, podem ser descritos como um momento de intenso contato com a França. No plano científico, são as idéias de evolução, o darwinismo, o positivismo e o materialismo que encontram eco nas elites políticas e intelectuais brasileiras. No plano cultural, a literatura de Zola, Maupassant, Verlaine e Rimbaud, além das obras dos naturalistas, dos simbolistas, dos impressionistas. Circulam também no Brasil os filmes da Pathé Freres e da Gaumont, o teatro de Regina Badet, Suzanne Depres e Sarah Bernardt (SCHWARTZMAN, 1979, p. 86 e BROCA, 1975, p. 9).

Se a cultura francesa teve um grande impacto em todo o mundo neste mesmo período, é preciso lembrar que na América Latina tal trânsito de idéias esteve amparado por um sólido suporte institucional, principalmente no que diz respeito à cooperação científica. Em 1908 se reunia pela primeira vez, em Paris, o comitê fundador do Groupement des Universités et Grandes Ecoles de France pour les relations avec l'Amérique

Latine, visando desenvolver as relações intelectuais entre a França e a América Latina de modo geral e, em particular, promover a Universidade e a ciência francesas no exterior. O Groupement tinha como programa básico "manter e desenvolver as afinidades intelectuais entre os latinos da América e os da França, organizar uma colaboração metódica das Universidades e Grandes Escolas francesas e americanas, tornar a América Latina conhecida na França" (LESCA apud MARTINIERE, 1982, p. 55).

Tal Groupement, fundado e dirigido por intelectuais de prestígio no cenário francês [3], contou com o apoio de duas estruturas administrativas: o "Fond pour l'expansion universitaire et scientifique de la France à l'etranger" (criado em 1912 com verba do Ministério de Assuntos Estrangeiros) e o "Service des Oeuvres français à l'étranger", criado em 1919. "A constituição destas duas estruturas administrativas permitiu reforçar, sensivelmente, as atividades desenvolvidas por uma instituição especializada, criada em 1889, a Aliança Francesa. Tal associação tinha como tarefa primeira assegurar a promoção da língua francesa nas colônias e no exterior. A língua se

3. O presidente do Groupement era Louis Liard, vice-reitor da Universidade de Paris. Do conselho faziam parte: o presidente Paul Appell (matemático, *doyen* da Faculdade de Ciências Médicas de Paris e futuro reitor da Academia), Emile Bourgeois (historiador, professor na Sorbonne), Larnaude (da Fac. de Direito), Henri Le Châtelier (físico), Louis Olivier (diretor da *Revue Génerale des Sciences*), Pelletan (sub-diretor da Escola Nacional de Minas) e o físico Lucien Poincaré ((diretor do ensino secundário do Ministério da Instrução Pública). Cf. Martiniere e Chonchol, 1985, p. 60/61.

revelou, até a I Guerra Mundial, um instrumento fundamental para a irradiação francesa na América Latina junto as elites, a quem um saber deveria ser transmitido" (MARTINIERE, 1985, p. 62).

Ernest Martinenche, professor de língua e literatura espanhola na Sorbonne, será o secretário do Groupement a partir de 1909 e o responsável pela publicação de uma revista, *Bulletin de la Bibliotheque Américaine*, que vem a público em 1910. Também é obra do Groupement a fundação em Paris de um *comité d'accueil* a estudantes estrangeiros (do qual Dumas fez parte) e a criação de um *livret de l'étudiant en France*, distribuído em toda a América Latina. Outro beneficiário direto do Groupement des Universités foi o Comité France-Amérique, fundado em 1905 e presidido por Gabriel Hanotaux, com o objetivo de unir as duas Américas, a do Norte e a do Sul, ligando-as mais diretamente à França.

Se Martinenche é o elemento de ligação com os países de língua espanhola da América Latina (principalmente Argentina, Peru e México), Georges Dumas, filósofo, médico e

psicólogo francês, permite ao Groupement estabelecer elos com o Brasil [4].

A origem dos contatos de Dumas com o Brasil remonta a 1907-1908 quando ele é convidado por um de seus alunos brasileiros para dar conferências no Rio e em São Paulo. Paul Appell, ao tomar conhecimento da viagem, pede a Dumas que viabilize a atuação do Groupement no pais. Quando retorna ao Brasil em 1917/8, enviado pelo Governo francês como médico do exército (é dessa época a criação do Hospital Brasileiro), aproveita para detalhar o plano de criação de liceus franceses no Brasil. De fato, é o ensino secundário e a criação de liceus franceses na América Latina, a grande meta do Groupement des Universités: "O liceu francês deveria dar à cultura nacional brasileira, a cultura francesa tal

---

4. Georges Dumas (1866-1946), pensador de origem protestante, construiu sua carreira entre a medicina e as letras. Após a conclusão de seus estudos secundários no liceu de Nimes, ingressa com 20 anos na *Ecole Normale Supérieure* (Letras), onde é diplomado em 1886. Em 1889, torna-se *agregé* em filosofia; em 1894, diploma-se em medicina e em 1900, obtem o *doctorat-es-lettres*. Já em 1886, torna-se chefe do laboratório de Psicologia Patológica da Clínica de Doenças Mentais da Faculdade de Medicina, posto que conservará até a sua aposentadoria. De 1894 a 1902, leciona filosofia no College Chaptal e a partir de então torna-se o responsável pela cátedra de Psicologia Experimental na Sorbonne. Escreveu: Tolstoi et la philosophie de l'amour; Les états intellectuels dans la mélancolie; La tristesses et la joie; Psychologie de deus messies positivistes (Auguste Comte et Saint-Simon); La sourire; Névrose et psychose de guerre chez les austroallemands. Contribuiu com seus trabalhos para o desenvolvimento da Psicologia Experimental e fundou com P. Janet *Le Journal de Psychologie Normale et Pathologie* (1904). Sob sua direção foi publicado um importante Traité de Psychologie (1923-4), reeditado em 1930-1948 (Cf. "O professor Georges Dumas na Universidade de São Paulo" in Archivos do Instituto de Educação, n.4, 1937, p.217-225).

como ela está organizada nos liceus de Paris... Associar o Brasil a nós não é absolutamente tentar a conquista intelectual deste país... é simplesmente aconselhá-lo. Longe de se chocarem, os interesses são os mesmos... mais o brasileiro se aproxima da França, mais ele se encontra com ele mesmo. Ele é latino como nós..." (DUMAS apud MARTINIERE, 1982, p. 63).

Os anos 20 assistem ao funcionamento de importantes instituições culturais franco-brasileiras: em 1925, por exemplo, Dumas vem ao Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, no Rio de Janeiro (fundado em 1922 pelo Service des Oeuvres e pelo governo carioca), em companhia de Germain-Martin, Paul Janet e Marchoux. Em 1926, o mesmo Dumas se encontrava no Liceu Franco-Brasileiro de São Paulo, criado no ano anterior também por iniciativa do Service des Oeuvres, tendo como aliados o governo paulista e o grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*, e que é considerado um embrião da futura Universidade de São Paulo[5].

Segundo Cruz Costa, aqui estiveram o psicólogo Henri Pierón (1925); Georges Dumas, no ano seguinte; em 27, P. Fauconnet e o padre Yves de la Briere, diretor da revista *Etudes*; Paul Rivet, em 28, e o também psicólogo Pierre Janet (1929). Fauconnet e Georges Dumas, já na segunda metade de 1927, enfatizavam a necessidade de criação de uma Faculdade

5. "...muito antes da fundação da nossa faculdade, já os professores franceses aqui tinham um saliente papel. Foram eles, nos saudosos cursos de conferências de outro tempo, que prepararam o caminho que iria levar à fundação da nossa atual faculdade" (CRUZ COSTA, 1945).

de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo. Neste sentido, Dumas teria se comprometido a enviar, anualmente, ao Brasil professores de várias Universidades francesas (CARDOSO, 1982, p. 61-2). Data desse período, também, a criação de uma cadeira de estudos brasileiros na Sorbonne, inaugurada em 1911 por Oliveira Lima e ocupada, em 1912, pelo geógrafo Arrojado Lisboa e, em 1913, pelo jurista Rodrigo Otávio [6].

Georges Dumas, como vimos, é uma figura chave na organização da vinda dos franceses para a FFCL da USP, criada em 1934, tendo como braço direito Jean Marx do Service des Oeuvres. A história corrente sobre as contratações diz que Júlio de Mesquita Filho encarregou Teodoro Ramos, matemático e professor na Escola Politécnica, de ir à Europa convidar professores. Seu itinerário era

6. Para uma visão comparativa da atuação do Groupement no Brasil e na Argentina, cf. Patrick Petitjean, "Le Groupement des Universités et Grandes Ecoles de France pour les relations avec l'Amérique Latine et la création d'Instituts a Rio, São Paulo et Buenos Aires (1907-1940)", Anais do II Congresso Latino Americano de História da Ciência e da Tecnologia, São Paulo, Nova Stella, 1989, p.428-442.

Itália (onde foram escolhidos os matemáticos principalmente) e França, onde Dumas elegeu os nomes [7].

As missões universitárias dos anos 30 devem ser entendidas, então, como um desdobramento desse intercâmbio que se intensifica com a criação dos liceus no Brasil (o do Rio de Janeiro é de 1915)[8]. A criação da Universidade com missões francesas atende a um duplo interesse: por um lado, o interesse francês na "conquista" da América (e do Brasil); por outro, a demanda da elite local brasileira no sentido de ilustrar-se, de modernizar-se, de formar quadros. Dumas não poderia ser mediador mais adequado: médico (chega ao Brasil num momento de grande êxito da Medicina, em virtude do vitorioso combate à febre amarela e à variola no Rio de

7. A versão de Paul Arbousse Bastide sobre o assunto merece ser assinalada: "Bom, como aconteceu? Então, designaram um professor brasileiro que se chamava Teodoro Ramos para viajar a Europa a fim de contratar professores. Não sei bem se houve uma influência italiana, sua viagem foi orientada para Roma, Itália. Não sei se atrás disso houve já uma escolha, mas Júlio Mesquita telefonou ou mandou un telegrama a seu amigo Georges Dumas; um professor encarregado que vai a Roma, ele vai passar por Paris depois, mas é o encarregado. Ele foi a Roma porque talvez as relações com Roma fossem boas nesse tempo. Logo, logo, Dumas foi a Roma, ele foi lá encontrar com Teodoro Ramos. Não tinha idéia de roubar qualquer coisa pré estabelecida com os italianos, mas que seria um prazer se ele contratasse também professores como nós" (...) Dumas escolheu ditatorialmente segundo seu palpite" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1981/4, p. 20-1). Além dos italianos e franceses, Teodoro Ramos contratou uma comissão de alemães, um professor português (para a cadeira de Lingua e Literatura Portuguesa) e um espanhol (para a cadeira de Língua e Literatura Espanhola). Ver Schwartzman, 1979, p. 209.

8. Martiniere chama a atenção para o fato de que a criação de liceus franceses na América Latina foi complementar a criação das Alianças Francesas e a atuação de várias congregações religiosas, extremamente atuantes no plano educacional (1985, p.80).

Janeiro) e especialista na filosofia comteana - não é preciso lembrar o sucesso do positivismo no Brasil (MARTINIERE, 1982).

Não podemos esquecer, entretanto, que tal plano de aproximação intelectual da França em relação à América Latina insere-se num projeto político mais amplo. O Groupement, por exemplo, tem ligações com o Ministério dos Assuntos Exteriores. Aos interesses políticos propriamente ditos, somam-se os interesses econômicos: "Um interesse específico pela América Latina, universitário, científico e também cultural e artístico, se manifestou há muitos anos. Mas os aspectos comerciais e econômicos não estiveram ausentes daquelas preocupações. A aproximação política entre a França e a Itália teve repercussões no domínio bancário acarretando, em 1910, a criação do Banco Francês e Italiano para a América Latina, ancestral do Sudameris. Louis Dapples, um dos diretores do Banco Comercial Italiano aproveitou a oportunidade de recuperar o ativo do Banco Comercial Italo Brasileiro com a participação do Banco de Paris e dos Países Baixos, e da Société Générale.

Deste modo, as relações comerciais e financeiras entre a França e a Aérica Latina encontravam-se intensificadas no começo do século, num nível onde o único concorrente à altura, e tradicional, era a Grã-Bretanha" (MARTINIERE, 1985, p. 72).

A França, como procuramos mostrar, monta um dispositivo institucional para viabilizar sua penetração na América

Latina e no Brasil. Por outro lado, as elites locais, fortemente marcadas pelo modelo intelectual e cultural francês, querem intensificar suas relações culturais com a nação francesa. Quer dizer: o interesse de aproximação tem dupla mão.

Os franceses e a França estão *partout* na São Paulo dos anos 30. Os professores que vieram inaugurar a USP não destoam da vida cultural local ao darem suas aulas em francês, por exemplo. Para boa parte dos alunos das primeiras turmas da USP, a língua e a cultura francesa fazem parte do cenário cotidiano; o cinema de René Clair e Marcel Carné, as antigas *chansons à boire* ao lado de Maurice Chevalier e Piaff, o teatro de *L'Atelier*, isto sem falar em Mauriac, Gide e Benjamim Constant (SOUZA, Gilda, 1981/4, p. 34-157). P. A. Bastide confirma: "Na época vigorava, ainda, uma universalidade da língua francesa que chegou a nos surpreender (...) Sem ser grã-finos, nossos alunos tinham um conhecimento suficiente do francês. O mesmo não ocorreu com os professores italianos e alemães que chegavam conosco" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1978). Ou, nas palavras de Lévi-Strauss: "Naquela época um francês poderia se sentir em casa no Brasil. Todo brasileiro um pouco cultivado, falava francês (LEVI-STRAUSS, 1983).

E interessante pensarmos, a título de comparação, a situação carioca. A Faculdade Nacional de Filosofia é criada em 1939, seguindo de perto a experiência paulista. E Dumas, mais uma vez, o intermediário na contratação de professores

franceses. A diferença é que no Rio este convite foi realizado por vias oficiais, com autorização direta de Vargas. Além disso, um requisito básico é exigido dos novos professores: que sejam ligados à Igreja. São eles: Poirier (filosofia), substituindo Gouthier, Ombredonne (psicologia), Jacques Lambert (sociologia), que já havia estado em Porto Alegre em 37, Fortunat Strowski (literatura francesa), André Gros (politica), Gilbert (geografia humana), Antoine Bon (história antiga e medieval) e Maurice Byé, que também esteve em Porto Alegre, em 37, substituindo François Perroux (SCHWARTZMAN *et alii*, 1984).

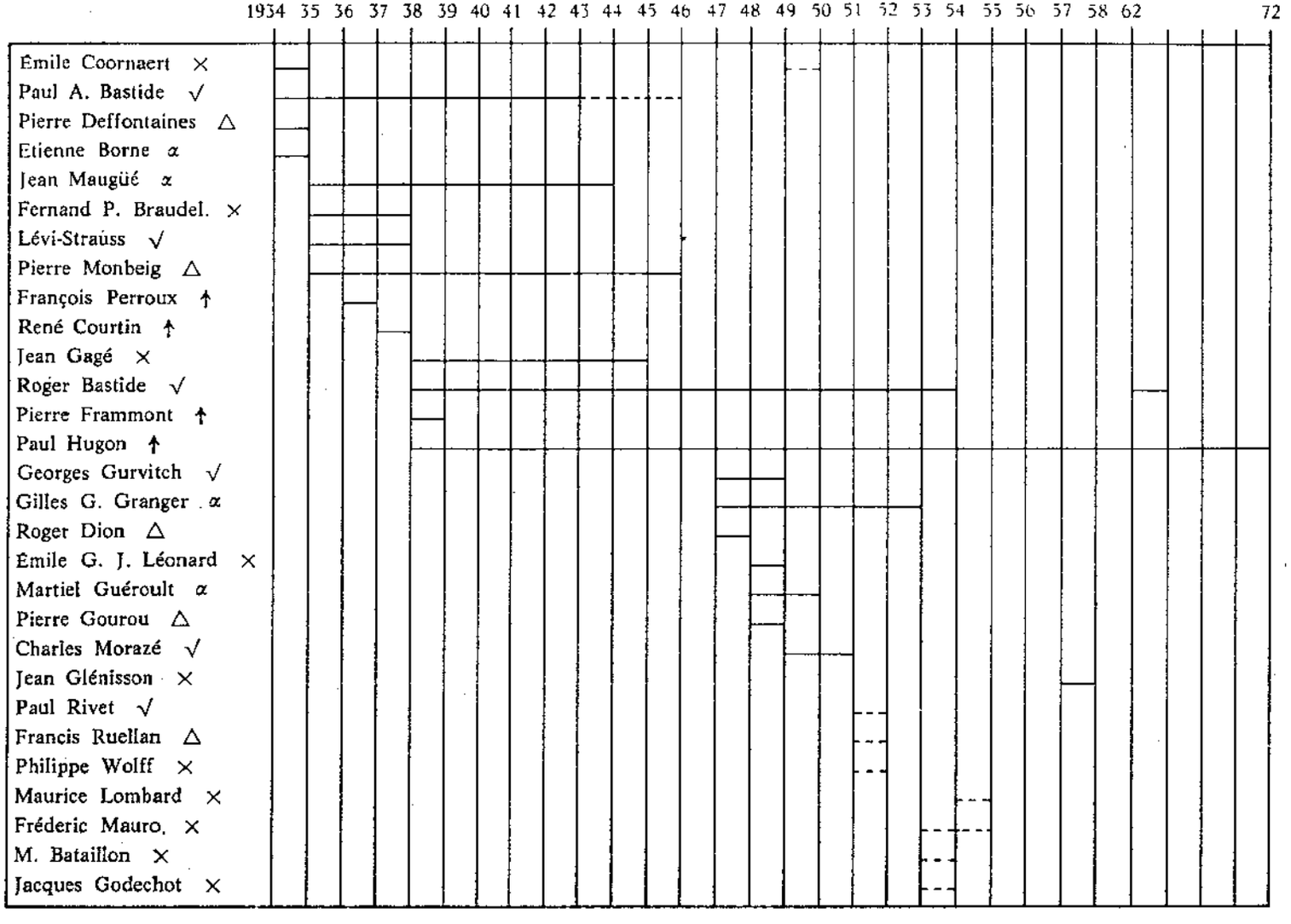
Não podemos esquecer que coube a um outro grupo de franceses iniciar as atividades da Universidade do Distrito Federal, em 36: Emile Brehier (filosofia), Eugene Albertini, Henri Hauser, Henri Troncon (os três de história), Gaston Léduc (linguística), Pierre Deffontaines (geografia) e Robert Garric (literatura). Sobre os dois últimos sabemos que, ao lado de François Perroux, lecionaram no Rio e em São Paulo: "São os únicos da turma que tinham contato com o Rio, o resto da turma, nós não, lá era Getúlio" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1978, p. 16).

2.1 Franceses no plural

"...para compreender a sua contribuição é preciso encarar esses mestres como um grupo diferenciado, onde

QUADRO I

MISSÃO FRANCESA — USP



LEGENDA

× — Historiador (cadeira de H. da Civilização)
√ — C. Social (cadeira de Sociologia, Antropologia e C. Política)
△ — Geógrafo (cadeira de Geografia F. e Humana)
α — Filósofo (cadeira de Filosofia, H. da Filosofia e Psicologia)
† — Economista (cadeira de Economia P., Finanças e H. das D. Econômicas)
— — — — professor visitante

alguns se absorviam na especulação, outros se voltavam imediatamente para o concreto..." (SOUZA, A. Cândido, 1981-4, p.117)

Quando pensamos nos mestres franceses que vieram inaugurar a FFCL da USP, a primeira imagem que ocorre é a de jovens em início de carreira, sem títulos nem publicações. Como toda imagem, esta não é falsa em si mesma, porém obscurece diferenças que explodem por todos os lados: nas biografias, nas procupações teóricas, nos estilos em sala de aula, nas relações com a sociedade brasileira etc. O olhar que secciona e distingue parece ser, então, a ferramenta mais útil para a construção destes personagens.

O tempo de permanência no Brasil é um primeiro elemento diferenciador. Em um rápido passar de olhos pelo quadro I, tal fato se evidencia: linhas que se interrompem rapidamente, outras que se estendem. Vemos também com clareza que entre 34 e 39 o fluxo é intenso, registrando chegadas anuais. De 39 a 45 - período da guerra -, o branco revelador de ausência indica a interrupção deste processo, que só seria retomado a partir de 46. Os professores deste período pós-guerra são em menor número e permanecem menos tempo no Brasil (com exceção de Granger, que fica seis anos). Por outro lado, professores visitantes passam pela Universidade: alguns novos, como Francis Ruellan e Philippe Wolff, outros, velhos conhecidos (Coornaert, Braudel, Rivet).

O período da guerra foi responsável não só pela interrupção do fluxo, mas também pela permanência prolongada de alguns, como Pierre Monbeig, P. A. Bastide e Roger Bastide. Foi uma época difícil para os professores que aqui ficaram, de acordo com os depoimentos de Jean Maugué e P. A. Bastide. Segundo este último, houve um novo momento de ataque à missão francesa, após a campanha de 37 iniciada pelo jornal *A Gazeta*, com o apoio dos integralistas, liderada por Casper Líbero: "Denunciaram publicamente o fato, que era real mas era segredo, de que nós tínhamos aderido ao movimento de De Gaulle, que os professores estrangeiros estavam fazendo política na Universidade. Havia os franceses que se conformaram com Vichy e os franceses que apoiaram a resistência de De Gaulle. Até que o Brasil entrou na guerra! Tudo mudou!" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1981-4, p. 31).

Tal campanha "nos acusava de subversivos, porque não tínhamos qualquer tabu político. Alguns ex-integralistas aderiram à campanha, alguns professores integralistas daquilo que seria a PUC e diferentes alas da direita também nos combateram (...). Com a nomeação do professor Alexandre Correia como diretor da FFCL, multiplicaram-se os boatos de que os professores franceses teriam seus contratos extintos. As pressões eram sutis. Ele nos obrigou, por exemplo, a dar nossas aulas em português" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1978).

Aos distintos tempos de permanência no Brasil, agregam-se outros traços que nos auxiliam a compor o perfil do grupo de professores franceses como heterogêneo por definição. No

grupo havia católicos (Deffontaines, Borne) e protestantes (Os dois Bastides, Léonard); casados (Braudel, Lévi-Strauss, Monbeig) e solteiros (Maugué, Roger Bastide). As aulas, como não poderiam deixar de ser, primavam pela diversidade. As de Maugué reunia grupos extensos e, não raro, as discussões se estendiam nos almoços na casa do professor ou na Confeitaria Vienense onde os "discípulos de Maugué" costumavam se reunir[9]. As de Roger Bastide - apesar do "obscuro e cacete curso de estréia sobre Le Play" - costumava empolgar os alunos; o curso sobre o barroco, por exemplo, foi "deslumbrante". Monbeig, por sua vez, era um professor exigente, "um homenzinho terrível, queimado de sol" (ARBOUSSE-BASTIDE e COELHO, 1981).

Paul Arbousse Bastide constituía tipo especial: "Os estudantes chamavam Bastidão a P. A. Bastide para distinguí-lo do Bastidinho, isto é, do miúdo Roger Bastide, seu amigo desde a mocidade (...). Paul Arbousse Bastide era de fato enorme, de gestos lentos, grossa voz monótona, abafada e meio nasal, muito inflexivo e vagaroso nos trabalhos (...). Como professor não era atraente. Suas aulas eram monocórdicas, sem amenidade, implacavelmente concentradas nas matérias" (SOUZA, A. C., 1985).

Mas eram estes professores da missão francesa jovens em início de carreira, como afirma o próprio Maugué em sua autobiografia? A afirmação é válida para os que aqui

9. Conferir os depoimentos de Ruy Coelho e Gilda de Mello e Souza no número comemorativo da revista Língua e Literatura, n.10-13, 1981-4.

chegaram no ano de 1935. Os professores que inauguraram as cadeiras em 1934 - Emile Coornaert, Etienne Borne e Pierre Deffontaines -, ao que tudo indica, eram nomes conhecidos no sistema universitário francês, o que dava prestígio à jovem universidade. Os professores contratados para substituí-los - Lévi-Strauss, Maugué, Monbeig e Braudel -, estes sim, eram "agregés" sem experiência no ensino superior. O Anexo I, mesmo incompleto, auxilia a visualização das carreiras, esclarecendo a composição dos sub-grupos. E preciso lembrar que o objetivo aqui não é a avaliação efetiva da carreira francesa - tarefa para a qual não estariamos preparados pela insuficiência de dados -, mas desenhar itinerários particulares, sublinhando o lugar ocupado pelo Brasil no percurso de cada um dos personagens.

Feitas esta consideração, olhemos para o que o Anexo I nos mostra. Em relação às idades, fica claro que os mais jovens pertencem à leva de 1935 (Lévi-Strauss e Monbeig) e que os professores que chegaram em 1934 têm idades mais avançadas. Tomando o grupo maior como referência, é Emile Léonard o mais velho, com 57 anos. Em relação às carreiras, é possível visualizar: alguns professores de liceu sem experiências no ensino superior (Maugué, Lévi-Strauss, Monbeig e Roger Bastide) e outros com curta experiência no ensino superior (Jean Gagé e Paul Arbousse Bastide). Fernand Braudel, no contexto dos seus companheiros da "segunda missão", é o único que havia lecionado em grandes liceus de Paris e que possuía uma experiência maior como docente na

Argélia. Os doutores se localizam, grosso modo, entre os primeiros (Coornaert e Deffontaines) e no período pós-guerra (Léonard, Frommont, Glénisson). A exceção maior seria François Perroux, professor na USP entre 36 e 37, já doutor em direito e professor nas Faculdades Católicas de Lille.

A imagem inicial do grupo como jovens em inicio de carreira, como vemos, aplica-se aos professsores que chegam no ano de 35. Eles não possuiam ainda projeção no meio intelectual francês: davam aulas em liceus ou em faculdades foram de Paris, publicavam nas regiões em que lecionavam. Paul-Arbousse Bastide afirma ser esta uma diferença entre os professores do Rio e de São Paulo: "Mas a inspiração do Rio foi bem diferente, lá eram chamados professores já consagrados, já medalhões" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1978).

Por falar em Arbousse-Bastide, fica evidente pelo Anexo I que ele é o único elemento destoante da "primeira missão", composta por nomes já bem colocados no sistema universitário francês. Provavelmente, os laços de parentesco com Georges Dumas favoreceram a sua contratação naquele período.

Entre os diversos subgrupos, Georges Gurvitch talvez seja a maior exceção em termos de carreira. Russo de nascimento, inicia sua vida acadêmica na Universidade de Leningrado e, posteriormente, ingressa na de Praga. Obtém a nacionalidade francesa em 1929 e inicia a carreira na França com êxito. Em 1935, substitui M. Halbwachs na Universidade de Strasbourg; em 1946, após período nos EUA, funda o *Centre d'Etudes Sociologiques*, como o apoio do CNRS e os *Cahiers*

Internationaux de Sociologie, editados pela Seuil e depois PUF. Neste período vem para o Brasil, regressando à França em 1949.

A partir de um exame rápido das trajetórias, é possível dizer que, de modo geral, o Brasil teve algum tipo de repercussão nas carreiras desses professores. Se não se transformou em uma especialidade temática para todos (como para Roger Bastide, Pierre Monbeig, Paul-Arbousse Bastide, Emile Léonard), foi, pelo menos, objeto de reflexão de muitos deles: Deffontaines, Perroux, Courtin, Morazé, Ruellan. Casos curiosos são os de Jean Gagé e o de Jean Maugué que, apesar da longa permanência no país, não escreveram sobre ele.

Paul Hugon constitui uma outra exceção ao grupo maior, pois não retomou a atividade na França. Radicou-se no Brasil, publicou a maior parte de seus trabalhos por editoras brasileiras e aqui se aposentou. Suas saídas foram temporárias, quando esteve em Portugal, no Canadá e em outros países, realizando conferências e dando cursos sobre economia brasileira.

Os casos de Lévi-Strauss e Braudel também merecem destaque. O etnólogo, por exemplo, ainda que tenha pesquisado em território brasileiro, extrapola a designação "especialista em Brasil" ou "americanista", em função do peso e amplitude extraordinários de sua obra. Mas o Brasil, como veremos, teve um papel fundamental na construção da identidade do etnólogo e ocupa lugar de destaque em sua

vasta obra. Mesmo em seu trabalho de maturidade - as Mitológicas -, a experiência brasileira é o ponto de partida para a reflexão. Afinal, para a análise da estrutura dos mitos americanos ele começa pelo mito bororo do desaninhador de pássaros, justificando a escolha em função de sua experiência de campo brasileira [10].

O historiador, por sua vez, não fez do país seu objeto de estudo mas inaugurou um trânsito bastante intenso de historiadores entre França e Brasil, mesmo após a sua saída, além de ter sido um atento comentador da produção sobre Brasil e orientador de teses sobre o assunto. Mas do mesmo modo que seu companheiro de viagem, a obra monumental de Braudel transborda os limites de qualquer especilidade. Mesmo que tivesse escrito sobre o Brasil dificilmente seria um "brasilianista", da mesma maneira que não ficou conhecido exclusivamente como especialista na região mediterrânea.

2.2 As ciências sociais francesas no período entre-guerras: a geração de 1930

Para conseguirmos desenhar com maior clareza o perfil dos personagens que vêm para São Paulo, a partir de 1934, mostrou-se imprescindível o conhecimento do contexto de sua formação intelectual. Procuramos, então, esboçar um quadro

10. Cf. Le Cru et le Cuit, Paris, Plon, 1964, especialmente a introdução, "Ouverture".

que, embora genérico, fornecesse elementos significativos para a compreensão das ciências sociais francesas no período entre- guerras.

Seguindo as sugestões de Heilbron (1985), vemos que o período entre-guerras está marcado por duas tendências opostas. De um lado, os "durkheimianos", que desde o começo do século aumentam seu prestígio intelectual e institucional. De outro, uma nova geração que pretende romper com o "durkheimismo", redefinir a sociologia.

De 1910 até os anos 50, a sociologia possuía, além de Mauss no *College de France*, quatro cadeiras no ensino superior francês: a de *Bordeaux*, que, após Durkheim, é ocupada por Gaston Richard (até 30) e Jean Stoetzel (45-55); a de *Strasbourg*, criada por Maurice Halbwachs (1919-1935) e ocupada sucessivamente por Gurvitch (35-40 e 44-48) e Georges Duveau (48-58) e as duas da *Sorbonne*. A primeira tem Fauconnet (21-38), Halbwachs (39-40) e Albert Bayet (40, 44-48). A segunda é ocupada por Célestin Bouglé (1908-15, 15-35, 37-59), Halbwachs (35-37, 40-44), Albert Bayet (39-40) e Georges Davy (44-45).

Se a Universidade é o caminho preferido pelos "durkheimianos", campo por excelência das batalhas travadas pela legitimação da ciência social, não podemos nos esquecer que, paralelamente à penetração no ensino superior, a sociologia de Durkheim faz escola via *L'Année Sociologique*, que, mais que uma revista, preencheu as funções de um centro de pesquisa e estudos (KARADY, 1979 e BESNARD, 1979).

O prestigio e importância do "durkheimismo" são facilmente aferidos pelo crescimento de seu espaço de atuação (além de *L'Anée*, o grupo dominava os *Annales Sociologiques* e o *Institut Français de Sociologie*) e pelo recrutamento de intelectuais de áreas bastante distintas. Do *Institut*, por exemplo, faziam parte pasicólogos como C. Blondel e Georges Dumas, historiadores (M. Bloch, A. Peganiol), etnólogos (M. Leenhardt, R. Maunier, P. Rivet) e também juristas, economistas etc. (HEILBRON, 1985, p. 207-208).

Os opositores de Durkheim, neste momento, não constituem uma ameaça real. Os mais "poderosos" se reúnem em torna da *Revue Internationale de Sociologie* (1893-1939), dirigida por René Worms e da qual participavam Tarde e Espinas. Entre os poucos jovens colaboradores, destacam-se Gaston Bouthoul e Roger Bastide [11].

Falar em durkheimianos não significa designar um grupo homogeneamente constituído. Ao contrário, como mostram os estudiosos do tema já citados, este era composto por subgrupos que se distinguiam, seja pelo local de trabalho

---

11. Lepenies, no capitulo 1 de seu livro Between literature and science: the rise of sociology (New York, Cambridge Univ. Press, Maison des Sciences de l'Homme, 1988), dedicado ao surgimento da sociologia na França, vai mostrar como o conflito entre Tarde e Durkheim era mais do que uma contenda entre duas escolas sociológicas. O conflito traduzia, sobretudo, a disputa entre o cientista (Durkheim) e o homem de letras (Tarde). O autor demostra como tal conflito entre ciência e literatura eclodiu no momento de entrada da sociologia na Universidade francesa: "o sociólogo substituiria o gênio literário original: era este o escândalo provocado pela Nova Sorbonne" (p.51).

(EPHE ou Sorbonne), seja pela vocação profissional: professor ou pesquisador. A própria equipe de *L'Année Sociologique* era nitidamente heterogênea, inclusive do ponto de vista intelectual, onde coexistiam leituras antagônicas da obra de Durkheim. As tendências políticas eram mais um divisor de águas: enquanto "pesquisadores" como Mauss, Simiand, Halbwavchs, entre outros, eram socialistas, os "professores universitários" (Bouglé, Lapie, Parodi, Bayet etc.) estavam ligados ao partido radical, com exceção de Fauconnet, que mantinha ligações com os socialistas (HEILBRON, 1985, p. 214).

A sociologia, do modo como foi concebida por Durkheim, não deve ser entendida como mais uma disciplina, e sim como o *corpus* do conjunto das ciências sociais, a ciência social por excelência que englobaria, de certa forma, todas as outras. Isto é, a sociologia francesa na acepção durkheimiana não é uma disciplina isolada mas acima de tudo um método, com a ajuda do qual os fenômenos adquirem inteligiblidade (a escola francesa de geografia humana, por exemplo, tem uma produção de cunho sociológico, vide Pierre Gouru, Roger Dion, entre outros). Logo, não é preciso ser sociólogo para fazer sociologia. Isto talvez explique o seu diálogo com as demais disciplinas, o recrutamento de profissionais de áreas variadas (LEVI-STRAUSS, 1947, p. 515).

Os laços privilegiados da sociologia durkheimiana com a etnologia são inegáveis, apesar das distâncias existentes

entre Mauss e Durkheim. Mauss coloca-se explicitamente como um herdeiro direto da tradição durkheimiana, sendo o braço direito do tio na revista *Année Sociologique*, da qual se torna diretor após a morte de Durkheim.

E certo que o Durkheim das Regras do método sociológico (1895) é reticente quanto ao tratamento do material etnográfico. O sociólogo "não negligenciará as informações da etnografia (não há fatos que possam ser desdenhados pelo pesquisador) mas as colocará em seu verdadeiro lugar. Ao invés de fazer delas o centro de gravidade de suas pesquisas, ele as utilizará somente como complemento daquelas que deve à história ou, pelo menos, ele se esforçará para confirmá-las através destas últimas (LEVI-STRAUSS, 1976, p.52). Mas é preciso lembrar que Hubert e Mauss, em "Mélanges d'histoire des religions" (1899) revelam uma visão semelhante: "Geralmente truncados por uma observação apressada ou falseada pela precisão de nossas línguas, os fatos registrados pelos etnógrafos não terão seu valor se não forem comparados com documentos mais precisos e mais completos" (LEVI-STRAUSS, 1976, p. 53).

A fundação do Année Sociologique (1896) representa um marco no que diz respeito à aproximação da etnologia. Os temas relativos aos povos primitivos e à literatura etnográfica passam a ocupar lugar de destaque na revista. O prefácio do primeiro tomo da série é revelador de tal atitude; há um "desejo de familiarizar os sociólogos com os descobrimentos concretos das ciências sociais que pudessem

proporcionar materiais para uma sociologia do futuro" (LOWIE, 1981, p.241).

A contribuição individual de Durkheim à etnologia é significativa nas resenhas feitas para a revista, em seus trabalhos mais etnológicos ("La prohibition de l´inceste" e "L´essai sur quelques formes primitives de classification") e, sobretudo, em Les formes elémentaires de la vie religieuse (1912).

Embora em permanente diálogo, as disciplinas possuem descontinuidades, ocupam espaços diferenciados. A sociologia e os discípulos de Durkheim estão na Universidade enquanto Mauss e seus (poucos) alunos localizam-se, em 1925, no *Institut d´Ethnologie* (fundado por Lévy-Bruhl e Rivet), a partir de 1931, no *College de France* e, principalmente, na *Ecole Pratique des Hautes Etudes*: "Seus alunos não seguiam os cursos dos sociólogos na Sorbonne e não frequentavam o 'Centre de Documentation Sociale'; a etnologia era um universo à parte, ao menos na experiência de muitos jovens (...). Raramente 'normaliens' ou 'agregés', eles eram sobretudo 'outsiders' no mundo universitário; a etnologia maussiana não era, aos seus olhos, uma continuação da sociologia de Durkheim, mas algo de 'novo', ligada ao exotismo, ao mundo da arte, ou simplesmente aos estudos de arqueologia, de história das religiões ou de línguas orientais" (HEILBRON, 1985, p. 230).

A etnologia constituía, então, um universo à parte, formado pelos alunos de Mauss na EPHE, em íntima correlação

com o *Musée Trocadéro* dos anos 20 (futuro *Musée de l'Homme*, anos 30), lugar onde se desenvolviam as pesquisas etnológicas. A ligação com o mundo da arte, mencionada acima, não é fortuita; há um namoro firme entre os artistas, principalmente os ligados ao movimento surrealista, e os etnólogos [12]. Se a antropologia transita num amplo universo cultural, a sociologia não fica atrás; mobiliza distintos ramos do conhecimento e atinge também certa vanguarda artística (vide *College de Sociologie*).

Tal aproximação entre ciências sociais e artes é lida pelos comentadores como uma nova estratégia de atuação no meio intelectual, desenvolvida pelas novas gerações que se formam, sobretudo, nos cursos de filosofia e letras. Conhecido como "a geração da recusa", este grupo se colocará explicitamente contra o *stablishment* universitário, procurando outros meios de expressão. Os exemplos se sucedem: Georges Friedmann, antigo aluno da ENS e *agregé* de filosofia, lança-se na vida literária com três romances, antes de começar sua carreira sociológica; Georges Duveau, um dos fundadores da revista *Esprit*, dirige uma pequena revista literária, *L'Oeuf Dur*; o *College de Sociologie* (1937-1939), fundado por Bataille, Callois, Leiris e Monnerot, desenvolve uma crítica radical à sociologia universitária, numa tentativa de redefinir os limites da ciência (HEILBRON, 1985, p. 227).

---

12. O desenvolvimento da etnologia francesa, bem como suas relações com a sociologia e com o mundo das artes, será melhor discutido no capítulo seguinte.

Na verdade, trata-se de um movimento maior de época. Os anos 30 são descritos, com unanimidade, como um periodo de rupturas. São os *années tournantes*, como revela o titulo do livro de Daniel Raps publicado em 1932. "Estamos numa época de transição, de destruição e de criação", clama Henri Lefebvre, sintetizando o "espírito dos anos 30", na expressão de J. Touchard (WINOCK, 1975, p. 13-24).

A guerra de 1914-1918 é, sem dúvida, um primeiro corte entre duas gerações que se encontram a partir desta data, brutalmente apartadas [13]. Na cena econômica, aos anos de aparente prosperidade, segue-se a crise de 1929. Na esfera política, a solução comunista não aparece mais como saída satisfatória para o capitalismo.

Para os jovens intelectuais da época (*des jeunes gens en colere*), tratava-se da falência do mundo capitalista e do pensamento burguês, como revela o livro de Emmanuel Berl de 1929, *Mort de la pensée bourgeoise*. Os "não-conformistas" dos anos 30 são, acima de tudo, "anti", "contra"; procuram novas vias entre esquerda e direita, reagem à ordem intelectual estabelecida (ORY e SIRINELLI, 1986).

A série de revistas lançadas no periodo indicam os esforços em criar novos espaços de intervenção: *Réaction* (1930), *Révue Marxiste* (1929), *Plans* (1931), *La critique social* (1931), *Esprit* (1935), *Combat* (1935). Henri Lefebvre,

---

13. "Existe um abismo, duas épocas separadas por um só dia, uma hora, entre o mais jovem recrutado da classe 18, última classe combatente, e o mais antigo da classe 19, que dá origem às gerações mais jovens e à grande esperança 'brisée' do pós-guerra". Prévost *apud* Winock, 1975, p. 15.

um dos fundadores da revista *Philosophies* e, posteriormente, da *Revue Marxiste*, define o clima do período: "Nós, os jovens filósofos do pós-guerra, rechaçamos as idéias dominantes, tanto do positivismo como o intelectualismo da Sorbonne e, de outro lado, o bergsonismo do College de France. Nosso grupo buscava sua própria via, esse era o nosso postulado: buscar uma via diferente" (LEFEBVRE, 1976).

As viagens aparecem, nesse contexto, como uma saída possível, frequentemente utilizada. O ofício do aventureiro, do viajante, é seguido principalmente por pintores (Gauguin) e escritores (Rimbaud, Saint-Exupéry, D.H. Lawrence etc.). E como se a sensibilidade moderna retomasse, de certa forma, a atração romântica pelo exótico.

A ciência, por sua vez, ganha novas adesões, permite outras viagens (Malraux, por exemplo, torna-se arqueólogo e vai para a Asia). Na França, particularmente, as viagens são numerosas, sobretudo a partir dos anos 20. Paul Nizan é um exemplo clássico desta opção. Crítico ferrenho do ensino de filosofia e dos professores universitários ("les chiens de garde"), Nizan segue para a Arábia (*Adén, Arábia*). Raymond Aron, seu colega de ENS, vai para a Alemanha continuar os estudos.

A viagem era, então, uma opção em pauta para os jovens recém formados. Quando surge o convite para dar aulas no Brasil, por exemplo, Maugué, Lévi-Strauss e Monbeig, 'agregés' em início de carreira, investem nele o seu futuro profissional. O convite era tentador: promessa de dinheiro,

acesso ao ensino superior, possibilidade de sucesso a curto prazo.

2.3 Brasil: uma outra via?

O quadro sumariamente esboçado pode ajudar o entendimento do contexto da partida dos franceses que vêm para São Paulo. Em primeiro lugar, vemos que o contato do "Grupo do Estado de S. Paulo", responsável pela criação da Universidade, com a França se dá através dos durkheimianos, principalmente de Georges Dumas. Fauconnet e Rivet, nomes ligados à Durkheim, mantêm também estreito contato com o Brasil e os brasileiros (Rivet, inclusive, amigo pessoal de Paulo Duarte [14]).

A criação da Universidade de São Paulo foi uma iniciativa do grupo reunido em torno do jornal *O Estado de S. Paulo* (cuja figura chave naquele momento era Julio de Mesquita Filho) e do grupo de educadores ligado a Liga

14. A correspondência entre eles foi publicada por Paulo Duarte num livro intitulado Paul Rivet por ele mesmo, SP, Anhambi, 1960.

Nacionalista.[15]. O modelo que se tem em mente é o modelo francês de Universidade, que os paulistas conheciam muito bem através dos contatos mantidos com Georges Dumas: "Em 1927 e 1928, com alguns ecos em 1929, contando o apoio emprestado pela presença constante de intelectuais franceses, a aliança entre os "educadores profissionais" e os "liberais democráticos" leva a seu ponto mais alto a campanha em defesa da criação da Universidade. A inspiração no modelo francês é explícita, sendo mais correto talvez falar em orientação, já que os intelectuais franceses são consultados sobre qual o formato mais adequado a ser adotado pela Universidade" (LIMONGI, 1989, p. 151).

E preciso lembrar que se os franceses participaram ativamente do processo de criação da Universidade, não foram os únicos estrangeiros contratados pela FFCL, mas também italianos (professores de matemática, física, mineralogia, geologia, grego e literatura italiana) e alemães (professores de química e ciências naturais). Na França foram recrutados professores para as ciências humanas e

15. Este é o argumento central do trabalho de Fernando Limongi sobre o assunto: "Procuraremos mostrar como através da luta destes educadores é possível traçar uma linha de continuidade que parte da Faculdade de Educação projetada por Sampaio DOria em 1920, passa pelo curso de aperfeiçoamento de professores primários de 1931 (Reforma Lourenço Filho) e pelo Instituto de Educação de 1933 (Reforma Fernando de Azevedo), para atingir o seu ponto mais alto na criação da FFCL em 1934, Mostraremos que, seja em suas origens - na campanha pela defesa da criaçãod e uma Universidade em São Paulo, desencadeada em meados dos anos vinte - seja no momento de constituí-la em 1934, a Universidade de São Paulo é impensável sem o concurso destes educadores e da lógica subjacente à sua atuação" (LIMONGI, 1989, p. 129).

filosofia. A explicação de Antonio Cândido para tal critério de escolha, parece plausível: "...Como a Itália e a Alemanha estavam sob regimes totalitários, para as ciências humanas e a filosofia, que envolvem problemas de ideologia e visão de mundo, deveriam ser indicados professores franceses, pois a França era uma democracia atuante" (SOUZA, A.C., 1988, p.4).

Se é Dumas que faz a escolha dos professores ligados as humanidades - a pedido de Júlio de Mesquita Filho - poderíamos supor que o seu interesse fosse a contratação de nomes ligados à tradição durkheimiana, da qual era um herdeiro direto. Difícil aferir se havia uma maioria de durkheimianos na missão. Sabemos, entretanto, que os mais jovens recrutados compartilhavam, de algum modo, do clima intelectual vivido pela geração de 30 (pelo menos não eram insensíveis a ele). Lévi-Strauss, por exemplo, diversas vezes, explicita o descompasso existente entre os contratantes paulistas, simpáticos à tradição positivista, e ele, jovem formado num contexto de crítica a esta tradição: "Antes de mais nada no Brasil, onde os patrões da Universidade esperavam de mim que contribuísse para uma sociologia durkheimiana para qual tinham sido orientados pela tradição positivista, tão viva na América do Sul, e pela preocupação em dar uma base filosófica ao liberalismo moderador, que é a arma ideológica habitual das oligarquias contra o poder pessoal. Eu chegava em estado de insurreição aberta contra Durkheim e contra as tentativas de utilizar a

sociologia para fins metafísicos" (LEVI-STRAUSS, 1957, p. 57).

Em outra passagem de Tristes Trópicos reafirma sua crítica à tradição filosófica universitária francesa e explica a viagem para o Brasil: "Desde os meus estudos superiores, eu entrei em rebelião contra a filosofia. Surgiu a oportunidade de um posto em São Paulo e eu o aceitei imediatamente e parti. Devo também reconhecer que não fui insensível aos exemplos de Nizan e de Soustelle, que partiram, um para a Arábia, e o outro para o México" [16].

Um outro nome, um pouco anterior à geração de Lévi-Strauss, parece não ter tido maiores ligações com Durkheim. Ao contrário, alia-se precocemente aos membros da *Revue Internationale de Sociologie*. Trata-se de Roger Bastide, o "Bastidinho". Tudo leva a crer que o seu homônimo, Paul Arbousse, ocupe posição contrária: simpático ao positivismo, sobre o qual estudou toda a vida, e primo de Georges Dumas, parece ter sido um homem de sua inteira confiança. Segundo alguns, Dumas teria pensado inclusive em promovê-lo a uma espécie de chefe da missão, o que teria acarretado desavenças com Lévi-Strauss (MAUGUE, 1982, p. 85).

O Brasil pode ter surgido, nesse contexto, como uma nova via para os que se iniciavam profissionalmente. Mais um

16. Em De perto e de longe, 1990, Lévi-Strauss ao reconstituir sua passagem da filosofia para etnologia, lembra, mais uma vez, os exemplos de Soustelle ("o primeiro a dar o exemplo de um concursado em filosofia passando para a etnologia") e o de Nizan, que conheceu numa reunião de família, e que o encorajou (p.27/28).

"exílio", porém com a possiblidade de sucesso futuro. Por que não? Na França, não havia verba para a pesquisa em ciências sociais (MAZON, 1985) e as perspectivas de ingresso no ensino superior tampouco eram animadoras. A instabilidade político-econOmica era mais um agravante. O Brasil poderia representar, desta perspectiva, o início de uma carreira universitária, um novo caminho: "Desejava abandonar a França porque atravessávamos violências e incertezas: a ascensão do facismo, mortes em passeatas e uma atmosfera política carregada. Queria prosseguir minha carreira, iniciada em 1928, num país que estivesse vivendo um aprocesso mais dinâmico em sua virgindade histórica (...). O Brasil era para mim, então, a terra 'dos possíveis' em relação ao mundo fechado que a França representava" (ARBOUSSE-BASTIDE, 1978).

Outros dados nos sugerem que o Brasil significava também um campo desconhecido e inexplorado pelos pesquisadores, uma possibilidade de especialização temática. No período, uma série de novas frentes estão em expansão: o "indianismo" através de Bouglé, a "sinologia" via Granet e o "africanismo" pelas mãos de Griaule. O "americanismo" era mais um terreno em busca de estudiosos e os jovens mestres franceses, inspirados nas incursões pioneiras de Rivet, sabiam disso (a análise da trajetória de Lévi-Strauss, no segundo capítulo, dará maior subsídios a esta discussão).

Finalmente, não seria exagerado dizer que o conhecimento do Brasil permitia a construção de novos paradigmas. Os historiadores exemplificam claramente esta

possiblidade. A missão universitária dos anos 30 possibilita ao grupo dos *Annales* ter acesso direto ao território brasileiro (MARTINIERE, 1982). Os exemplos de Braudel e Monbeig, tratados no terceiro capítulo, auxiliam a desenvolver tal reflexão.

III) Os norte-americanos

Se para o exame da presença francesa nas ciências sociais brasileiras, de 30 a 60, a USP reprentou o foco privilegiado de análise, inicialmente parecia ser a "Escola Livre de Sociologia e Politica" o ponto estratégico para a avaliação da presença norte-americana. Tal idéia, porém, se desfez inteiramente no início mesmo da investigação. E isso porque, ao contrário das ciências humanas na USP, onde de fato coube a um grupo de franceses iniciar as atividades docentes, na ELSP não houve uma "missão" norte-americana organizada, ainda que houvesse uma inspiração original no caráter prático e aplicado das ciências sociais nos EUA. Pela ELSP passaram professores de nacionalidades variadas - alemães, tchecos, ingleses, italianos etc. - e se um certo modelo americano se impôs, isto se deve menos ao número de norte-americanos ali presentes do que à marca que Donald Pierson iria imprimir ao projeto da Escola.

A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, fundada em 1933, teve origem distinta da FFCL da USP e perseguiu objetivos igualmente distintos. Nessa instituição - e sobretudo em sua seção de estudos pós-graduados - o modelo reinante era o do sociólogo profissional, orientado para pesquisas empíricas. Sua finalidade básica era formar

técnicos para a carreira administrativa, tanto pública quanto particular [17].

Se para o caso francês, a USP e a docência mostraram-se eficazes para a análise, no caso americano a estratégia revelou-se outra. Aí, é a pesquisa o fio condutor capaz de auxiliar a traçar um quadro explicativo mais amplo. Mesmo Pierson, aparentemente uma exceção já que aqui permaneceu 18 anos como professor, possuía um laço anterior com o Brasil via pesquisa, quando esteve na Bahia entre 35/37, levantando material para sua tese de doutorado, Negroes in Brazil, a study of race contact at Bahia (editada em 1942).

Para melhor compreensão do tipo de relação intelectual que se estabelece entre Brasil e Estados Unidos, em comparação com o padrão francês, faz-se necessário um breve esclarecimento sobre o processo de institucionalização das ciências sociais na América do Norte.

2.1 A institucionalização das ciências sociais nos EUA

Dois fatos chamam a atenção quando examinamos o processo de institucionalização das ciências sociais nos EUA, principalmente quando temos em mente o exemplo francês:

17. Cf. Fernando Limongi, "A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo" in MICELI, Sérgio (org), História das ciências sociais no Brasil, 1989, p. 217-233. A dissertação de mestrado em andamento na Unicamp sobre a ELSP, de autoria de Yeda Bocaletto, sem dúvida, trará novas constribuições para a compreensão do projeto da Escola.

a velocidade com que se dá tal processo e o caráter eminentemente prático da sociologia nascente. Os caminhos diferenciados trilhados pelas disciplinas, bem como a relação entre elas, oferecem novos contrapontos à situação francesa.

Os comentadores apontam o grande crescimento do sistema de ensino superior na passagem do século e a receptividade das jovens instituições, livres do "peso" da tradição, às novas disciplinas, como fatores decisivos para a rapidez da institucionalização. O caráter de independência das Universidades em relação a um poder central e sua relativa liberdade de direção, inclusive na gestão de verbas, são também elementos fundamentais para a compreensão do processo[18].

Se a institucionalização da sociologia nos EUA é mais rápida do que em qualquer outro país, na Universidade de Chicago é ainda mais precoce. Durante a Primeira Guerra, o Departamento criado em 1882 por Albion Small possuía identidade e destaque. Com o ingresso de Thomas em 1894, a pesquisa, que já estava em evidência, ganha nova orientação. A observação direta, a coleta de depoimentos, o contato efetivo com a população estudada, são traços característicos

18. Ver Coser, 1980 e Shils, 1970. Sobre os últimos aspectos, diz Shils: "Primeiro a sociologia se tornou institucionalizada na era do 'presidente universitário autocrático'. Tal presidente poderia criar um novo departamento se ele conseguisse persuadir o conselho a concordar e poderia obter recursos financeiros e a prática de sua solicitação ativa daria uma flexibilidade ao orçamento universitário que as universidades européias não possuíam" (p. 779).

do tipo de sociologia que se pratica. A entrada de Robert Park em 1914 contribui para o maior crescimento e visibilidade do conjunto. Jornalista de formação, Park introduz na sociologia de Chicago o interesse pelos problemas urbanos, em particular, e pela sociedade moderna, em geral [19].

Ao final da Primeira Guerra e, mais precisamente, nos anos 20, a institucionalização da sociologia está estabelecida em Chicago. Além de uma estrutura docente organizada, com cursos de pós-graduação, seminários, orientação de pesquisas etc., há financiamentos privados para projetos considerados de "utilidade pública", como trabalhos sobre o negro e a delinquência juvenil, por exemplo. As principais teses produzidas no departamento têm publicação garantida nas *Chicago Sociological Series*, e o então existente *American Journal of Sociology* torna-se um orgão da universidade.

A sociologia norte-americana encontra receptividade não apenas nas Universidades mas na sociedade de modo geral, que financia e emprega profissionais. O processo de institucionalização "foi reforçado po autoridades públicas e grupos civis que ofereceram financiamento e cooperação para

19. E interessante observar que o rumo tomado pela sociologia de Chicago, via Thomas e Park, inspira-se diretamente na orientação etnográfica do pensamento alemão, que curiosamente não se desenvolveu de maneira satisfatória nas ciências sociais naquele país. Os dois sociólogos americanos estudaram na Alemanha, e principalmente Park sofre influência marcante de Simmel. Cf. Shils, 1970, p. 771.

a pesquisa, e por recursos da Universidade e de filantropos privados. Tal processo foi nutrido por um crescente interessse público no assunto, por oportunidades de emprego para sociólogos como professores em "colleges" e universidades (especialmente no Midwest e Northwest), pela associação profissional (The American Sociological Society) que promoveu um intenso clima de debate e um enorme público para a sociologia de Chicago, e pelo Summer Institute of Social Research, que se manteve solidário aos sociólogos de Chicago dentro e fora do país" (SHILS, 1970, p. 772-773).

Tais características contrastam fortemente com a situação francesa. Aí, como já vimos, a sociologia adquire forma institucional em torno de uma única figura - Durkheim - e de sua própria organização institucional - *L'Année Sociologique* -, e não devido a um sistema universitário mais amplo. Ao lado disso, a "nova disciplina" tem que concorrer de maneira desigual com a forte tradição intelectual das faculdades de direito e filosofia. Outro problema: a falta de recursos para a pesquisa até os anos 30, quando a intervenção da Fundação Rockfeller altera o panorama[20].

Devemos observar, entretanto, que embora o sistema universitário americano tenha vinculações mais profundas com a sociedade e que a sociologia aí não tenha se desenvolvido somente ao redor de um professor, é inegável que a saída de

20. Shils chama a atenção, também, para o fato de que a *entourage* de Durkheim consistia de intelectuais com aspirações fora da sociologia, o que não poderia ser de outro modo devido ao inexistente mercado de trabalho (Shils, 1970, p. 765).

Thomas em 1918 e a de Park em 1933 contribuem para o declínio progressivo de Chicago. Somado a isto, a emergência de novos centros, como Columbia e Harvard, altera a distribuição do poder.

Falar em sociologia nos EUA até 1930 é, então, referir-se à "Escola de Chicago", onde predominam os estudos urbanos. A cidade constitui para esse grupo de sociólogos, liderado por Park, Burgess e Wirth, o "laboratório social" por excelência de onde emerge uma ampla variedade temática: formas de segregação, rede de relações, sociabilidade, mentalidades, enfim, a cultura urbana em seus inúmeros desdobramentos[21]. Estudos de ecologia urbana forma realizados pelo grupo em diferentes metrópoles norte-americanas, onde se acentuava a íntima correlação entre comunidades (rurais ou urbanas) e sistemas ecológicos[22].

Curiosamente a antropologia não tem lugar nesta universidade no mencionado período. O desenvolvimento da antropologia norte-americana obedece a uma lógica distinta, onde o relacionamento com as demais ciências sociais dá-se posteriormente. Tomando os anos 20 como parâmetro, podemos dizer que as pesquisas antropológicas se desenvolvem em

---

21. Cf. L'Ecole de Chicago - naissance de l'ecologie urbaine, Paris, Aubier, 1979.

22. A pequena comunidade em meio rural é trabalhada por Redfield, por exemplo, em The Little community (1955); a problemática da comunidade em centros urbanos é pensada, entre outros, por Burgess The urban community (1925). Sobre a relação entre sistema ecológico e comunidade, ver "L'approche ecologique dans l'étude de la communauté humaine" in L'école de Chicago, op. cit.

contextos "semi-acadêmicos", ou seja, apenas metade dos profissionais trabalhavam como professores em *colleges* ou Universidades, e os departamentos existentes se mantinham através de algum tipo de relação com os museus, que eram, de fato, quem financiava projetos (STOCKING Jr., 1976, p. 9).

Um breve mapeamento revela que o campo se subdivide em três grandes centros: Washington, Nova York e Cambridge, cada qual com seus respectivos satélites. Columbia e Harvard, onde se concentram a maior parte dos doutorados do período, repartem claramente o trabalho: enquanto a primeira se especializa em etnologia e linguística, a segunda volta-se para os estudos em arqueologia e antropologia física.

É inegável que a década de 20 constitui um momento de tensão na disciplina. Por um lado, a forte influência boasiana (sentida concretamente no controle dos conselhos de pesquisa, da *American Anthropologist* e de dois dos maiores centros universitários, Cambridge e Washington) traz o conceito de cultura para o centro da reflexão antropológica, por outro, a relação estreita dos departamentos com os museus alimenta o diálogo da disciplina com as ciências naturais. Esta tensão é fruto de um duplo movimento: ao lado da presença importante dos museus nos anos 20, verifica-se o começo de um orientação interdisciplinar. Em 1925, a antropologia passa a fazer parte do *Social Science Research Council* e, em 1930, a associação profissional engrossa o *American Council of Learned Societies*.

A década de 30 representa um momento de ruptura. Assistimos a um momento de enfraquecimento dos museus e à emergência de novos contextos institucionais, onde observa-se um reorientação da antropologia para as ciências sociais. Os novos departamentos - Chicago, Michigan, Wisconsin - organizam-se através de uma estreita relação com a sociologia [23].

Se até 20 grande parte das características da antropologia americana deve-se à influência de Boas, em 30 começa uma certa resistência à definição mesma de "escola boasiana" e proliferam as criticas ao "pai fundador" [24]. Os discípulos de Boas desenvolvem linhas implícitas em suas proposições em direções diversas, com o auxílio de novas influências. Por exemplo, Jung e a Gestalt marcam o pensamento de Ruth Benedict e de Margareth Mead, dando origem ao movimento "cultura e personalidade", enquanto o funcionalismo britânico gera o desenvolvimento de uma linha mais "sociológica" na antropologia, através de F. Eggan. Talvez seja a "vertente econômica" a que mais permaneceu fiel aos ensinamentos de Boas atravé de seus alunos Herskovits ("essencialmente boasiano") e Marvin Harris (STOCKING Jr., 1976, p. 13).

---

23. Esta reorientação se deve também a forte influência do funcionalismo britânico na antropologia norte-americana, através da presença de seus maiores representantes: Radcliffe-Brown, que permaneceu seis anos em Chicago, e Malinowski, três em Yale.

24. "Kroeber, que em 1931 falava em Escola Boasiana, protestou em 1935 dizendo que esta coisa nunca existiu". Ver Stocking Jr., 1976, p. 7.

Em termos da pesquisa propriamente dita e das áreas de interesse de trabalho, Stocking sugere que em 20, a partir do *I Pan-Pacific Sciences Congress* e da *Bayard Dominick Expedition*, inicia-se uma série de investigações no Pacífico, sendo a Polinésia (com o *Bernice Bishop Museum*) o principal pólo de atração dos pesquisadores ao final da Primeira Guerra. Iniciativas em direção à Africa começam a se fazer presentes, através de Harvard, do *Field Museum* e de Columbia. Somente em 30, entretanto, o continente africano passa a ocupar um lugar importante na antropologia norte-americana, tendo como seu maior porta-voz, Herskovits [25].

Analisando as teses produzidas no período, Stocking verifica que, a despeito das novas iniciativas, as pesquisas em "ultramar" não caracterizam o período entre-guerras; ao contrário, a área etnográfica mais explorada é o sudoeste dos EUA. Mesmo o projeto do *Handbook of South American Indians*, iniciado em 32 sob os auspícios do *National Research Council*, é mais um incentivador de pesquisas do que o resultado de um trabalho já existente. Afinal, ao contrário da França, os EUA não têm tanta urgência em conseguir "objetos antropológicos" fora do país já que possuem seus próprios "outros": negros, índios etc.

A passagem dos anos 30, em suma está marcada por rearranjos institucionais que influem decisivamente nas

---

25. "...é somente depois de 1930 que Herskovits tornou-se o pesquisador-africanista que ajudou a estabelecer os estudos africanos como um componente significativo de antropologia cultural americana" (STOCKING Jr., 1976, p. 11).

novas perspectivas da antropologia norte-americana. O afastamento dos museus, os novos agentes financiadores (Rockfeller, National Research Council - NRC, Social Science Research Council - SSRC) e a relação com a sociologia nos novos departamentos, orientam as linhas de pesquisa. E se os temas não são tão novos assim - como, por exemplo, a questão racial -, a abordagem o é. A preocupação com as questões de aculturação é prova disso [26].

Tomando como referência o quadro esboçado para a situação das ciências sociais na França, não é difícil perceber as diferenças entre as antropologias que se desenvolvem em cada um dos países. Tratam-se de duas escolas que nascem e se ramificam em contextos distintos, de dois paradigmas opostos pelo vértice, com léxicos absolutamente particulares. Enquanto a "Escola Sociológica Francesa" fala em *universalidade*, em *homem* e em *sociedade*, a "Escola Culturalista Americana" trata do *particular*, de *indivíduos* e de *culturas*. A primeira busca recorrências para chegar a leis gerais; a segunda quer diversidades, diferenças. Os franceses trabalham, em geral, com dados levantados por terceiros e a partir deles constróem as explicações sociológicas. Os norte-americanos fogem às grandes sínteses

26. As figuras chaves que trabalharam esta problemática são R. Redfield, M. Herskovits e R. Linton que, inclusive, assinaram juntos os famoso *Schematic Memorandum on Acculturation*, em 1936.

generalizadoras - tão cara aos evolucionistas - apoiando-se no trabalho empírico [27].

Ao lado disso, nos EUA, a investigação antropológica "nasce" nos museus de ciências naturais e só nos anos 30 vai haver uma proximidade com a sociologia. Na França o movimento é diverso. Aí, a etnologia (como preferem os franceses) é herdeira direta de Durkheim e da reflexão sociológica via Marcel Mauss, ainda que seus espaços de atuação sejam distintos (a sociologia e Durkheim estão na Universidade e Mauss na EPHE). E certo que os museus na França constituem importantes centros de produção antropológica, mas através de um Rivet, por exemplo, antropólogo cultural e discípulo de Durkheim. Se Broca, Topinard e Boule são representantes de um outro tipo de pesquisa "antropológica" (que também tem lugar nos museus),

---

27. A comparação inspira-se na matriz disciplinar da antropologia sugerida por Roberto C. de Oliveira em "Tempo e Tradição: interpretando a antropologia" (1985), onde o autor opõe o paradigma racionalista francês ao paradigma culturalista americano. Preferi, entretanto, usar a terminologia histórica, habitualmente empregada, embora a noção de paradigma esteja aí implícita. Portanto, ao falar de "Escola Sociológica Francesa" não me refiro à sociologia exclusivamente, mas ao paradigma racionalista francês, que diz respeito à sociologia e à antropologia: "O trabalho de Durkheim e de seus colaboradores, como Lévy-Bruhl, Henri Hubert e,sobretudo, Marcel Mauss, para destacar aqueles que considero os principais, resultou na criação de uma indiscutivelmente, nova disciplina. Com o nome de sociologia, era a antropologia social que também nascia..." (p.185/6).

Evidentemente, uma análise mais acurada - que pretendi fazer no capítulo II - tenderá a separar as disciplinas. Mas meu objetivo, por hora, é traçar em linhas gerais a constituição das ciências sociais nos dois países, desenvolvidas a partir de paradigmas diferentes.

estreitamente ligada às ciências naturais, suas produções não dialogam com a antropologia cultural.

Podemos dizer que na França a etnologia transita numa ampla área cultural, aproximando-se frequentemente da sociologia (e através dela da filosofia) e do mundo das artes. Como não há verbas, as pesquisas de grande porte são realizadas somente a partir dos anos 30. Nos EUA, ao inverso, a disciplina tem uma orientação eminentemente empírica e um processo de institucionalização mais rápido. Sua visibilidade, porém, é restrita: os museus, as Universidades. Os financiamentos disponíveis possibilitam a formação de pesquisadores e a exploração de novos campos de investigação.

3.2 Brasil: um interesse *overseas*

O Brasil representa para os pesquisadores norte-americanos, a partir de 30, e principalmente, nos anos 40, um campo inexplorado de investigação, que reúne temas de pesquisa para todos os gostos: de populações indígenas a negros, passando por contato cultural, racial, sincretismo religiosos, entre outros.

Logo que descoberto pelos pesquisadores, o país é atravessado de ponta a ponta. O levantamento destas presenças mostrou-se inesgotável: a cada página folheada, um novo nome. Longe de pretender dar conta do material, o

objetivo aqui é perceber a dinâmica mais geral destes "fluxos". Ficou claro que para alcançar este fim seria inviável (pela falta de documentação disponível) acompanhar trajetórias individuais, orientação seguida para os franceses. Além da dificuldade prática, constatamos que a maior parte dos personagens que por aqui passaram tinha vinculação com um programa de pesquisa mais amplo.

Nosso recorte, portanto, orienta-se pelos projetos de investigação desenvolvidos a partir de acordos entre organismos internacionais e agências nacionais. São eles que fazem a ponte Brasil-EUA no plano das relações intelectuais, que possibilitam a vinda de inúmeros norte-americanos, assim como a saída de brasileiros. A análise dos projetos de pesquisa, como veremos, não elimina as diferenças entre os diversos personagens. Os desempenhos distintos que tiveram no país ficarão mais claros à medida que aprofundemos a análise comparativa entre os que ficaram um tempo maior no país. Mesmo restringindo a reflexão aos projetos, com certeza não cobriremos a totalidade deles. Selecionamos alguns que nos permitem ter uma idéia mais geral do período 30-60, bem como esboçar uma análise comparativa entre as regiões.

3.2.1 Rio de Janeiro

Os anos 30 merecem atenção não porque tenham sido palco de um programa de pesquisas claramente formulado, mas porque, naquele momento, o Museu Nacional teve um importante papel no que diz respeito à vinda de pesquisadores norte-americanos para o Brasil. Heloísa Alberto Torres é responsável por um intercâmbio com Franz Boas e Ruth Benedict, da *Columbia University*, e patrocina a vinda de jovens pesquisadores com o intuito de incrementar o treinamento de etnólogos brasileiros. Charles Wagley, que vem ao Brasil pela primeira vez em 39 beneficiado por este acordo, esclarece: ""A Universidade de Columbia tinha um acordo informal com o Museu Nacional do Rio de Janeiro para co-financiar estudos etnológicos no Brasil. Eu já mencionei William Lipkind, cuja pesquisa foi financiada pelo Museu, mas outros dois colegas, Ruth Landes e Bell Quain, também estavam trabalhando no Brasil sob os auspícios do Museu (WAGLEY, 1979, p. 5).

O grupo citado: William Lipkind passa catorze meses entre os Carajá e, sobre eles, escreve um capítulo do *Handbook of South American Indians*; Ruth Landes, interessada no estudo das relações raciais entre brancos e negros, faz pesquisas na Bahia, cujos resultados encontram-se em Cidade das Mulheres; Bell Quain pesquisa entre os Trumaí e escreve com Robert F. Murphy, The Trumai indians of Central Brazil. Um quarto integrante do grupo, citado por Landes (1970) é Jules Henry, que trabalhou junto aos Kaingang, cujos resultados publicou em Jungle people.

Charles Wagley é, de fato, quem estabelece um contato mais prolongado com o Brasil como pesquisador. Passa quinze meses com os Tapirapé, entre 39 e 40, visita-os frequentemente nos anos 40 e 50 e volta a vê-los em 65 quando passa seis semanas com o grupo (WAGLEY, 1979). Mas os Tapirapé representam apenas um capítulo na história das relações de Wagley com o Brasil. Basta olharmos para o conjunto de sua produção para notar que suas vindas ao país foram várias e seus objetos de estudo, variados: grupos indígenas, comunidades camponesas, relações raciais, Amazônia etc. [28].

Nos anos 50, os norte-americanos chegam ao Rio de Janeiro através de uma outra mediação: Anísio Teixeira e o *Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos*. Em 52, Anísio, que dirige o Centro de Documentação Pedagógica do INEP, faz um acordo com a UNESCO no sentido de elaborar um grande *survey* sobre a situação educacional brasileira. Em 53, Charles Wagley e Carl Withers, técnicos da UNESCO, redigem um relatório de sugestões ao projeto e, em 54, a idéia do *survey* é substituída por outra: a criação de um *Centro de*

---

28. Dentre os livros de autoria de Wagley ou editados por ele, estão: 1949 (com Eduardo Galvão) - The Tenetehara indians of Brazil; 1953 - Race and class in rural Brazil e Amazon town; 1958 (com Mavin Harris) - Minorities in the New World; 1964 - Brazil: crisis and change; 1968 - The Latin American tradition; 1971 - An introduction to Brazil; 1974 - Man in the Amazon; 1977 - Welcome of tears.

A dissertação de mestrado em andamento na Unicamp, sobre a obra e a trajetória de Charles Wagley, de autoria de Francisco Tadeu Ribas Rosa, permitirá uma reavaliação da produção de Wagley, bem como de sua contribuição à antropologia brasileira.

Altos Estudos Educacionais. Para formular os objetivos e organização do centro, a UNESCO envia mais dois técnicos ao Brasil: Bertram Hutchinson, sociólogo britânico e Oto Klinemberg. E este último o autor do "documento Klinemberg", um verdadeiro programa do que, em 55, seria o *Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*. Com a volta de Klinemberg para a UNESCO, é Charles Wagley o responsável, ao lado de J. Roberto Moreno, pela implantação do CBPE: instalação da sede, planejamento das pesquisas, organização da parte administrativa, recrutamento de colaboradores etc.

Quando o CBPE é oficialmente criado em 28.12.55, os primeiros estudos já haviam sido indicados. São eles: a) uma análise de Josildete Gomes Consorte sobre o que os estudos de comunidade feitos no Brasil esclareciam sobre a educação nas comunidades estudadas; b) o trabalho de Luiz Costa Pinto e Valdomiro Bezzarella sobre estratificação social no Brasil; c) estudos sobre mobilidade social em São Paulo por Bertram Hutchinson; d) pesquisa de Carlo Castaldi sobre assimilação de imigrantes em SP e pequeno *survey* sobre as manifestações de fanatismo religioso em Malacacheta; e) trabalho de Florestan Fernandes sobre as relações étnicas no sul do Brasil (MARIANI, 1982 e CORRÊA, Mariza, 1988).

Podemos observar que, desde as primeiras reuniões de organização do CBPE, o Centro contava com colaboradores bastante variados: gente do Rio e de São Paulo, educadores

e cientistas sociais, brasileiros e estrangeiros [29]. A mesma tônica é mantida por Darcy Ribeiro ao assumir a direção da *Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais.* Darcy, que desde 53 coordenava o *Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural do Museu do Indio,* organiza no CBPE um curso de pós-graduação para a formação de pesquisadores sociais, entre 57 e 59: "Com um programa de dois anos, em tempo integral, centrado na temática brasileira, ao fim dos quais o aluno deveria produzir uma monografia, reuniu como professores, cientistas que antes trabalhavam sem qualquer contato entre si: Oracy Nogueira, Jacques Lambert, Roberto C. de Oliveira, Bertram Hutchinsom" (MARIANI, 1982).

No final dos anos 50 e começo dos anos 60, registram-se novas presenças norte-americanas no Rio de Janeiro: O *Summer Institute of Linguistics* e pesquisadores ligados ao projeto Harvard- Brasil Central. O *Summer*, forte instituição com sede nos EUA, é constituído por missionários especializados em linguística e, com o apoio da *Wycliffe Bible Translator,* tem por objetivo traduzir o Novo Testamento para grupos não-alfabetizados.

O Instituto Linguistico de Verão, que teve uma ampla atuação na América Latina a partir dos anos 30, passa a trabalhar oficialmente no Brasil em 59, através de um acordo firmado com o Museu Nacional. Tal acordo era explicito no

---

29. Participaram das primeiras reuniões, entre outros: Fernando de Azevedo, Almeida Junior, Roberto Moreno, Luiz de Castro Faria, Antonio Candido, Lourival Gomes Machado, Bertram Hutchinson, Florestan Fernandes etc.

que dizia respeito à exclusiva atuação dos membros do *Summer* como linguistas. Nesta primeira fase, a faceta universitária do grupo é a predominante: "Foi, sem dúvida, um periodo de intensa atividade universitária para o SIL. Seus membros compareciam diariamente ao Museu Nacional, participavam da organização de fichários e arquivos, davam cursos de treinamento para trabalho de campo em linguistica para os membros do departamento de Antropologia, apresentavam comunicações nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, apresentavam conferências e seminários sobre o andamento de suas pesquisas" (LEITE, 1981, p. 61).

Com a projeção de sua imagem de linguistas, vários membros do *Summer* colaboraram com outras instituições de pesquisa, como o CBPE, por exemplo. Em 1960, são convidados para dar aulas no Departamento de Linguistica da recém-inaugurada Universidade de Brasilia e, posteriormente, no Programa de Pós-Graduação em Linguistica do Museu Nacional (1968-1972). Em 64, com a criação da Universidade de Brasília e o esvaziamento do Museu, a equipe do *Summer* que permanece no Brasil articula novas alianças: em 69, estabelece um convénio com a FUNAI, que é renovado em 1973. Nesta nova fase do trabalho, a ação do *Summer* se distancia da pesquisa universitária e o seu lado missionário passa a prevalecer. Prioridade, agora, é dada à elaboração de cartilhas e à tradução de textos bíblicos [30].

30. Sobre a polêmica a respeito de uma nova possibilidade de atuação do *Summer* no Brasil, em 81, ver o número da revista *Religião e Sociedade* (1981).

O projeto Harvard-Brazil Central tem início nos anos 60 (62-67), através de um acordo Museu Nacional - Harvard University, com financiamento do *National Institute of Mental Health.* Roberto C. de Oliveira era o responsável no Museu pela formação de pesquisadores, principalmente em seu curso "Teoria e Pesquisa em Antropologia Social", de 1960. David Maybury-Lewis, inglês radicado nos EUA, havia estado no Brasil em 55/6, quando passou oito meses entre os Xerente e em 58, em que esteve com os Xavante [31]. São eles os principais "orientadores" das pesquisas realizadas no âmbito do Programa, cujos resultados encontram-se publicados em Dialectical societies: the Gê and Bororo of central Brazil, org. Maybury-Lewis, 1979.

O objetivo de tal projeto era reavaliar o material disponível sobre os índios de língua Jê do Brasil Central, trabalhados principalmente por Curt Nimuendaju, através de estudos comparativos destas sociedades indígenas. O trabalho pioneiro de Nimuendajú com os Xerente, Apinayé e os Timbira Orientais, "tinham atraído a atenção dos teóricos da Antropologia e instituído uma "anomalia na região do Brasil Central. Não sabiam como classificar povos que dispunham de uma cultura material tão simples, de uma agricultura aparentemente tão escassa e de sistemas sociais tão complexos. Além disso, todos esses sistemas sociais pareciam ser variações sobre o tema da organização dual - tipo de

31. As experiências de Maybury-Lewis entre os Xavante e os Xerente são deliciosamente narradas em O selvagem e o inocente.

sistema encontrado no mundo todo mas que, até então, não havia sido satisfatoriamente explicado" (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 3).

Os trabalhos dos pesquisadores do projeto Harvard-Brasil Central mostraram como as sociedades Jê são organizadas de modo mais fluido do que poderia supor a teoria antropológica tradicional. Estas sociedades desenvolveram teorias sociais dialéticas do mesmo tipo das que se observam em sistemas religiosos e filosóficos elaborados no Oriente e Ocidente (MAYBURY-LEWIS, 1984, p.9).

3.2.2 São Paulo

Quando recortamos o período 40/50 para pensar a presença norte-americana em São Paulo, é preciso esclarecer que tal limite temporal foi estipulado a partir de um único itinerário: o de Donald Pierson, professor na ELSP durante dezoito anos. Ainda que a atividade docente de Pierson tenha ocupado um papel fundamental em sua carreira bem como na história da ELSP e da sociologia paulista, a presente análise não seguirá tal caminho. Fernando P. Limongi, em seus ensaios "A ELSP e o desenvolvimento da sociologia em São Paulo" e "Revista Sociologia" (Textos Idesp, 1987) realiza esta abordagem, discutindo os diferentes projetos da USP (onde predominava um "ensino mais geral e teórico") e da ELSP (que visava a formação de técnicos com competência

administrativa), bem como a linha que Pierson irá imprimir ao projeto desta última, orientado teoricamente pela sociologia de Chicago: "A chegada de Pierson à escola, em 39, altera o quadro descrito ao imprimir novos rumos ao projeto. A formação e o conhecimento produzidos pela escola passam a se inscrever no interior do mundo acadêmico. O que se transforma é o fim do projeto, que deixa de se referir ao Estado e à formação de elites técnicas, para circunscrever-se à formação de sociólogos profissionais" (LIMONGI, 1987).

Na formação de sociólogos profissionais, segundo Pierson, teoria e prática, ensino e pesquisa, caminham juntos. Todo o seu esforço na ELSP foi justamente este: pensar a metodologia e a técnica de pesquisa, praticando-a. Durante o longo período em que Pierson esteve em São Paulo, dois programas de pesquisa importantes foram desenvolvidos sob sua direção: um em São Paulo, outro no Vale do São Francisco. O que pretendemos aqui é, então, revelar estas facetas de Pierson: o *pesquisador*, que inicia sua carreira na Bahia, em 35, e o *empreendedor de projetos* que, a partir de 45, é o responsável no Brasil pelo programa do Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution*. Para melhor explicitação de nossos objetivos, talvez fosse conveniente acrescentar ao subtitulo "São Paulo", os termos "Minas Gerais" e "Bahia", regiões onde Pierson pesquisou.

Pierson "descobre" o Brasil na Universidade de Chicago, quando aluno de pós-graduação. Robert Park, seu professor, por aqui já havia passado durante uma viagem pelo mundo

afora e considerava o país um lugar privilegiado para o estudo do contato racial e cultural. Devemos lembrar que o estudo do negro era um tema caro aos sociólogos de Chicago e várias pesquisas foram feitas sobre o assunto [32]. Antes da vinda para o Brasil, em 35, com o apoio do *Social Science Research Committee* e verba do Rosenwald Fund, Pierson passa um período na Universidade de Fisk, Tennessee - onde está Park no momento -, com o objetivo de ter contato com uma situação social semelhante à brasileira. Afinal, Fisk é uma Universidade predominantemente de negros [33].

Pierson permanece vinte e dois meses na Bahia (35/37), após o que regressa à Fisk, onde escreve seu doutorado (Negros in Brazil: a study of race contact at Bahia, 1942) e orienta trabalhos ao lado de Park. Em outubro de 39, volta ao Brasil, agora para São Paulo, onde é contratado como professor catedrático de Antropologia Social da Escola de Sociologia e Política [34].

Quando tomamos contato com o funcionamento de Chicago, vemos que Pierson tentou fazer em São Paulo uma réplica

---

32. Shils (1970, p. 808) mostra como o declínio do interesse intelectual pelo negro tem a ver com a decadência de Chicago. Só nos anos 60, este interesse seria reanimado com a urgência política da questão negra.

33. Ruth Landes irá passar pela mesma "iniciação" em Fisk, antes da vinda para o Brasil, já que ali está Park, conhecedor dos problemas raciais e da realidade brasileira, através de seu aluno Pierson. Landes, de Columbia, enfatiza que também nesta Universidade, via Boas e Benedict, há um grande interesse na questão racial.

34. Sobre a trajetória de Pierson, sua formação e relação com o Brasil, ver Corrêa, 1987, p. 8.

deste modelo: primazia dos estudos pós-graduados, formação de grupos de trabalho, onde a cada estudante corresponde um subtema da pesquisa mais ampla, sob a orientação de um professor-doutor; além de seminários, leitura e orientação individual de alunos. Ou seja, com Pierson chega a São Paulo não só uma problemática trabalhada pela sociologia americana (os estudos de comunidade) mas também um modelo institucional.

Os projetos de pesquisa por ele coordenados são classificados como momentos diferentes de um duplo propósito: a formação de pesquisadores em São Paulo e o conhecimento da cultura brasileira. Após a organização de pequenos estudos na cidade de São Paulo, pesquisas de maior vulto foram desenvolvidas no interior do Estado, por alunos da ELSP, sob sua supervisão. Em fins de 46, início de 47, Carlos Borges Teixeira realizou breves *surveys* em diversas comunidades de São Paulo e Minas Gerais, até que foi escolhida a comunidade ideal para uma pesquisa mais prolongada: Araçariguama (Cruz das Almas). Feita a escolha, Carlos Borges Teixeira passou a residir na vila de Cruz das Almas (de fevereiro de 47 a agosto de 48), após o que outros alunos foram auxiliá-lo no levantamento de dados (durante dezembro de 47 e janeiro e fevereiro de 48).

A intenção de Pierson ao estudar Cruz das Almas foi "retratar a vida da população de uma zona rural" que é, no fundo, representativa de todo o Brasil rural. Isto não significa que ele fosse insensível às diferenças regionais,

ao contrário. Mas o fato é que, *apesar* delas, "parte considerável" do que é registrado sobre a base ecológica, a sociedade e a cultura de Cruz das Almas é "provavelmente característico das populações rurais de todo o Brasil, com exceção das regiões ainda habitadas quase exclusiva ou inteiramente por tribos indígenas" (PIERSON, 1986).

As etapas do trabalho e a metodologia empregada são claramente descritas por Pierson no prefácio à edição norte-americana: "Assim, especialmente nas primeiras fases do estudo, procuramos conservar a investigação em bases empíricas quanto nos era possível, evitando enquadrar a matéria estudada num sistema preconcebido de categorias descritivas e analíticas, o que nos teria levado tão-somente a dar destaque às idéias que já possuíamos antes (...). Achávamos, isto sim, que a organização dos dados deveria tanto quanto possível emergir da realidade, ao invés de lhe ser imposta".

A pesquisa do vale do São Francisco, também subvencionada pela ELSP, pela SUVALE e pelo Instituto de Antropologia Socil da *Smithsonian Institution*, constitui, segundo Pierson, um segundo passo no processo de formação de pesquisadores. Não se trata mais, como no projeto anterior, de jovens sob sua direta supervisão mas de grupos de trabalho orientados por assistentes e professores, todos sob sua orientação.

O projeto do São Francisco tinha por objetivo um "conhecimento tão íntimo quanto possível" da vida do homem

no vale e, a partir daí, apresentar afirmações gerais sobre a vida local. Para alcançar este fim, foram selecionados cinco áreas de estudo, onde seriam realizadas pesquisas de mais ou menos seis meses em cada lugar. As diferentes "bases ecológicas" escolhidas foram: área de criação de gado (MG), região de pesca (BA), área de extração de cálcareo, a caatinga (com criação de cabra e gado) e, finalmente, uma zona de cultivo de arroz. Para que se pudesse ter um conhecimento mais detalhado sobre o "papel do isolamento na vida local" e o "caráter de mudança social" que ali se estava introduzindo, decidiu-se colocar em contraste dois tipos de localidades, em cada uma das cinco áreas escolhidas: uma localidade mais tradicional e outra de maior contato com o mundo exterior (PIERSON, 1972, p. 4-6).

Na apresentação da obra em três tomos, O homem no vale do São Francisco, resultado do projeto (1960), Pierson esclarece: "Talvez convenha explicar nesta altura algo mais a respeito dos três tomos. Frisa-se neles a realidade empírica, em vez de dar-se maior atenção a generalização de grande vulto; e isto se faz propositalmente, e por três razões. Em primeiro lugar, o prezado leitor talvez possa ter uma visão mais íntima e, assim, compreensão mais profunda da vida do vale, se esta é apresentada em pormenores, como se tentou aqui. Além disso, o historiador do futuro terá dados concretos sobre a vida atual no vale, talvez difíceis de obter, neste contexto, ao menos de outro modo. Finalmente, e talvez ainda mais importante, apresentam-se empíricos que se

coadunam mais com a orientação, e com os propósitos do cientista social" (PIERSON, 1972).

Apesar da brevissima apresentação dos projetos (mais dos objetivos do que dos projetos em si, pode-se apreender a preocupação fundamental de Pierson e dos estudos de comunidades: a fidelidade máxima à realidade empirica, a precisão e rigor na observação e descrição dos fenômenos. Além disso, através do estudo detalhado de *uma* comunidade (*ecologicamente relevante*), espera-se poder chegar à compreensão da sociedade nacional. A imagem da colcha de retalhos pode ser esclarecedora: é como se através de inúmeros pedaços que vão sendo colados uns aos outros, pudéssemos chegar à totalidade.

Os estudos de comunidade foram objeto de várias críticas e praticamente rechaçados como modelo de análise, ainda que tenham tido importância numa determinada fase das ciências sociais brasileiras. Não vamos, por hora, esmiuçar tais críticas e polêmicas, o que por si só valeria um trabalho a parte. Desejamos apenas chamar atenção para o fato de que trata-se de uma problemática importada, que Pierson ajudou a implantar entre nós, cuja forte inspiração é o trabalho de Robert Redfield em Yucatan, México [35].

---

35. Para uma avaliação dos estudos de comunidade, cf. Klaas Woortman, "A antropologia brasileira e os estudos de comunidade", Brasília, Universitas, 1970. Lembremos que não apenas os norte-americanos trabalharam com comunidades, mas também Willens, alemão de nascimento, professor de antropologia na USP.

2.3.3 Bahia

Há muito, a Bahia constitui um pólo de atração para os pesquisadores, de diferentes nacionalidades, interessados nos estudos afro-brasileiros. De 1932 a 1940, mais precisamente, verifica-se uma verdadeira voga dos estudos africanistas. Dentre os especialistas estrangeiros presentes, destacam-se: Roger Bastide, Franklin Frazier, Donald Pierson, Ruth Landes, Pierre Verger, Melville Herskovits (AZEVEDO, 1964, p. 65).

Herskovits, da *Northwestern University*, africanista dos mais destacados nos EUA, passa seis meses na Bahia, no início dos anos 40, com o objetivo de ampliar seus estudos sobre aculturação. Como ele mesmo diz, em aula inaugural na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 1942, o "Novo Mundo" é palco de contatos raciais bastante peculiares: não só de africanos com europeus, como de africanos entre si. Os problemas que Herskovits têm em mente são as formas africanas de conduta que mantiveram sua identidade e as modificações oriundas do contato. Mas, por que Bahia? Porque, diz ele, além do estado reunir as maiores concentrações de descendentes africanos no "Novo Mundo", aí excepcionalmente preservam-se instituições e modos de conduta africanos. Mesmo línguas nativas são faladas até o começo do século, o que faz da Bahia um caso único (HERSKOVITS, 1943, p. 10).

A experiência baiana permite a Herskovits comparar este material com o que tinha encontrado entre os daomeianos e iorubanos da Africa Ocidental, e também com outros grupos de ascendência africana no "Novo Mundo", como na Guiana Holandesa, no Haiti, em Trindade e nos EUA. Com o auxílio de seus orientandos Octávio da Costa Eduardo e René Ribeiro, consegue ainda informações sobre o candomblé e outras instituições africanas no Maranhão e em Pernambuco [36].

Se até os anos 40 a Bahia é campo para pesquisadores isolados, a partir de 49 um amplo projeto de pesquisas tem lugar no estado. Coube a Anísio Teixeira, secretário estadual de Educação e Saúde, com o auxílio de Eduardo Galvão (que completava o doutorado em Columbia na época), elaborar um plano de pesquisas em vários município baianos, com o objetivo de "coligir dados em que se fundassem projetos nacionais de educação, saúde e administração pública (AZEVEDO, 1964, p. 69). A Universidade de Columbia, onde também Anísio já havia estudado, aceita o acordo e inicia-se, então, o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia- Columbia University, um convênio do Departamento de Educação e da Universidade de Columbia, cujos diretores são Thales de Azevedo e Charles Wagley. O projeto, desenvolvido sob a responsabilidade da "Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia", utiliza como metodologia os estudos de

36. Achamos importante destacar Herskovits, pois embora não estivesse ligado a um programa de pesquisas no Brasil (veio com bolsa da Rockfeller), incluiu o país em seu projeto de estudos sobre aculturação e daqui levou alunos para os EUA.

comunidade, com o propósito de estudar o processo de mudança cultural e social em várias regiões do estado.

Seguindo a descrição de Wagley dos passos da pesquisa (WAGLEY e WAGLEY, 1970), verificamos que de 49 a 50, além de seminários realizados em Columbia com os pesquisadores norte-americanos e do trabalho de Thales com os assistentes no Brasil, foram selecionadas as áreas a serem trabalhadas: Recôncavo, Sertão, Floresta, Planalto Central do São Francisco (esta última foi deixada de lado já que Pierson, na mesma época, iniciava o seu projeto de pesquisa na região). Em 50, chegam à Bahia Charles Wagley, Marvin Harris e Ben Zimmerman e decidem começar o trabalho em três zonas: Recôncavo, Sertão e Planalto Central. Em cada região dois tipos de comunidade são selecionadas; uma considerada mais tradicional e outra mais "progressista". Da comparação entre ambas, seria obtido um retrato da dinâmica e das mudanças ocorridas. Nas Montanhas Centrais, trabalham M. Harris e Nilo Garcia (*Minas Velha: a study in urbanism in the mountain region of Central Brazil*, tese de Phd defendida por Harris em Columbia); no Sertão, pesquisam Ben Zimmerman e Lincoln Allison Pope (cujo resultado rencontra-se na monografia de Zimmerman *Mont Serrat no árido sertão do NE*); e no Recôncavo estão Harry Hutchinson e Carmelita Junqueira Ayres (outra tese de Phd em Columbia, *Vila recôncavo: a sugar plantation community of the Northwestern coast of Brazil*).

Em 50 o projeto seria, de certo modo, incorporado por um outro. O Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, através de Alfred Métraux, que patrocina uma série de estudos sociológicos sobre o preconceito de cor no Brasil, propõe que seja feito um estudo das relações raciais em cada comunidade estudada. Os vários trabalhos resultantes da enquete foram organizados por Wagley e editados pela UNESCO, *Races et classes dans le Brésil rural*. Em 51, novo pesquisador da Columbia chega à Bahia e realiza estudos na zona cacaueira que dão origem a mais uma dissertação em Columbia: "Economic cycles in Brazil: the persistance of a total pattern cacao and other cases", de Anthony Leeds. Em 53, Carlo Castaldi, também de Columbia, inicia uma série de estudos sobre problemas urbanos e cultos afro-brasileiros em Itaparica [37].

Podemos observar, a partir do descrito, que o projeto Bahia-Columbia permitiu um grande fluxo de norte-americanos e uma profusão de trabalhos e teses foram realizados sob o seu patrocínio. Além disso, representou um "estímulo" a novos projetos que seriam realizados nos anos 60: é como se o velho porto da Bahia fosse oficialmente aberto ao treinamento de pesquisadores norte-americanos.

---

37. Os trabalhos realizados sob a chancela do projeto Bahia-Columbia tinham orientações variadas, perspectivas diferentes. Uma avaliação substantiva dessa produção seria útil nesse sentido, mas foge aos nossos objetivos, que limitam-se a pensar os padrões de relação desses pesquisadores com o Brasil.

IV) Brasil com Z, Bahia com H

Não resta dúvida que em termos de presenças estrangeiras nas ciências sociais brasileiras, de 1930 a 1960, os norte-americanos representam a maior parte. O presente texto faz referência apenas a alguns deles. Se o recorte fosse diferente, com certeza, uma série de outros nomes viriam à tona.

De fato, quando selecionamos a missão da USP como uma estratégia para a avaliação das presenças francesas, não nos enganamos. Fora estes nomes, poucos outros foram registrados: Jean Vellard, M. Boudin, Pierre Verger, e mais dois ou três. Isto revela que a relação dos franceses com o Brasil deu-se preferencialmente pela docência. E se a pesquisa em território brasileiro também era um interesse para os professores franceses, já que representava uma possibilidade de especialização temática que pudesse fazer frente aos africanistas, tão em voga nos anos 30, esta foi realizada como uma atividade secundária. Roger Bastide enfatiza a dificuldade em compatibilizar as atividades de pesquisador e professor da USP, o que foi motivo, inclusive, de desentendimento com Lévi-Strauss: "Foi feita uma crítica na época, dizendo que se pedia ao professor francês para vir trabalhar para os estudantes e não para fazer pesquisas

pessoais. Não vai fazer estudos pessoais ou só durante as férias; trabalhar só para os estudantes; não pode deixar a faculdade (...). O resultado de tudo isso (da briga com Lévi-Strauss) foi que me impediram de fazer pesquisa; só durante as férias. E até mesmo durante as férias, o contrato estipulava que não podia se sair muito longe de São Paulo. E sempre dando meu endereço. Porque, se durante as férias, a faculdade precisasse de mim para dar aula no cursinho da faculdade, por exemplo, era obrigado a deixar as férias, para voltar a São Paulo" (BASTIDE, 1987).

Se os franceses, ao vir para o Brasil, esperam iniciar uma carreira acadêmica, fazendo pesquisas nas horas vagas - devido às exigências contratuais -, os norte-americanos, ao contrário, têm a pesquisa como objetivo fundamental. Aliás, é através dela que chegam até aqui.

O interesse de pesquisa dos estrangeiros concentra-se em dois temas, preferencialmente: estudos de grupos indígenas e de relações raciais, com todos os seus desdobramentos. Em termos dos estudos etnológicos, poderíamos dizer que os pesquisadores, preocupados com "suas" tribos e com a comparação entre elas, recortam o tereritório nacional segundo uma lógica particular. E como se o trabalho com índios colocasse diante do estudioso um mapa da América Latina onde estivessem localizadas as várias tribos. Os contornos do Brasil, no caso, não estão em

destaque[38]. O estudo das relações raciais, ao contrário, obriga o pesquisador a se preocupar com os limites geográficos do país, afinal o Brasil é um caso típico na América Latina no que diz respeito à presença africana. O "caso brasileiro" interessa como contraponto à realidade norte-americana e a outras realidades estudadas.

Os exemplos enumerados nos permitem construir um quadro geral a partir do qual os casos descritos podem ser compreendidos e se explicitam tipos distintos de relação com o Brasil. Herskovits, por exemplo, pode ser tomado como um típico pesquisador itinerante, que passa no país o tempo exato da coleta do material para sua investigação. Os vários pesquisadores que aqui chegam através do projeto Bahia-Columbia também podem ser descritos desta forma, já que estabelecem o mesmo tipo de relação "instrumental" com o Brasil.

No extremo oposto deste esquema, estariam os pesquisadores sedentários que permanecem um longo período no país. O exemplo mais notório neste caso é Donald Pierson, que se vincula à ELSP, embora "técnico" da *Smithsonian Institution*. A pesquisa é o primeiro foco de interesse de Pierson e é ela a responsável pelas primeiras marcas por ele deixadas nas ciências sociais brasileiras. Pierson forma pesquisadores, organiza uma "Biblioteca de Ciências

38. Nessa direção, Mariza Corrêa (1988b) sugere que olhemos para o mapa etnológico de Nimuendajú: "...quase poderemos ver as sombras dos pesquisadores (...) projetando-se sobre os contornos das comunidades indígenas por ele estudadas até a década de 40..." (p.80).

Sociais", edita a revista *Sociologia*, viabiliza projetos, já que obtém verbas. Não seria exagerado afirmar que ele foi, antes de qualquer outra coisa, um "promotor de eventos".

Em uma posição intermediária entre os dois pólos, estariam os pesquisadores sazonais, que entram e saem do país diversas vezes. Charles Wagley não estabelece uma relação institucional fixa com o Brasil; seus vínculos são a Universidade de Columbia (onde permanece como membro até 1969), com a UNESCO e com a Universidade da Flórida, a partir dos anos 70. Tudo leva a crer que o seu papel nas relações Brasil-EUA tenha sido o de mediador, tendo proporcionado a entrada de pesquisadores norte-americanos no país e a ida de brasileiros para Columbia e, depois, Flórida. Tornou-se um especialista em estudos latino-americanos, em geral, e brasileiros, em particular [39].

Pensando estes personagens comparativamente vemos que apesar das diferenças que os separam, um ponto de aproximação pode ser registrado: o interesse pela Bahia como campo de trabalho. O estado baiano e sua capital constituem o lugar da pesquisa por excelência, enquanto Rio e São Paulo representam muito mais (o que não quer dizer exclusivamente) uma porta de acesso ao país, uma possibilidade de suporte

---

39. "Seus alunos, dentro e fora da disciplina, dominam os estudos brasileiros hoje". Se dominam ou não, de fato, não importa. O que interessa é que a frase indica a abertura de um campo de estudos sobre Brasil, com Wagley. O volume Brazil, anthropological perspectives, 1979, de cujo prefácio foi retirada a frase, conta com a colaboração de vários norte-americanos que chegaram ao Brasil como tema de pesquisas, através de Wagley.

institucional. A Bahia aparece em várias falas como o "laboratório natural para o estudo da sociedade humana", um verdadeiro paraíso dos africanistas, lugar onde uma série de professores iniciaram suas carreiras: Marvin Harris, Anthony Leeds, Harry Hutchinson, Daniel Gross, Shepard Forman, D. Epstein...

O interesse pela Bahia aproxima um francês deste grupo de norte-americanos: Roger Bastide, talvez o mais ligado a pesquisa, entre os docentes [40]. Bastide começa a pesquisar em 1944, após sete anos entre nós, e sob a rubrica "relações raciais", fez estudos sobre literatura, psicologia, folclore, estética, teoria, sociologia etc. Sua participação na vida cultural paulista foi notável e sua obra brasileira tão ampla que mereceu uma tese (BEYLIER, 1977). Se Bastide tem dificuldades em desenvolver pesquisas com os alunos, ao contrário de Pierson, isto se deve à falta de verbas: "Tentei desenvolver o gosto pela pesquisa nos estudantes. Mas não me era possivel sair com eles, ir ao interior fazer pesquisas...Só de vez em quando pasava dois dias com eles no interior ou no Sul. Não havia verbas" (BASTIDE, 1987).

Outro nome deve ser lembrado quando falamos em aproximação com os norte-americanos. Trata-se do suiço Alfred Métraux. Métraux tem um biografia ligada à pequisa etnológica, aos museus e à América Latina. Nos anos 40, adquire nacionalidade americana e engaja-se na *Smithsonian*

40. Não nos esqueçamos que outros franceses pesquisaram na Bahia, entre eles, Verger e Péret.

Institution.. A partir daí, torna-se agente de grandes instituições: ONU, UNESCO. E através desta última que se transfere definitivamente para Paris, como chefe do *Bureau* de Relações Raciais, e se aproxima do Brasil. Aqui é o responsável pelo projeto sobre a questão racial desenvolvido nos anos 50. Inserido numa série de outros projetos "antropológicos" da UNESCO (como, por exemplo, o projeto da Amazônia, 1946 e o projeto piloto de educação basica do Haiti, 1948), o projeto sobre a questão racial toma o Brasil como laboratório com o objetivo de entender como aqui se produziu uma situação de tolerância e harmonia entre as raças [41].

Métraux é um dos únicos "franceses" que vêm ao Brasil com um suporte institucional externo. Os demais, ligados à docência, são contratados pelas universidades recém-criadas, o que faz com que suas relações com o país estejam mediadas por estas instituições e por seus criadores. E constante na fala dos mestres franceses da USP, por exemplo, a referência aos seus "amigos brasileiros": Júlio de Mesquita Filho, a família Prado, a família Porchat, em suma, a elite paulista da época.

Os norte-americanos, por sua vez, apóiam-se institucionalmente em seu país de origem. Logo, ao chegarem ao Brasil, entram em contato imediatamente com os cientistas

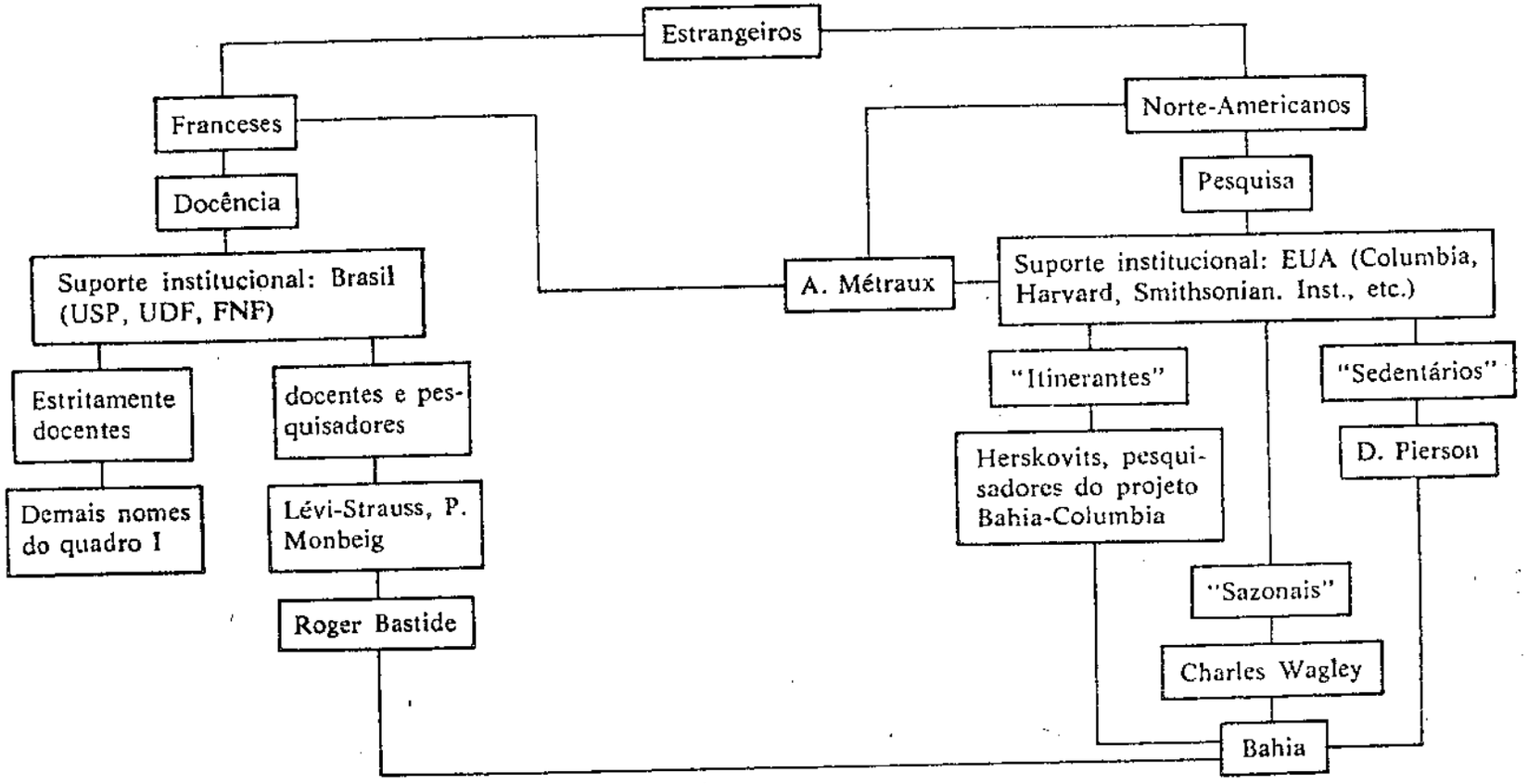
41. Como bem sabemos, não foi a esta conclusão que chegaram alguns trabalhos feitos, como por exemplo, o de Roger Bastide e Florestan Fernandes, "O preconceito racial em São Paulo".

sociais locais: Anísio Teixeira, Thales de Azevedo etc. Podemos dizer que, neste caso, exemplifica-se um tipo de relação mais "técnica" com o país: de pesquisador com pesquisador.

Quando falamos de presenças estrangeiras no Brasil, estamos tratando de viajantes que desembarcam no país em diferentes datas, com objetivos diversos. Uns ficam, outros passam. Uns trazem idéias na bagagem e deixam-nas aqui. Outros apenas levam dados. Uns são *presenças*, outros representam *influências*. Os franceses que chegam para inaugurar a USP têm como missão atualizar e civilizar tão novo país. Os norte-americanos vêm um pouco mais tarde, encontram terreno menos virgem. Trazem *know-how* de pesquisa, estabelecem um trânsito prolongado entre os dois países. Tais personagens estrangeiros estabelecem relações diferenciadas com o Brasil, mas que são indicadores permanentes de uma desigualdade básica entre centro e periferia.

QUADRO II

CÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS (1930-1960)



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ANEXO I: O Perfil das Carreiras

Emile Coornaert - Nascido em Hoodschoote (1886); agregé em história e geografia; doutor antes de vir para o Brasil, onde chega com 48 anos. Antes do periodo brasileiro, foi professor em Notre-Dame des Dunes (Dunquerque), no *College* Stanislas (Paris) e nos *Lycées* Alençon, Nancy e Condorcet (Paris). E colaborador dos *Annales* desde 1932. No Brasil permanece 1 ano. Posteriormente, torna-se professor da Sorbonne e diretor de estudos na E.P.H.E. Ingressa no College de France em 1956.

Pierre Deffontaines - Nascido em Limoges (1894), com licença em direito (1916) e em história e geografia (1918). Obtem a agrégation em história e geografia em 1920 e o doutorado em 1932. Foi professor na Faculdade Católica de Lille, de 1926 a 1934, quando vem para o Brasil, com 40 anos, aqui permanecendo 1 ano. Escreveu diversos artigos sobre geografia brasileira, entre eles, "Pays et paysages de l'état de São Paulo - premiere esquisse des divisions regionales" (1936).

Etienne Borne - Colaborador da revista Esprit, a partir de 1932. Vem para o Brasil em 1934 onde permanece quase 1 ano.

Integrante do Centro Católico de Intelectuais Franceses. Publica, em 1972, Mounier, collection 'philosophes de tous le temps'.

Paul Arbousse Bastide - Nascido em Gard (1899); licenciado em letras (1920) e agregé em filosofia (1928). Foi professor no liceu de La Rochelle e suplente na Faculdade de Letras de Besançon. Vem para o Brasil com 35 anos e aqui permanece 12 anos. De volta à França, conclui o doutorado sobre o positivismo brasileiro. Entre 1946 e 1949, dirigiu um programa em português na Rádio France. Torna-se professor no liceu de Janson de Sailly e de 1953 a 1956, leciona na Universidade de Rennes. Em 1966 ingressa na Sorbonne como professor de Psicologia Social, onde permanece até 1972.

F. P. Braudel - Nascido em Luméville-en-Ornois (1902); licenciado em letras (1921) e agregé em história (1923). Foi professor na Argélia de 1923 a 1932 e professor nos liceus Pasteur (1932), Condorcet (1933) e Henry IV (1934). Vem para o Brasil com 33 anos, onde permanece 3 anos. Em 1938, torna-se diretor de estudos na E.P.H.E. e em 1940, fica prisioneiro de guerra durante 5 anos (quando redige a tese sobre o Mediterrâneo, concluída em 1947). Em 1946, torna-se diretor dos *Annales*. Em 1949, ingressa no College de France e em 1962, é o diretor-fundador da Maison des Sciences de l'Homme. Falece em 1985.

Jean Maugué - Nascido em Cambrai (1904); esteve na Ecole Normale Supérieure de 1926 a 1930. Obtém a agrégation em filosofia em 1931. Foi professor no liceu de Montluçon até vir para o Brasil, com 31 anos. Aqui permanece 9 anos. Após o período brasileiro exerce funções diplomáticas. Foi conselheiro de embaixada em Buenos Aires até 1947. Em Paris, volta dar aulas em liceus. Falece no final dos anos 80.

Pierre Monbeig - Nascido em Marissel (1908); licenciado em letras (1927); agregé em história e geografia (1929); professor no liceu de Caen. Vem para o Brasil com 27 anos, onde permanece 11 anos. De volta à França, conclui o doutorado em 1949 e torna-se professor no Conservatório de artes e Ofícios e na Universidade de Strausbourg (1950). Professor na Faculdade de letras de Paris (1960). Diretor de Instituto de Altos Estudos da América Latina. Falece em 1984.

Claude Lévi-Strauss - Nascido em Bruxelas (1908); licenciado em direito e em filosofia pela Sorbonne. Obtém a agrégation em filosofia em 1931. Foi professor nos liceus de Mont-de-Marsan e Laon, até vir para o Brasil com 27 anos, onde permanece 3 anos. Foi professor na NSSR-EUA de 1940 a 1945, quando torna-se secretário da Escola Livre de Altos Estudos de Nova York, em Paris. Foi conselheiro cultural da embaixada francesa nos EUA (46-47). Em 1949, obtém o doutorado e torna-se sub-diretor do Museu do Homem. Em 1950,

é diretor de estudos na E.P.H.E. e em 59, ingressa no College de France.

Jean Gagé - Nascido em Seine & Oise (1902); Passa pela Ecole Normale Superieure entre 1921 e 1924. Obtém a agrégation em história em 1924. Foi suplente na Faculdade de letras de Strasbourg de 1929 a 1934. Vem para o Brasil com 33 anos, onde permanece 8 anos. Em 1955, ingressa no College de France.

Roger Bastide - Nascido em Nimes (1896); licenciado em filosofia, em Grenoble (1917). Em 1924, obtém a agrégation em filosofia. Foi porfessor nos liceus de Cahors (24-26), Lorient (26-28), Valence (28-37) e Versailles (1938). Vem para o Brasil com 40 anos e aqui permanece 16 anos. De volta à França, torna-se professor na E.P.H.E. e no Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina (1954). Em 1959, ingressa na Sorbonne. Fundador do Centro de Psiquiatria Social (1961) que dirige até a sua morte.

François Perroux - Nascido em Lyon (1903). Foi professor na Faculdade de Direito de Lyon até vir para o Brasil, com 32 anos, onde permanece 1 ano. Funda, posteriormente, o Instituto de Ciências Econômicas Aplicadas no College de France (1955). Em 1960, torna-se diretor do Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social.

René Courtin - Foi porfessor na Faculdade de Direito de Montpellier até vir para o Brasil, onde permanece 1 ano. Em 1941, publica "Le probleme de la civilization économique au Brésil", ed. de Médicis.

Pierre Frommont - Nasce em 1896; é aluno da Ecole Normale Supérieure de 1919 a 1923; agregé em economia política, na Faculdade de Direito em 1928. Foi professor na Faculdade de direito de Rennes e na Escola de Agricultura de Rennes. Vem para o Brasil com 42 anos, onde permanece 1 ano.

Paul Hugon - Nasce em 1903. Chega ao Brasil com 35 anos e aqui permanece por toda a vida (34 anos).

Georges Gurvitch - Nasce na Rússia (1894) e realiza sua formação fora da França. Foi professor nas Universidades de Praga e Strasbourg. Vem para o Brasil com 53 anos e aqui permanece 2 anos. Em 1949, torna-se professor na E.P.H.E. e na Sorbonne. Funda o Grupo de Sociologia do Conhecimento.

Gilles-Gaston Granger - Ex-aluno da ENS. Permanece 6 anos no Brasil. De volta à França, completa o seu doutoramento, e torna-se professor de filosofia na Universidade de Rennes.

Emile G. Léonard - Nasce em Aubois (1891). Obtem o doutorado em 1932. Foi professor na Faculdade de letras de Caen e na Faculdade de Aix-en-Provence. Vem para o Brasil com 57 anos

e aqui permanece 2 anos. Em 1949, substitui Lucien Febvre na E.P.H.E.

Martial Guéroult - Nasce em 1891; ex-normalien; agregé em filosofia. Foi professor na Universidade de Strasbourg (29-45). Permanece 1 ano no Brasil. Posteriormente, torna-se professor na Sorbonne e em 1945 ingressa no College de France.

Pierre Gouru - Nasce na Tunisia (1900). Especialista nas regiões tropicais, foi professor na Universidade de Bruxelas, um dos diretores da revista *L'Homme*, autor do clássico Les paysans du delta tonkinois. Permanece 2 anos no Brasil.

Charles Morazé - Nasce em Lille (1913). agregé em história e geografia (1936). Historiador ligado ao grupo dos *Annales*, foi professor no Instituto de Estudos Políticos (1944). Vem para o Brasil com 35 anos e aqui permanece 2 anos. Em 1967, torna-se diretor de estudos na E.P.H.E.

Jean Glénisson - Nasce em Jonzac (1921). Vem para o Brasil com 36 anos, onde permanece 1 ano. Posteriormente, torna-se diretor de estudos na E.P.H.E.

ANEXO II: Cadeiras ocupadas pelos franceses na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (exceto a seção Letras)

1. <u>História da civilização</u>

1934 - Emile Coornaert

1935 - Fernand Braudel

1938 - Jean Gagé

1939 - Moderna e contemporânea - Jean Gagé

- Antiga e medieval

1948 -1950 - Emile G. Léonard

2. <u>Metodologia e teoria da história</u>

1957-58 - Jean Glénisson

Obs. Como professores-visitantes estiveram na USP, entre outros historiadores: Fernand Braudel (1948), Lucien Febvre (1949), Emile Coornaert (1949), Philippe Wolff (1952), Marcel Bataillon (1953), Fréderic Mauro (1953 e 55), Maurice Lombart (1954), Jean Glénisson (59-60 e 1978), Yves Bruand (1960-69), M. Mollat (1961), Jacques Heers (1961), Jacques Godechot, de Toulouse (1953 e 1962), Albert Soboul (1969 e

1982), Edouard Baratier (1969), Charles Olivier Carbonell, de Toulouse (1970-1, 1984), Jean Sentou (1971), Albert Déroisiers (1973), François Furet (1973), Jean Marie Goulemont (1974), Jean Delumeau (1975), Robert Mandrou (1976), Adeline Daumard (1980), Roland Hubscher (1982), Jean Bottero (1984).

3. Sociologia

1934-40 - Paul-Arbousse Bastide (Sociologia I)

1935-38 - Lévi-Strauss (Sociologia II)

1938-54 - Roger Bastide (Sociologia II)

Obs. Em 1941, foram as duas cadeiras de sociologia reunidas numa só. Ficou então Roger Bastide o responsável pela cadeira e. Paul Arbousse Bastide passou a reger a cadeira de politica. Em 1942, a cadeira volta a se dividir. Roger Bastide fica como regente da cadeira de sociologia I e Fernando de Azevedo o responsável pela segunda cadeira.

4. Politica

1941-45 - Paul Arbousse Bastide

1947-48 - Georges Gurvitch

1949-51 - Charles Morazé

Obs: Como visitantes nas ciências sociais estiveram Paul Rivet (1952) e Alain Touraine (1975).

5. Geografia Fisica e Humana

1934 - Pierre Deffontaines

1935-46 - Pierre Monbeig

1947 - Roger Dion (Geografia humana)

1948 - Pierre Gouru (Geografia humana)

Obs. Além de Emmanuel de Martonne, professor visitante por alguns meses em 1937 e de Pierre Monbeig que voltou regularmente ao Brasil, pela geografia passaram: F. Ruellan (1952), Charles André Libault (1965) e André Journaux (1972).

6. Economia politica, finanças e história das doutrinas econômicas

1936 - François Perroux

1937 - René Courtin

1938 - Pierre Frommont

1939 - Paul Hugon

7. Filosofia

1934 - Etienne Borne

1935 - Jean Maugué (de 39 a 44 - História da filosofia e psicologia)

1947 - Gilles Gaston Granger

1948 - Martial Guéroult (História da filosofia)

Obs. Como professores visitantes passaram pela Filosofia, entre outros: G. Lebrun (1960-66, 71, 74-79), M. Debrun (1960-66), Lucien Stephan (1962), Michel Foucault (1965-66), Danielle Ancier (1967-69), Jean Gallard (1968-1972), Jean Pierre Vernant (1971 e 1977), François Châtelet (1971), M. Serres (1973), Jules Vaillemin (1974) François Warin (1970-74), Lyotard (1976), Francis Wolff (1980-84, 86), C. Castoriadis (1982 e 1987), Pierre Aubenque (1983), Maurice Godelier (1983), Pierre Mancherey (1984), Maurice Clavelin (1985), Michel Abensour (1985), Annie Cohen-Solal (1986), Michel Paty (1986)

Segunda Parte: A Missão Francesa na Universidade de São Paulo

Iniciação

Se vens a uma terra estranha
curva-te
se este lugar é esquisito
curva-te
se o dia é todo estranheza
submete-te
és infinitamente mais estranho

Orides Fontela

Capitulo II

Lévi-Strauss e o Brasil

Roteiro

A viagem de Lévi-Strauss para o Brasil será tratada em dois registros distintos. Em um plano, analisarei a viagem tal como foi vivida, em 1935, pelo jovem 'agregé' para ocupar a cadeira de sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Num segundo nível, meu objeto de atenção será a "viagem narrada" pelo antropólogo em Tristes Trópicos, 1955, quer dizer, vinte anos depois. Aí, a ênfase da análise recai sobre o texto propriamente dito, onde quem narra não é o mesmo Lévi-Strauss que aqui esteve.

Os dois tipos de abordagem filiam-se à tradições diferentes - a primeira, mais próxima da história intelectual e a outra, mais ao gosto da análise literária - e, como tal, exigem tratamentos distintos, desde o tipo de investimento reflexivo feito à linguagem utilizada.

As duas partes do capítulo, portanto, não se articulam diretamente, nem compõem um todo homogêneo. Ao contrário, são descontínuas, permitindo, inclusive, leituras separadas. A decisão de mantê-las unidas através de um mesmo título, "Lévi-Strauss e o Brasil", teve origem no desejo de arriscar diferentes tipos de exercício. Entre outras coisas, parecia-me uma pena desperdiçar o rico material encontrado sobre a viagem e sua narrativa, que permitia uma reflexão

interessante sobre as relações entre o narrar e o viajar, fundamental para a compreensão antropológica.

I) A Viagem

1.1 A partida

Se usamos como parâmetro temporal o período compreendido entre 1935-1938 - quando Lévi-Strauss encontra-se no Brasil, professor de sociologia da recém-criada Universidade de São Paulo -, é possível distinguir dois momentos: os anos de sua formação escolar, e o período pós-Brasil, quando irá desenvolver a carreira profissional recém-começada.

Belga de nascimento (1908), é na França que Lévi-Strauss faz sua formação escolar: primeiro em Versailles (a escola primária e o liceu Hoche), depois em Paris, no liceu Janson-de-Sailly, onde permanece até o 'baccalauréat'. A 'Ecole Normale Supérieure', meta de certa elite intelectual francesa, está no horizonte de Lévi-Strauss, que se inscreve então no curso preparatório para os exames da Ecole (hypokhâgne) do liceu Condorcet. As dificuldades com o grego e com a matemática, diz ele, o fazem optar pelo Direito, na Faculdade de Direito de Paris e, simultaneamente, pela Filosofia na Sorbonne. Após a 'agrégation', em 1931, cumpre o serviço militar em Strasbourg e no Ministério da Guerra.

Recém-casado, assume o posto de professor no liceu de Mont-de-Marsan, 1932 (LEVI-STRAUSS, 1990, p.19 e 24).

O período escolar de Lévi-Strauss esteve fortemente marcado pela militância política: foi secretário do grupo de estudantes socialistas das cinco escolas normais superioras (embora não fosse 'normalien') e secretário-geral da Federação dos Estudantes Socialistas. Nos anos anteriores à 'agrégation', chegou a ser secretário de um deputado socialista, Georges Monnet. Já 'agregé' em Filosofia e professor de liceu, a política continua a ter grande espaço em sua vida. Em Mont-de-Marsan, por exemplo, foi candidato nas eleições municipais (LEVI-STRAUSS, 1990, p.18-24).

A nomeação seguinte é para Laon, onde permanece um ano e alguns meses como professor, embora residindo em Paris, onde prosseguem as atividades políticas. Em inícios de 1935 vem para o Brasil, contratado com Fernand Braudel, Jean Maugué, Pierre Monbeig, entre outros, para integrar a segunda leva de professores da missão francesa na USP.

O contexto da vinda para o Brasil foi inúmeras vezes descrito por Lévi-Strauss em seus trabalhos mais autobiográficos e em vários depoimentos. As versões são concordantes e, lidas em conjunto, nos permitem uma visão detalhada do ocorrido. Diz ele: "Minha carreira se decidiu num domingo do outono de 1934, às 9 horas da manhã, através de um telefonema. Era Célestin Bouglé, então diretor da Ecole Normale Supérieure; ele me tratava desde alguns anos com uma benevolência um pouco longínqua e reticente: em

primeiro lugar, porque eu não tinha sido 'normalista', em seguida e sobretudo porque, mesmo que o tivesse sido, não pertenceria ao seu grupo, pelo qual ele manifestava sentimentos muito exclusivos; sem dúvida não havia encontrado ninguém melhor, pois me perguntou abruptamente: - Continua com a intenção em se especializar em etnografia? - Certamente! - Então apresente sua candidatura como professor de Sociologia da Universidade de São Paulo. Os arrabaldes estão repletos de indios, o senhor poderá dedicar-lhes os seus fins de semana. Mas é preciso dar uma resposta definitiva a Georges Dumas, antes do meio-dia" (LEVI-STRAUSS,1957,p.43).

As palavras um tanto irônicas dirigidas a Bouglé nesta passagem dos anos 50 serão atenuadas em fins de 80. Afinal, foi Bouglé o único que se dispôs a orientar o 'mémoire d'études supérieures' do jovem Lévi-Strauss, que pretendia discorrer sobre os postulados filosóficos do materialismo histórico. Portanto, era natural que soubesse das aspirações de seu orientando de se tornar etnólogo (LEVI-STRAUSS,1990,p.25,26).

A etnologia nos anos 30 adquirira certa visibilidade no meio intelectual francês, atraindo pessoas de formações distintas,, de filósofos a escritores. E o caminho aconselhável para um candidato a etnólogo que não frequentou os cursos de Marcel Mauss na "Ecole Pratique des Hautes Etudes" era uma viagem, uma experiência de trabalho de campo. A vaga de professor de sociologia na Universidade de

São Paulo parecia, então, um bom pretexto para o jovem filósofo que desejava iniciar-se na prática etnológica, mesmo que esta só pudesse ser exercitada nos fins de semana ou nos períodos de férias escolares, já que, contratualmente, a USP exigia dedicação exclusiva à docência.

1.2 A etnologia francesa nos anos 30: o contexto resumido

A etnologia francesa não nasce com Durkheim, nem se desenvolve exclusivamente em torno do grupo durkheimiano. Desde o começo do século XIX, inúmeras missões científicas são organizadas com o objetivo de conhecer os povos exóticos: as civilizações afro-asiáticas e ameríndias. Mas trata-se, de modo geral, de iniciativas extra-acadêmicas, patrocinadas por mecenas e ligadas às sociétés savantes da época, como, por exemplo, a société asiatique (1822) e a société des américanistes (1895). Isso sem mencionar as informações etnográficas regularmente trazidas por funcionários das colônias francesas, como oficiais, médicos, missionários, entre outros (KARADY,1988), ou ainda, a reflexão sobre o primitivo que teve lugar na "Sociedade dos Observadores do Homem", no século XVIII (CLASTRES, 1983) [1].

O ensino de antropologia nesse período acontece basicamente no 'Musée d'Histoire Naturelle', onde em 1855 é criada a primeira cadeira de Antropologia (ocupada, sucessivamente, por Quatrefages, Hamy e Verneau); na 'V

1. Na busca das "origens", poderia retroceder ainda mais e chegar aos viajantes que, desde o século XVI, trouxeram valiosas informações sobre os povos primitivos e os países exóticos. Mas meu objetivo aqui não é pensar a história da etnologia de um modo geral, rastreando suas raizes, apenas reunir alguns elementos que permitam pensar a sua estruturação como disciplina, isto é, organizada institucionalmente, na França.

séction des sciences religieuses' da EPHE, onde a partir de 1893 inicia-se o ensino das religiões dos povos não-civilizados; e na 'Ecole d'anthropologie de Paris', organismo criado por P. Broca em 1875 (RIVET,1940).

Desde o final do século passado, como já vimos, o grupo durkheimiano aumenta seu prestigio nas ciências sociais francesas. E o que se vê, por exemplo, pela ampliação de seu espaço de atuação dentro e fora da Universidade. Mais especificamente após a criação do Année, em 1898, o interesse pela etnologia aparece de modo claro: é significativo o número de artigos dedicados aos povos primitivos e à literatura etnográfica publicados na revista, muitos de autoria do próprio Durkheim.

Dentre as várias disciplinas, a etnologia é talvez a que possui laços mais estreitos com a sociologia durkheimiana (inclusive de parentesco), através de Marcel Mauss. Na própria obra de Durkheim, antropologia e sociologia estão mescladas. Além de seu trabalho mais antropológico, Les formes élémentaires de la vie religieuse (1912), a contribuição de Durkheim à etnologia é claramente sentida nas já mencionadas colaborações para a revista Année Sociologique e em seus textos "La prohibition de l'inceste" e "L'essai sur quelques formes primitives de classification". O próprio Mauss também tem dificuldades em separar os dois termos. Para ele, "o lugar da sociologia é dentro da antropologia social" (LEVI-STRAUSS,1976,p.13).

Embora o ensino oficial do Museu e da Escola de Antropologia de Paris possuísse um amplo raio de ação dentro e fora da França, será com os colaboradores de Durkheim - Mauss, Lévy-Bruhl e P. Rivet - que a disciplina entra no programa universitário francês, a partir da criação do "Institut d´Ethnologie" da Universidade de Paris, em 1925: "Nem o Museu nem a Escola de Antropologia tinham o direito de outorgar aos seus alunos um diploma oficial consagrando, depois dos necessários exames, os conhecimentos adquiridos e assegurando aos melhores dentre eles uma carreira especializada" (RIVET,1940,p.26).

E verdade que Mauss, Hubert e Hertz já haviam garantido um ensino mais especializado na EPHE, porém seus cursos encontravam-se à margem dos ciclos de estudos regulares da Universidade, não conferindo ao aluno um certificado em Etnologia, o que só ocorrerá a partir de 1925.

O "Institut d´Ethnologie" da Universidade de Paris, fundado por Mauss, Lévy-Bruhl e Rivet, é uma espécie de divisor de águas na história da disciplina. Ao patrocinar pesquisas empíricas, formando profissionais, o Instituto atrai novos candidatos para a área. Se antes da I Guerra Mundial, por exemplo, os cursos tinham poucos alunos (de 1901 a 1911, o número de alunos do curso de Mauss variava entre 16 e 38 e no curso de Hubert, entre 10 e 29), no Instituto constavam 26 inscritos em 1926, passando a 258 em 1938. Entre 1926 e 1940, 113 alunos foram enviados ao campo (KARADY,1988,p.33).

Em relação à pesquisa, é importante lembrar que os anos 30 assistem à entrada da Fundação Rockfeller no país, financiando investigações, o que antes era feito por iniciativa privada e estatal em escala reduzidíssima (MAZON,1985). A ajuda fornecida pelos novos recursos altera o perfil da disciplina e permite a realização das primeiras grandes experiências de campo da etnologia francesa: a missão Dakar-Djibouti (1931) e a missão Saara-Sudão (1935).

Se com o grupo durkheimiano, a etnologia adquire um novo estatuto institucional e intelectual, é preciso lembrar que, paralelamente, uma outra corrente continuava desenvolvendo um trabalho distinto, por exemplo, na Escola de Antropologia e na 'Société d'Ethnographie'. Trata-se de duas linhas antagônicas não só do ponto de vista intelectual (enquanto a etnologia com os durkheimianos aproxima-se da sociologia, a antropologia de Louis Marin define-se como antropologia física), mas também do ponto de vista político: o grupo durkheimiano identifica-se com os valores republicanos progressistas e com o socialismo, enquanto essa outra corrente adere aos valores reacionários da ordem social tradicional (LEBOVICS,1988).[2]

Em suma, os anos 30 representam um período de relativo florescimento na etnologia francesa, possibilitado pela

---

2. O artigo de Lebovics prossegue nesta linha de análise mostrando como as sucessivas vitórias institucionais do grupo durkheimaino - a criação do Instituto de Etnologia e, posteriormente, a reforma do museu de etnografia do Trocadéro, em 35 - só foram possíveis graças à sua aproximação dos socialistas, força política em ascensão.

maior projeção e força do grupo durkheimiano, que introduz a disciplina nos quadros da Universidade e no Collège de France, através da cadeira ocupada por Mauss em 1935. Ao lado disso, a entrada do financiamento norte-americano no país permite um salto importante no que diz respeito à realização de pesquisas.

A questão do trabalho empírico é um ponto importante e controverso para os historiadores da disciplina na França. A pesquisa de campo ocupou, de certa forma, lugar secundário na sociologia francesa até os anos 30, o que pode ser em parte explicado pela proximidade da disciplina no país com uma certa tradição filosófica e pela escassez de recursos. Se a afirmação é verdadeira em linhas gerais - Durkheim é um sociólogo de gabinete, assim como Lévy-Bruhl e Mauss -, é preciso lembrar que tal tradição foi constantemente contestada, seja por um Maurice Leenhardt ou por um Van Gennep, seja pela escola de Marcel Griaule. Mas o curioso é que tais pesquisadores foram formados e orientados para a pesquisa pelos mestres 'de gabinete', com exceção de Van Gennep, absolutamente afastado de Durkheim e que desenvolve seu trabalho ligado à discussão com os folcloristas sobre questões de cultura popular (CUISINIER e SEGALEN,1986). Os demais foram formados sobretudo por Mauss. Se Leenhardt é um caso particular - já que realizou suas primeiras experiências etnológicas através de seu trabalho como missionário -, foi a amizade com Mauss e Lévy-Bruhl que o introduziu na carreira de etnólogo propriamente dita

(CLIFFORD,1982). Os membros das missões à Africa, por sua vez, foram, em sua maioria, alunos de Mauss, referindo-se com frequência aos seus conselhos e cursos[3].

* * * *

As missões francesas à Africa tiveram grande importância não só porque através delas foi formada uma geração de pesquisadores, moldando um novo perfil da etnologia em contexto francês, mas também porque inauguraram uma área temática, uma nova "vocação": o africanismo.

Dirigida por Marcel Griaule e contando com a participação, entre outros, de Michel Leiris e de André Schaeffner, a missão Dakar-Djibouti (1931-1933) é a primeira a abrir as portas da Africa aos pesquisadores franceses. Projetada como uma grande pesquisa extensiva que deveria cobrir um itinerário de mais ou menos 20.000 quilômetros, a missão previu também pesquisas intensivas a serem realizadas em algumas regiões, por exemplo, no Mali, no norte dos Camarões e na região etiopiana de Godjan. O resultado imediato dos dezoito meses de travessia foi: 3.600 objetos e 60 metros quadrados de pinturas murais para o Trocadéro,

3. A correspondência de Deborah Lifchitz e de Denise Paulme com Michel Leiris, em 1935, é um exemplo claro não apenas de sua dívida intelectual com Mauss mas da importância de seus conselhos e ensinamentos na solução de problemas práticos colocados pela pesquisa. Cf. Gradhiva, n.3, 1987.

mais de 300 manuscritos etíopes para a Biblioteca Nacional de Paris, numerosas coleções para o Museu Nacional de História Natural, 600 negativos tirados, 3.600 metros de películas filmadas, 200 registros sonoros e 1.500 fichas de documentação etnográfica (CALTAGIRONE,1988,p.3).

Em 1935, uma nova missão à Africa é organizada com o objetivo de completar os dados e as coleções etnográficas recolhidas pela missão Dakar-Djibouti. Trata-se da missão Saara-Sudão. Griaule, neste momento, recolhia material para a conclusão de seu trabalho sobre as máscaras dogon (tese apresentada em 1937), enquanto Deborah Lifchitz (linguista, aluna de Marcel Cohen) realizava uma enquete mais sistemática sobre a lingua dogon e Denise Paulme (jurista de formação e aluna de Mauss) sobre a organização social do grupo.

Graças a uma bolsa da Fundação Rockfeller e ao apoio de P. Rivet e Lévy-Bruhl, as etnólogas prolongaram sua estada no país dogon por mais seis meses (de março a setembro de 1935). Esse período ficou conhecido como a "missão Paulme-Lifchitz" e teve a particularidade de desenvolver um trabalho de cunho mais intensivo que as anteriores (CORRESPONDANCE...).

O africanismo conhece um surto expansionista nos anos 30[4]. Em 1931, quando é criada a "Société des africanistes", o interessse pela cultura africana é compartilhado por setores mais amplos da sociedade francesa. Os surrealistas, por exemplo, incorporam o africano (efetivamente o 'outro' desvendado pela etnologia francesa) em sua crítica cultural. Os elementos do mundo negro impregnam a vida parisiense: música, imprensa em geral, exposições realizadas com peças trazidas pelos etnólogos - até mesmo estúdios de artistas são decorados com objetos africanos, fonte de inspiração de inúmeras obras (CLIFFORD,1981) [5].

A aproximação da etnologia do mundo das artes na França, dada principalmente pelo grupo surrealista, produz uma série de resultados felizes como, por exemplo, a revista Documents, editada por Bataille a partir de 29, onde escrevem R. Desnos, Artaud, entre outros, e que dedica um número inteiro à missão Dakar-Djbouti; ou o catálogo da exposição "Les Arts Anciens de l'Amérique", organizada por Georges Henri-Rivière em 1928, para o qual Bataille escreve

4. O interesse pela Africa, como se sabe, é muito anterior. O trabalho de Michele Duchet, Anthropologie et histoire au siecle des Lumieres (Paris, Flammarion, 1977), por exemplo, mostra o processo de descoberta do africano e do americano pela Europa no século XVIII, a partir do olhar de Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius e Diderot.

Nos anos 30, deste século, o africanismo encontra-se amparado por bases materiais e institucionais mais sólidas, o que permite a sua expansão - as missões francesas à Africa.

5. Elementos africanos já povoavam as artes anteriormente. O que gostaria apenas de frisar é que com os surrealistas há uma expansão deste interesse pelo mundo negro, em todos os sentidos.

"L'Amérique disparue". A posição anticolonialista dos surrealistas mobiliza o interesse pelos povos colonizados e leva alguns de seus membros a escreverem "textos etnológicos". Penso em Benjamim Péret, que publicou no México uma coletânea de mitos indígenas [6], ou em Artaud, que após a experiência mexicana escreve Les Tarahumaras. Mas é Michel Leiris o personagem que melhor ilustra tal articulação entre etnologia e arte: trata-se de um poeta surrealista que se profissionaliza como etnólogo. O interesse pela etnologia, diz ele, nasceu com o surrealismo e representava a rebelião contra o racionalismo ocidental, o que significava, então, a curiosidade pelos povos primitivos e pela "mentalidade primitiva" (JAMIN, 1988, p.29).

* * * *

O americanismo conhece desenvolvimento distinto na França. Embora organizado precocemente sob a forma de uma

6. Benjamim Péret morou no México de 1941 a 1947, com sua segunda esposa, a artista plástica Remedios Varo. O interesse pela cultura indígena levou-o a uma pesquisa cujo resultado seria publicado mais tarde sob o título Anthologie des mythes, légendes et contes populaires d'Amérique (1960). Antes do período mexicano, Péret viveu no Brasil de 1929 a 1931, com sua primeira mulher, a cantora brasileira Elsie Houston. Aqui, ligou-se às intelectualidades paulista e carioca, filiou-se a "Liga Comunista Internacionalista", organização de orientação trotskista, e interessou-se pelo candomblé e pela macumba, sobre o que escreveu uma série de artigos no Diário da Noite, SP, entre 30 e 31. Sobre as relações de Péret com o Brasil, ver Ginway, 1986.

"société savante" - a 'société des américanistes' data de 1895 -, nos anos 30 é ainda uma área pouco explorada, sendo G.H. Rivière (do Museu de Artes e Tradições Populares) e P. Rivet (do Museu do Homem), seus mais destacados representantes.

A 'société des américanistes' é criada com a ajuda financeira do duque de Loubat (seu presidente de honra) e tem como diretor o professor E.-T. Hamy, do Museu de História Natural [7]. Segundo os estatutos, seu objeto é o estudo "histórico e científico do continente americano e de seus habitantes desde as épocas mais remotas até os nossos dias". Reunindo-se às primeiras terças-feiras de cada mês (de novembro a junho) no Museu do Homem, seus membros editam, desde o primeiro ano de existência da sociedade, uma revista, contendo: o relato das seções; comunicações feitas à sociedade; memoriais sobre antropologia, arqueologia, etnografia, linguística, história colonial e geografia humana relativas às duas Américas; dados sobre o "movimento científico americanista" e uma bibliografia americanista. Enfim, "todos os documentos próprios para se conhecer os progressos das ciências americanas" (*Journal de la Société des Américanistes*, I, 1895/6)

---

7. Seria interessante fazer uma análise destas sociedades do ponto de vista de sua íntima ligação com a aristocracia. Do conselho da 'société des américanistes', por exemplo, fazem parte, ao lado dos especialistas, duques, marqueses e até um príncipe! Cf. tomo I do Journal de la Société des américanistes, Paris, Hôtel des Sociétés savantes, 1895-96.

O americanismo é, portanto, definido por seus praticantes como uma ciência - que compreende as diversas disciplinas já mencionadas - voltada para o conhecimento das Américas e cuja questão central, norteadora das investigações, é a das origens americanas. O discurso comemorativo do presidente da sociedade - M. Vignaud -, em 1914, esclarece: "Humboldt, que foi criador dessa ordem de pesquisas, não conhecia essa palavra; mas se medimos o campo coberto por suas sábias e penetrantes investigações vemos que, para ele, o Americanismo compreendia unicamente o que se relaciona às origens americanas e às primeiras relações do Velho Mundo com o Novo (...) Esta maneira de entender o americanismo científico, que é a nossa, abre às investigações um vasto campo" (*Journal de la Société des Américanistes*, XI, p.2).

Acompanhando a publicação desde o momento de sua criação até 1940[8], foi possível perceber nela duas fases, que correspondem a dois momentos distintos das pesquisas americanistas. A primeira, que vai até meados dos anos 20, caracteriza-se por ser um período auto-referente, quer dizer, momento em que o jornal fala preferencialmente da própria sociedade, de seus feitos e de seus membros, que são os mais assíduos colaboradores. Aí são seguidos os cursos oferecidos na área (sobre história pré-colombiana, novidades

8. O corte temporal justifica-se pelo objetivo em acompanhar os primeiros passos de Lévi-Strauss como antropólogo e sua entrada na 'tribo' dos americanistas. Neste sentido, os anos 30 era o período que nos interessava mais de perto.

arqueológicas e calendário mexicano) e os avanços do interesse pelas Américas nas instituições da época (a cadeira de "antiquités américaines", criada em 1903 no Collège de France, merece nota destacada). Ao lado disso, encontram-se sumários do "Comité France-Amérique", resenhas de livros (sobretudo das obras dos viajantes) e uma seção "mélanges et nouvelles américanistes", contendo informações breves e variadas.

O segundo momento, que tem início em finais dos anos 20 e começo dos anos 30, está marcado pela entrada em cena dos especialistas, formados nas faculdades da época, que divulgam os resultados de suas primeiras investigações. Os viajantes, grandes responsáveis até então pelas informações sobre as Américas, cedem lugar aos 'novos' americanistas: A. Métraux, que em 1926 estréia na publicação com um artigo sobre as migrações históricas dos Tupi-Guarani; Jean Vellard, que assina em 1934 o primeiro de uma série de artigos sobre os Guayaki; J. Soustelle, que divulga sua pesquisas com as tribos mexicanas a partir de 1935; Lévi-Strauss, autor de um longo artigo sobre os Bororo, 1936.

O lugar ocupado pelo Brasil no Jornal até os anos 30 é bastante reduzido. Além de poucos artigos - sobretudo informações de viagens -, o pais aparece com maior frequência na seção "nouvelles et mélanges américanistes", onde são noticiadas, entre outras coisas, viagens feitas em território brasileiro, parte da produção dos museus (sobretudo do Museu Paraense e do Paulista), recenseamentos

populacionais e fatos políticos. A partir do final dos anos 20, é Paul Rivet o principal cronista da situação brasileira[9].

Os anos 30, como já vimos, assistem a um maior número de missões etnológicas organizadas na França, o que pode ser perfeitamente acompanhado pela leitura da publicação. Comparando, porém, as investigações realizadas na Asia, Africa e América, fica evidente o predomínio dos estudos africanos no período. Dentre os países americanos, o México é o mais estudado. Os bolsistas da Escola Francesa do México se sucedem: entre 1930 e 1931, Ricard realiza um estudo sobre a conquista espiritual do México; Weymuller, em 31-32, faz pesquisas na área de geografia humana; no período compreendido entre 1932-34, Soustelle escreve sua tese de

9. Os contatos de Paul Rivet (1876-1958) com a América Latina datam do começo do século. O jovem médico militar conhece a América em 1901 quando é então chamado a integrar uma missão francesa no Equador, onde permanece por cinco anos. Desta experiência resulta Ethnographie ancienne de l'Equateur (1912), em co-autoria com Verneau. Esteve no Brasil diversas vezes e, entre outras atividades, deu um curso na USP em 1952 sobre as origens do homem americano. Foi uma figura fundamental na formação de uma geração de americanistas.

doutorado sobre os índios Otomi e Lasandon, retornando em 1935 em nova missão (RIVET,1940) [10].

O Brasil, nessa mesma época, é praticamente desconhecido. Em 1929, J. Vellard faz uma viagem do Rio ao Pará, pelo Araguaia, da qual resulta um estudo sobre os Carajá [11]. Em 1936, Dina e Claude Lévi-Strauss passam um período entre os Bororo e, em 1938, acompanhados por Vellard, realizam uma visita aos índios do Mato Grosso.

O Jornal acompanha os passos do jovem etnólogo. Em 1935, P. Rivet escreve uma pequena nota: "M. Claude Lévi-Strauss, professor na Faculdade de Letras, Ciências e Artes (sic) de São Paulo, e sua mulher foram encarregados de missão pelo Ministério de Educação Nacional para estudarem de perto algumas tribos pouco ou mal conhecidas do Mato Grosso. M. Lévi-Strauss apresentou ao conselho da Universidade de São Paulo um projeto de fundação de um Instituto de Antropologia Física e Cultural" (*Journal de la Société des Américanistes*, XXVII, p. 475/6). No momento mesmo em que este comunicado aparece nas páginas do Jornal,

10. Eduardo Viveiros de Castro, num texto falando sobre o seu percurso, pinta a paisagem americanista: "A antropologia se constituiu no século XIX a partir de realidades sócio-culturais da Africa, Oceania, India e América do Norte. A América do Sul esteve à margem deste movimento sistemático de investigação sobre as formas não-européias de vida social, característico da modernidade tardia. O índio sul-americano foi o Selvagem da filosofia dos séculos XVI a XVIII, não o Primitivo da antropologia vitoriana (...). Assim, o americanismo deixou poucas marcas no acervo da disciplina" (1990, p.24/25).

11. Vellard esteve em vários países da América do Sul. Além do Brasil, passou pelo Paraguai em 1932 e pela Venezuela, em 1936.

o nome de Lévi-Strauss passa a constar da relação de membros da 'société des américanistes'.

Em 1936 Lévi-Strauss publica seu primeiro artigo na revista: "Contribution à l'étude de l'organisation sociale des Indiens Bororo" (tomo XXVIII). Trata-se do primeiro resultado de suas pesquisas publicado em um veiculo de renome internacional. Com isso, desloca-se da seção de "mélanges" para o local nobre da publicação, ao lado de Soustelle, Métraux e outros.

No mesmo ano e volume, Soustelle anuncia as "novas pesquisas no Brasil": "No começo do mês de março voltam à São Paulo, M. e Mme. Lévi-Strauss, que estiveram entre os Kaduveo e os Bororo. Eles encontraram a primeira população num estado de decomposição avançado. Dentre 150 Kaduveo aproximadamente, apenas vinte descendem de pai e mãe índios. Entretanto, sua cultura material e instituições parecem ter conservado uma certa originalidade. Totalmente diferente é a situação dos Bororo, cuja cultura material e instituições mantiveram-se praticamente intactas. M. e Mme Lévi-Strauss tiveram a sorte de assistir a um número considerável de cerimônias que puderam filmar, e centraram seu estudo sobre a organização dos clãs e das classes matrimoniais" (*Journal de la Société des Américanistes*, XXVIII, p.262). Nos anos seguintes (1937 e 1938), Dina Lévi-Strauss escreve duas notas informativas: a primeira sobre a Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo (tomo XXIX) e a outra

sobre a 'missão Lévi-Strauss-Vellard', de 1938-39 (tomo XXX) [12].

"Como se faz um americanista" poderia ser o subtítulo dos três parágrafos anteriores. A experiência de campo - condição sine qua non para a formação do especialista - é o que permite a Lévi-Strauss ter acesso à "tribo dos americanistas". Feito o batismo, torna-se um igual, passando a integrar uma nova rede: a sociedade, a revista, os congressos. Este circuito específico reúne arqueólogos, folcloristas, geógrafos, viajantes e, sobretudo, etnólogos, sob uma mesma legenda[13]. O que os unifica, fundamentalmente, é o estudo da(s) América(s), de sua paisagem, história, tipos humanos etc. Com este objetivo, tais pesquisadores circulam por diferentes países, cruzando fronteiras, desenhando recortes: o mapa que têm diante de si é o da América; os contornos nacionais, neste caso, não estão em destaque. Por isso, antes de qualquer outra alcunha que

12. Sobre Dina Lévi-Strauss, personagem hoje desconhecida, ver o texto de Mariza Corrêa, "O que é um nome", mimeo, 1990, que serve também como uma espécie de roteiro ao video feito com a etnóloga.

13. Eduardo V. de Castro, op. cit., mostra como a designação "americanista" refere-se, fundamentalmente, ao etnológo: "Embora tais características de 'americanista', 'africanista', 'europeanista' etc., possam, em princípio, aplicar-se também a historiadores e sociólogos, e estudiosos das populações camponesas ou urbanas, elas são sobretudo importantes na organização da comunidade dos etnólogos ou, em geral, dos especialistas dos povos primitivos ou antigos (linguistas, arqueólogos)". (1990, p. 2).

possam ter recebido no futuro - mexicanistas, brasilianistas etc. - são, acima de tudo, americanistas [14].

14. E ainda Viveiros de Castro que esclarece as distinções: "E importante observar que 'americanista' não é um gênero de que 'brasilianista' (por exemplo) seria uma espécie. Nossas espécies são antes coisas como 'andinista', 'mesoamericanista', 'especialista nos indios do sudoeste norte-americano', 'amazonista', e variedades informais do tipo 'tupinólogo', 'jivarólogo' ou 'esquimologista'. Para a etnologia que pratico, o fato dos Araweté ou Yawalapiti estarem dentro do território brasileiro só é pertinente a posteriori enqaunto elemento da história particular destes povos (...). As relações das sociedades indígenas com a sociedade nacional só me dizem respeito porque são parte da circunstância das primeiras...", op. cit., p.3.

O autor reconhece que a relação das sociedades indígenas com a sociedade nacional dividiu os estudos etnológicos no Museu Nacional em duas linhas: uma que propunha uma "sociologia do Brasil indígena", representada principalmente por Roberto C. de Oliveira, e outra que visava uma antropologia das sociedades indígenas (acidentalmente) brasileiras (p.6).

1.3 No Brasil

Lévi-Strauss chega ao Brasil em 1935, após ter tido seu nome aprovado por G. Dumas, de quem inclusive já havia sido aluno em Saint-Anne. A viagem é feita em companhia de J. Maugué, F. Braudel e P. Monbeig, integrantes da segunda leva de professores franceses contratados pela Universidade de São Paulo, além de Dina Lévi-Strauss, etnóloga e esposa do jovem 'agregé' de filosofia. Claude Lévi-Strauss deveria ocupar a cadeira de sociologia II da seção de ciências sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A primeira cadeira de sociologia tinha como professor, desde 1934, Paul Arbousse Bastide.

Recepcionados por Julio de Mesquita no cais, os professores franceses foram levados, provisoriamente, ao Hotel Termidor, no centro da cidade. "Como ganhavam bem, não demoraram em encontrar um local fixo de moradia: Lévi-Strauss alugou uma casa na rua Cincinato Braga, a poucos quarteirões da avenida Paulista, ao lado da Igreja N.S. da Conceição; Paul Arbousse Bastide morou primeiro na av. Brasil e depois no Brooklin; J. Maugué manteve-se hospedado no hotel Esplanada, perto do Municipal" (SCHADEN,1990).

Nos depoimentos de ex-alunos da Faculdade de Filosofia da USP, Lévi-Strauss não aparece como um professor

destacado, digno de notas especiais. Em geral fala-se dele somente quando seu nome é lembrado, ao contrário de J. Maugué, mencionado sempre que o tema é a missão francesa em São Paulo[15]. De qualquer modo, as lembranças, quando existem, são positivas: "Seguir seus cursos era evidentemente alguma coisa de especial. A exposição não era sempre viva mas as idéias sempre claras. E era sobretudo admirável sua maneira de fazer trabalhar e ler, com exposições, seminários e discussões. Não era ainda um homem conhecido, e Jean Maugué era bem melhor professor que Claude Lévi-Strauss. Havia muito mais gente em seus cursos. Maugué era bem mais sociável" (SCHADEN apud LINDON,1988,p.11).

As aulas eram dadas em francês, já que Lévi-Strauss não chegou a falar português (seu aluno E. Schaden é quem lhe ensinava português em troca de lições de francês). Além das discussões em sala, Lévi-Strauss convidava, periodicamente, um grupo de alunos para um chá em sua casa (SCHADEN,1990).

Ainda que a sua cadeira fosse de sociologia, os temas de curso variavam segundo um amplo leque: de sociologia primitiva à antropologia urbana, passando por linguística, etnolinguística e antropologia física: "Eram os mais diversos assuntos discutidos por Lévi-Strauss em seus cursos. Além dos cursos que tratavam, em visão panorâmica, de teoria e metodologia sociológicas e antropológicas (em que o professor enveredava, inclusive, pelo arraial da

15. Vide, entre outros, o depoimento de Antonio Cândido à equipe do projeto "História das ciências sociais no Brasil", SP, Idesp, 1988, mimeo.

antropologia física, discorrendo, por exemplo, sobre as técnicas de antropometria), havia outros, semestrais, dedicados a campos mais restritos, tais como sociologia primitiva, o funcionalismo de Malinowski, o hiperdifusionismo de Elliot Smith, as teorias sobre o totemismo segundo a análise crítica de Van Gennep. Depois de uma excursão ao norte do Paraná, onde conheceu Londrina, tomou esta cidade como exemplo para analisar, durante um semestre, problemas sociológicos e antropológicos de planejamento urbano e urbanismo em geral" (SCHADEN, 1984, p.254).

A variação dos temas de curso, entretanto, não ultrapassava os limites da antropologia. Um programa do ano de 1935 ajuda-nos a comprovar que a sociologia pela qual se interessava Lévi-Strauss relacionava-se estreitamente ao estudo dos povos primitivos. Tratava-se de um curso temático sobre as formas elementares da vida social, com o objetivo de apresentar "noções sumárias sobre a localização e os caracteres dos principais grupos sociais invocados em sociologia comparativa". Os principais tópicos abordados eram: sociologia doméstica (o casamento, a proibição do incesto, o parentesco, a poligamia, a família, o clã, o matriarcado); sociologia econômica (as formas primitivas de sociedade, o comunismo primitivo); sociologia política (as formas primitivas de governo e de justiça); sociologia religiosa (o totemismo); e um tópico final discutindo o estudo comparativo dos fenômenos sociais. Como bibliografia

básica de curso, quatro livros clássicos: As formas elementares da vida religiosa, de Durkheim, Primitive society, de Lowie, L'état actuel du problème totémique, de Van Gennep e Histoire du marriage, de Westermarck (ANUARIO da FFCL-USP, 1936, p.214-216) [16].

O que impressiona nos programas de curso dados por Lévi-Strauss no Brasil, é que eles contém, de modo concentrado, os temas que o antropólogo irá tratar ao longo de sua obra: parentesco, totemismo, mitos. E como se Lévi-Strauss, ainda no período de aprendizado do ofício, tivesse clareza de suas preocupações futuras.

Além dos cursos regulares na Universidade, os professores franceses eram obrigados a dar conferências periódicas, em geral realizadas na Faculdade de Direito. Em 1935, Lévi-Strauss realizou cinco, das quais, infelizmente, não restaram senão os títulos: "Progresso e retrocesso", "A crise do evolucionismo", "A hipótese evolucionista", "Existem culturas superiores?" e "A caminho de uma nova filosofia do progresso". De 1936, não há registro de

16. A presença de Lowie na bibliografia confirma, de certo modo, a influência de sua obra no jovem Lévi-Strauss (Lowie do Tratado de sociologia primitiva, segundo Lévi-Strauss, teria sido um dos responsáveis por sua decisão em tornar-se etnológo. Cf. 1990, p.27). Já a inclusão de Durkheim relativiza sua afirmação em Tristes Trópicos e em várias entrevistas, de que escolheu a etnografia contra Durkheim. A oposição a Durkheim refere-se a um contexto específico onde o jovem filósofo reclamava, entre outras coisas, da ausência de trabalho de campo na Escola Sociológica Francesa. Posteriormente, Lévi-Strauss não cansará de mencionar seu débito intelectual em relação a Durkheim e, de modo geral, a dívida da etnologia para com a obra do sociólogo francês. Ver "O que a etnologia deve a Durkheim" in Antropologia Estrutural II, 1976.

conferências - embora devam ter existido - e, de 1938, ficou mais um título: "Os problemas criados pelo estado atual da etnografia sul-americana".

Em 1937, as fontes falam alternadamente de um curso de extensão universitária e de uma conferência com o mesmo tema: "Os contos de Perrault e sua significação sociológica". Neste curso (ou conferência), Lévi-Strauss discute o significado dos contos mostrando como eles estão repletos de preceitos (e não de lições de moral) que se relacionam com formas sociais diferentes das nossas, pertencentes a povos desaparecidos ou primitivos. Com o objetivo de comparar mitos e contos, reflete sobre a natureza dos mitos para os primitivos. Conclui, então, com a análise de "A bela adormecida" e de "O pequeno polegar", mostrando como "os mitos e os contos são duas realidades derivadas dos ritos. Enquanto os ritos mantêm plena significação religiosa, dão nascimento aos mitos que justificam e garantem o seu êxito. Os contos aparecem quando os ritos perderam o conteúdo religioso, e subsistem como testemunhos. Explica-se dessa forma a universalidade dos contos pelo menos na sua significação geral" (ANUARIO da FFCL da USP, 1937/8, p.72 e 73).

Seguindo os rastros deixados por Lévi-Strauss durante sua curta permanência no Brasil, foi possível encontrar, além do programa de curso e das conferências acima mencionadas, alguns artigos publicados em jornais e revistas especializadas. Um dos primeiros foi editado na Revista do

Arquivo Municipal, no ano de 1935, sob o título "O cubismo e a vida cotidiana" [17].

Tal artigo pode causar espanto aos mais desavisados, mas não destoa, de fato, da biografia e produção de Lévi-Strauss. O interesse pelas artes em geral, e pela pintura e música em particular, aparece ao longo de toda a sua obra (vide, entre outros, O pensamento selvagem e as Mitológicas). Este interesse pode ser em parte explicado pelo contexto familiar. Bisneto de um músico, Isaac Strauss, com o pai e dois tios pintores, Lévi-Strauss foi criado num meio intimamente ligado as artes. Tal contato será reforçado pela intensa convivência com os surrealistas em Nova York, durante a guerra, e continuará pelo resto de sua vida (Max

17. Segundo algumas fontes, parece ter havido um texto imediatamente anterior, também sobre pintura moderna, publicado no segundo número da Revista Contemporânea.

Ernst, André Breton e Patrick Waldeberg tornaram-se relações permanentes) [18] (LEVI-STRAUSS, 1990).

Voltando, porém, ao texto de 1935, como o próprio título indica, seu objetivo não é a análise do cubismo em si mesmo nem de seus ilustres representantes, mas a sua importância na construção de um novo olhar, de uma nova visão de mundo. Dessa forma, Lévi-Strauss nos mostra como o cubismo se infiltrou no cotidiano, na decoração, na publicidade, na arquitetura moderna etc.: "Ele ensina que a decoração deve ser feita não por soma mas por subtração. O artista não deve tornar o objeto belo, ornando-o. A beleza não é exterior mas própria da realidade. Portanto, o artista não mais substituiria essa realidade pela perturbação afetiva que ela provoca - como fazia o Impressionismo. Precisa-se, ao contrário, de toda colaboração da imaginação, do sentimento, da vida social para atingir, depois desse

18. A comparação com Michel Leiris é interessante e antecipa os paralelos que serão traçados entre os dois autores ainda neste capitulo. Lévi-Strauss encontra os surrealistas fora da França num momento em que Leiris não mais está ligado aos grupo. A influência desses personagens sobre a visão de mundo de Lévi-Strauss é grande mas isto não significa que tenha exercitado a crítica de arte, como faz Leiris, autor de vários ensaios sobre pintura. Lévi-Strauss, ao contrário, escreve poucos artigos sobre artes plásticas. Além deste escrito de juventude, lembro de outros dois, publicados em Le Regard Eloignée, 1983: "Une peinture meditative" (sobre Max Ernst) e "A un jeune peintre" (reflexões sobre o impressionismo). O fato de não ter se tornado um critico de arte e quase não ter escrito sobre pintura moderna, não significa que as manifestações artísticas, em geral, e a arte primitiva, em particular, não tenham ocupado lugar importante na obra de Lévi-Strauss. Vide, por exemplo, La voie des masques (1979), onde o etnólogo estende o seu foco estrutural à investigação da produção plástica, no caso, às máscaras concebidas pelas tribos da costas norte do Pacífico.

longo rodeio, a individualidade própria da coisa considerada (...) O cubismo vai ainda mais longe: cada objeto, considerado individualmente, não é, por si mesmo, uma disposição complexa de elementos? Uma garrafa é uma única coisa do ponto de vista utilitário; para a percepção objetiva é uma justaposição de formas, de contornos, de superfícies de sombra e luz, de manchas coloridas" (LEVI-STRAUSS,1935,p.243) [19].

Outro artigo, também de 1935, "Em prol de um Instituto de Antropologia Física e Cultural", aparece na Revista do Arquivo Municipal. Como indica o título, trata-se da apresentação de um projeto de criação de um Instituto de Antropologia Física e Cultural. Tal instituição, segundo Lévi-Strauss, seria um lugar reservado à pesquisa antropológica dentro da Universidade, nos moldes dos grandes institutos estrangeiros: o "Bureau of American Ethnology", o "Royal Anthropology Institute" da Inglaterra, os grandes laboratórios alemães e franceses, entre tantos outros. "O Instituto de Antropologia terá por objetivo preparar especialistas e jovens pesquisadores. Antes, porém, de

19. Em "A estética rica e a estética pobre dos professores franceses", Gilda de Mello e Souza retoma este artigo de Lévi-Strauss e compara-o a dois textos de Maugué e a alguns escritos de Roger Bastide, todos sobre pintura. Através dos textos, a autora fala dos três professores franceses e dos tipos distintos de relação que estabeleceram com o Brasil: se Maugué e Lévi-Strauss permaneceram europeus, apesar da estada no Brasil, Bastide tornou-se brasileiro. Portanto, enquanto os dois primeiros falam de pintura tendo como ponto de referência exclusivo a Europa e os séculos 17 e 18, Bastide se debruça sobre a realidade brasileira, num esforço de compreensão deste país pobre sem grande tradição cultural e elabora uma 'estética pobre' (SOUZA, G. 1980).

organizar novos cursos, poderá verificar se ensinos análogos já existem nas Faculdades ou nos outros Institutos, contentando-se, no caso afirmativo - após acordo com os professores responsáveis - em dirigir os estudantes para os cursos correspondentes a seus objetivos próprios (...). Os únicos cursos novos, necessários ao Instituto seriam em número extremamente restrito e apresentariam um caráter técnico: assim a Geologia e a Paleontologia Quaternárias, a Pré-História Comparada, a Psico-Fisiologia Comparada do homem e do macaco, etc." (LEVI-STRAUSS, 1935, p.251).

A antropologia física seria uma das principais áreas de trabalho: "Será possível conceber mais admirável laboratório de Antropologia Física que o Brasil, com suas mestiçagens e a existência junto dos últimos troncos raciais puros, dos elementos negros e da enorme contribuição européia?" (p. 251). O programa de investigações na área da antropologia física seguiria de perto os célebres trabalhos de Boas sobre as modificações físicas dos descendentes dos imigrantes da América do Norte (os diferentes 'stocks' humanos quando transplantados para uma nova região, teriam a mesma capacidade de adaptação?) e poderia, inclusive, orientar, a política de migração.

As pesquisas nas áreas de antropologia física e cultural (esta última área deveria ser ainda mais desenvolvida no instituto porque mais recente), reunidas, permitiriam a elaboração de um "Grande Fichário Antropológico Americano". Feito isto, o Instituto

estabeleceria, a partir da classificação de cada rito, crença ou técnica, um grande Atlas, "no qual mapas do continente americano mostrariam as zonas de distribuição e as variações de densidade" (LEVI-STRAUSS, 1935, p.258).

Alguns aspectos chamam a atenção quando terminamos a leitura do projeto apresentado por Lévi-Strauss. Inicialmente, nota-se que aí, pela primeira vez, Lévi-Strauss toca na questão racial, ponto que irá desenvolver no célebre "Raça e História", de 1950, e que é um problema fundamental para todo o pensamento social brasileiro do período, objeto privilegiado das pesquisas científicas da época[20]. O curioso é que o faz enfatizando o estudo dos caracteres físicos do negro e do mestiço: a mestiçagem ofereceria um possibilidade única para o estudo das leis de hereditariedade do homem. Neste contexto, cita, inclusive, a "obra admirável" de Roquette-Pinto.

Em segundo lugar, destaca-se a idéia da articulação ensino e pesquisa, da formação de pesquisadores com treinamento prático e cursos interdisciplinares. Não será exagerado dizer que tal plano, tão precocemente elaborado, realizou-se, de forma distinta evidentemente, anos mais

---

20. Sobre a questão da raça no pensamento social brasileiro, ver, entre outros, o trabalho de Skidmore, Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro, RJ, Paz e Terra, 1976. Sobre as pesquisas levadas a cabo nos Museus e nos Institutos Históricos e Geográficos, onde a questão da raça tem lugar destacado, ver Lilia M. Schwarcz, "O nascimento dos museus no Brasil (1870-1930)" in Miceli, Sérgio (org), História das ciências sociais no Brasil (1989) e "Os guardiões da nossa história oficial", Textos Idesp, n.9, 1989.

tarde, no Collège de France, quando da criação do 'Laboratório de Antropologia Social'.

A imprescindivel articulação entre a antropologia fisica e cultural proclamada por Lévi-Strauss neste texto é outro elemento a ser sublinhado. Tal ligação jamais foi efetivamente trabalhada em sua produção posterior. Permaneceu um projeto de juventude.

Finalmente, chama a atenção o interesse pelos estudos comparativos (este sim permanente na obra futura); o Brasil deveria ser estudado no contexto americano, já que "a América em geral, e a América do Sul em particular, forneceram algumas das mais ilustres civilizações da história, foram o cadinho onde se misturaram algumas das mais importantes correntes culturais" (LEVI-STRAUSS, 1935, p.256).

Do ano de 1936, constam três artigos: "A contribuição para o estudo da organização social bororo" (Revista do Arquivo Municipal), "Entre os selvagens civilizados" (O Estado de São Paulo) e "Os mais vastos horizontes do mundo" (Anuário da FFCL,USP).

O artigo sobre os bororo é considerado por Lévi-Strauss o único texto relevante de sua produção brasileira, ainda que, em sua opinião, se tratasse mais de jornalismo que de etnologia. Foi graças a este trabalho - publicado no "Journal de la Société des Américanistes", no mesmo ano - que foi garantida sua ida posterior aos EUA: "Tinha chamado

a atenção de Alfred Métraux e de Robert Lowie, que tiveram um papel determinante" (LEVI-STRAUSS, 1990, p.36).

O texto propriamente dito é uma descrição exaustiva do material colhido em campo. Se alguma discussão bibliográfica é feita, esta se reduz a alguns comentários nas duas notas de rodapé. A aldeia Kejara foi visitada por Lévi-Strauss em janeiro e fevereiro de 1936, numa época onde o grupo encontrava-se totalmente isolado em virtude das fortes chuvas frequentes no período. O texto começa com uma breve descrição geográfica da região e passa imediatamente ao retrato da estrutura da aldeia: as duas fratrias exogâmicas, as relações com a organização econômica, as uniões preferenciais, a chefia, a organização dos clãs. Acompanham o texto várias pranchas que mostram objetos da vida cotidiana bororo (flechas, adereços etc.) e algumas fotografias da aldeia e de seus habitantes.

Em 1937, a Revista do Arquivo Municipal publica a última colaboração de Lévi-Strauss para a revista antes de sua partida: um irônico artigo intitulado "A propósito da civilização chaco-santiaguense" [21]. O texto conta a história de um debate que teve inicio com uma resenha de Lévi-Strauss para o jornal "O Estado de S. Paulo" sobre o primeiro volume da obra dos irmãos Ducan e Emílio Wagner, A civilização Chaco-Santiaguense e suas correlações com as do Velho e do Novo Mundo (11/4/37). A resenha de Lévi-Strauss faz críticas

21. Em 1942, já fora do Brasil, ele envia mais um trabalho seu para a publicação brasileira, "Guerra e comércio entre os índios da América do Sul".

ao trabalho dos arqueólogos franceses radicados na Argentina, observando que "a civilização por eles descoberta devia ligar-se à cultura diaguito-calchaqui" e, portanto, não era tão nova assim. Questionava também "a possibilidade de se construir, no estado atual de nossos conhecimentos, uma teoria das relações pré-históricas do Velho e do Novo Mundo", objetivo dos pesquisadores.

Os autores enviam uma carta a Lévi-Strauss (25/9/37) respondendo a cada uma das críticas feitas. O que faz então Lévi-Strauss? Publica a sua resenha, a carta dos arqueólogos e, ao final, comenta a carta recebida.

Há referências a outros textos e conferências de Lévi-Strauss realizados no Brasil, no boletim da Sociedade de Etnografia e Folclore: uma comunicação de 1937 sobre "Algumas bonecas Karajá", a partir de alguns exemplares recolhidos pelo autor na região do Araguaia, Goiás, e uma conferência sobre "A civilização material dos índios Kadiueu".

A Sociedade de Etnografia e Folclore, idealizada por Mário de Andrade, foi criada no interior do Departamento de Cultura de São Paulo, dirigido pelo próprio Mário, de 1935 a 1938. Sua grande colaboradora neste projeto foi Dina Lévi-Strauss, etnóloga, em São Paulo como acompanhante do marido. Foi Dina, o 'primeiro secretário' da sociedade nos anos 37 e 38, mas já em 36 oferecia cursos de extensão universitária: "Em 1936 o Departamento Municipal de Cultura abria matrícula para o Curso de Folclore, regido durante um ano pela

professora Dina Lévi-Strauss, que fora assistente no Musée de l'Homme, em Paris. Esse curso, realizado em bases eminentemente práticas, teve como intenção principal formar folcloristas para trabalhos de campo" (ANDRADE apud SOARES,1983,p.9).

Ainda em 36, foi publicado o curso de Dina pelo Departamento de Cultura, com o título "Instruções práticas para pesquisas de Antropologia Física e Cultural" e, nos números do Boletim, aparecerá o formulário com instruções folclóricas para pesquisa de campo por ela preparado. Antes de deixar o Brasil, Dina elabora um plano de trabalho que se referia a duas ordens de atividade permanentes da Sociedade: trabalho bibliográfico sistemático e confecção de vocabulário etnográfico [22] (p.57).

Nas palavras de Dina: "A Sociedade de Etnografia e Folclore é o primeiro organismo desse gênero existente no Brasil. Ela é um centro de pesquisas coletivas, e baseia-se na cooperação intelectual, teórica e prática de um grande número de pesquisadores. Ela se inspira em tendências atuais de instituições similares do mundo inteiro e mais particularmente nas instituições etnográficas e folclóricas francesas (Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, Departamento de Artes e Tradições Populares, Sociedade de

---

22. Sobre o Departamento de Cultura e a Sociedade de Etnografia e Folclore, ver, além da publicação da Funarte, Mario de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, 1983, o artigo de Silvana B. Rubino, "Clubes de pesquisadores:a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia", IDESP, 1989.

Folclore Francês e Colonial, Comissão de Pesquisas Coletivas etc.), das quais ela segue atentamente os trabalhos e resultados ...". A sociedade, prossegue Dina, "possui dois organismos principais: um Conselho Técnico, um Corpo de delegados e pesquisadores. O Conselho técnico possui uma função de centralização e de direção. Ele é composto por seis membros, aos quais cabe a incumbência, de uma maneira geral, de orientação e de direção das atividades científicas da Sociedade" (LEVI-STRAUSS,D.,1937,p.429).

Claude Lévi-Strauss fazia parte do Conselho técnico da Sociedade e era um de seus sócios fundadores, ao lado de P. Arbousse Bastide, Pierre Monbeig, entre outros. Aliás, é a municipalidade de São Paulo uma das fontes financiadoras de sua expedição ao Brasil central, nos anos 37 e 38 [23].

A Sociedade teve vida curta, pois interrompida na época da dissolução do Departamento de Cultura pela politica do Estado Novo. O principal trabalho realizado pela instituição foi a elaboração do questionário que resultou nas cartas folclóricas apresentadas por Nicanor Miranda no Congresso

---

23. Mário de Andrade em carta a Paulo Duarte datada de 3/4/38, faz menção à viagem de Lévi-Strauss que, ao que parece, lhe trouxe algumas dores de cabeça: " Não estou fazendo nada, a não ser as caceteações que tive com essas viagens etnográficas bestas do Lévi-Strauss e do Oto Leonardos. Estou perfeitamente de acordo em que não se faça nada nesta última (...) Já com o Lévi-Strauss, agora é tarde para voltar atrás. Chega amanhã aqui e conversarei com ele e o atirarei nas costas de você e do Sérgio. Se arranjem que preciso de sossego" (DUARTE, 1971, p.157)

Internacional de Folclore de Paris, 1937 [24] (SOARES, 1983, p.11).

De fato, a Sociedade foi o principal vinculo de Lévi-Strauss com o meio intelectual paulista. Mas ao que tudo indica sua participação na instituição se fez basicamente através de algumas conferências, cabendo a Dina o trabalho de organização e assessoria etnológica. Egon Schaden, por exemplo, não lembra de tê-lo visto nas reuniões periódicas, realizadas numa sala lateral do Teatro Municipal. Segundo ele, a participação dos professores franceses na Sociedade de Etnografia e Folclore foi mínima. Ai, foi Dina a grande atuante (SCHADEN, 1990).

* * * *

"O Lévi-Strauss continua atrás dos índios"

Oneida Alvarenga, 13/8/38

Em São Paulo, como lembra Lévi-Strauss em Tristes Trópicos, se podia fazer a "etnografia de domingo", não com os índios "como lhe haviam prometido", mas com alemães, japoneses, negros. Entretanto, na primeira oportunidade, sai ansiosamente em busca de alguns dos 'exemplares indígenas' sonhados. No velho Ford de René Courtin e na companhia de

24. Dina Lévi-Strauss em seu comunicado para o Journal de la Société des Américanistes, faz menção a tal apresentação (p.432).

Maugué, chega até as margens do Araguaia, numa cabana Karajá (LEVI-STRAUSS,1957,p.119).

Maugué conta sua versão do ocorrido: " Eramos jovens apesar de tudo. Era natural que eu aceitasse com alegria a proposta que me fez Lévi-Strauss para que o acompanhasse numa viagem aos confins de Goyaz (sic) para ter contato com os índios. René Courtin devia se juntar a nós. 'Agregé' de direito, e professor na faculdade de Montpellier, ele sucedeu, em São Paulo, a François Perroux, e parecia tão simples e feliz, ao contrário de seu predecessor, irrascível e distante. Ele tinha uma paixão: a caça. Estava fascinado por Lévi-Strauss. A idéia que os indígenas pudessem obedecer a regras matrimoniais, por exemplo, à matemática a mais sutil, deixavam-no sonhador (...). Lévi-Strauss logo começou a trabalhar, sentado sobre o mesmo solo que os indígenas, procurando se fazer entender, fazendo perguntas, tomando notas. Eu me maravilhava vendo que ele podia decifrar gestos dos quais Courtin e eu não podíamos pegar senão o pitoresco" (MAUGUE,1982,p.118 e 121).

O norte do Paraná foi palco das primeiras excursões de Lévi-Strauss, acompanhando, com Monbeig, a expansão das zonas pioneiras. Nessas terras, finalmente, teve o seu primeiro contato com os 'selvagens', às margens do rio Tibagi. Porém, para a decepção do etnólogo, "os índios Tibagi não eram, pois, nem completamente 'verdadeiros índios', nem sobretudo, 'selvagens'" (MAUGUE, 1982, p.160/1).

Depois desse 'début', estava nosso etnógrafo preparado para aventuras mais ousadas. Estas ocorreram no final do primeiro ano escolar (35/36), quando ele e Dina visitam os Kadiveu da fronteira paraguaia e os Bororo, no Mato Grosso Central. Tal viagem valeu ao casal Lévi-Strauss sua primeira exposição em Paris, nas férias de 36/37, na galeria Wildenstein, organizada com material colhido no campo. A exposição foi fundamental para a entrada de Lévi-Strauss no meio etnológico francês, como ele próprio afirma: "Eu precisava fazer minhas provas de etnologia, porque não tinha formação alguma. Graças à expedição de 1936, consegui créditos do Museu do Homem e da Pesquisa Científica, ou do que acabaria chamando-se assim. Com este dinheiro, organizei a expedição Nambiquara" (LEVI-STRAUSS,1990,p.33/34).

E possivel acompanhar esta primeira incursão a campo do casal Lévi-Strauss através de quatro filmes feitos por eles e financiados pelo Departamento de Cultura do município de São Paulo. São filmes de oito minutos cada um, rodados em 16 mm, entre dezembro de 1935 e janeiro de 1936, onde ficaram registrados aspectos da vida cotidiana das tribos visitadas no período. A vida de uma aldeia bororo, como indica o título, acompanha o desenrolar de um dia na aldeia Kejara: começa com o nascer do sol e com uma visão geral da aldeia ("aldeia kejara"); segue o trabalho cotidiano do grupo ("o fogo", "a confecção do cordão trançado", "a tecelagem", "a caça", "a volta da pesca"); e termina com o fim do dia ("o entardecer" e "as araras domésticas ao luar"). Cerimônias

funerárias entre os bororo, também dividido em oito segmentos, mostra minuciosamente a preparação do ritual ("dança do marid'do", "fabricação do marid'do", "o marid'do está pronto", "preparação do terreiro para a dança", "transporte do marid'do para o terreiro da dança") e o próprio ritual ("invocação, oferenda de alimentos e dança"). Os outros dois filmes, Aldeia de Nalike I e Aldeia de Nalike II, mostram cenas da vida doméstica dos Kaduveo ("as casas coletivas", "animais familiares", "tecelagem de redes", "trançado de um abanador", "preparação das fibras de caraguatá", "confecção de redes com cordas de caraguatá" etc.), alguns rituais, como, por exemplo, "uma festa de puberdade em Nalike", e a técnica do desenho e pinturas faciais.

A expedição até os Nambikwara organizou-se durante o ano de 37, realizando-se em 38. Com financiamento francês e brasileiro, a idéia era passar um ano no campo. De fato, a expedição se iniciou em maio de 38, terminando em novembro do mesmo ano, ou seja, durou seis meses. Dela fizeram parte, além do casal Lévi-Strauss, o médico e etnólogo francês Jean Vellard e o brasileiro Luis de Castro Faria, já que as ordens oficiais eram de que deveria haver pelo menos um brasileiro em toda e qualquer missão estrangeira no Brasil.

Luis de Castro Faria conta que a missão Vellard-Lévi-Strauss teve problemas extras na medida em que Lévi-Strauss contava com o patrocínio de P. Rivet, ligado ao Partido Socialista Francês, e este tornara-se persona non grata no

Brasil por conta de rumores de que teria difamado o país na França (FARIA,1984,p.229). Quando foi formalizado o pedido de autorização do projeto, novos problemas surgiram: "Nenhuma expedição estrangeira podia percorrer o Brasil sem autorização do *Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas*, criado desde 1933 (Decretos números 22.698, de 11 de maio, e 23.311, de 31 de outubro). Heloisa Alberto Torres, membro destacado do Conselho e amiga de ambos (Lévi-Strauss e Rivet), enfrentou e venceu as resistências, ampliadas pelo fato de que o outro membro francês da expedição era, igualmente, vítima de rumores, com alegações de que havia recebido facilidades do governo paraguaio para lá realizar expedições de estudo e publicara relatório de viagem com informações desairosas sobre o país. A presença de um membro brasileiro na expedição tornou-se indispensável. Fui o escolhido, mas remunerado pelo Departamento de Cultura da municipalidade de São Paulo, que teve em Mário de Andrade o patrocinador brasileiro da expedição" (p.230).

O itinerário da missão (serra dos Parecis, Mato Grosso) de maio de 1938 a janeiro de 1939, deveria seguir os postos telegráficos da linha Rondon. Dina Lévi-Strauss (1938,p.384, 385 e 386) resume, em ordem cronológica, os trabalhos:

"1. Primeiro contato prolongado com os índios Nambikwara, na região de Utiariti.

2. Visita e permanência numa aldeia nambikwara na região de Juruena.

3. Contatos diversos com frações do mesmo grupo, entre Juruena e Nambiquaras.

4. Na região de Nambiquaras, contato prolongado com frações do mesmo grupo.

5. Na região de Vilhena, contato prolongado com três sub-grupos nambikwara.

6. No começo de outubro, a expedição chega a Pimenta Bueno. Visita um grupo pertencente a cultura Guaporé, não classificado do ponto de vista linguistico e representado por cerca de trinta indivíduos.

7. Após pesquisas longas e difíceis, permanência numa aldeia tupi, situada a meio caminho entre Presidente Hermes e Presidente Pena. Este grupo, numericamente muito pobre e culturalmente degenerado foi, entretanto, objeto de uma enquete particularmente frutífera.

8. No fim do mês de novembro, a missão, tendo chegado a Presidente Pena, encontra-se impossibilitada de retomar sua via normal para o sul, em razão das chuvas torrenciais, do estado sanitário dos seus membros, etc. ela decide então a saída pelo norte, em direção ao rio Madeira, depois para o Oeste e Bolívia. "

Um artigo publicado no jornal "O Estado de S. Paulo" de 13/01/1939 noticia o percurso da expedição, iniciada no dia 8 de maio, e o seu fim: "Chegou hontem a esta capital, num avião da 'Condor', depois de haver atravessado a Bolivia num aparelho do 'L'oyd Boliviano', o professor Lévi-Strauss da Faculdade de Filosofia, Sciencias e Letras da Universidade

de São Paulo (...) Nos primeiros dias de dezembro, os espedicionários atingiram o rio Madeira, onde se iniciou a viagem de regresso. Ahi os seus membros tomaram differentes direcções: o dr.Vellard chegou há dias de avião ao Rio de Janeiro, de onde embarcará para Europa; o dr. Gastão Faria (sic) seguiu para o Norte, já tendo embarcado em Belém, no Pará, nesses últimos dias, com destino ao Rio de Janeiro; e o professor Lévi-Strauss, como dissemos, depois de atravessar a Bolivia num aparelho do 'Loyd Boliviano', chegou hontem a esta capital num avião da 'Condor', depois de uma viagem circular em que percorreu cerca de 10.000 kilometros" (NOTICIAS DIVERSAS) [25].

A missão Lévi-Strauss, além dos Nambikwara, visitou também os Bororo e os últimos representantes dos Tupi-Cavaiba do rio Machado, dados como desaparecidos. Aí, finalmente, alcança o etnólogo o momento tão esperado. A viagem real cola-se, pela primeira vez, à viagem sonhada, surpreendendo o viajante que, ao reencontrar seus antecessores, fecha um ciclo: "Não há perspectiva mais exaltante para o etnógrafo que o de ser o primeiro branco a penetrar numa comunidade indígena (...). Eu revivia, pois, a experiência dos antigos viajantes..." (LEVI-STRAUSS,1957,p.346).

25. Dina Lévi-Strauss abandonou antes a expedição em virtude de uma inflamação na vista.

2.5 O Retorno

Lévi-Strauss fica três anos no Brasil como professor da USP. Este período brasileiro é fundamental para o desenvolvimento de sua carreira futura. A partir desta experiência, torna-se um etnólogo, um americanista: inicia-se na prática etnográfica, expõe o material coletado em museus e galerias francesas, publica seus primeiros textos na área, integra a relação de americanistas da 'société', enfim, retorna à França reconhecido no meio etnológico como um profissional do ramo. "Um ano depois da visita aos Bororo, todas as condições para fazer de mim um etnógrafo estavam satisfeitas: bênção de Lévy-Bruhl, de Mauss e Rivet, retroativamente concedida, exposição de minhas coleções numa galeria do bairro de Saint-Honoré; conferências e artigos" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.261).

O Brasil representou, portanto, um momento de passagem decisivo na construção da futura identidade profissional. Se, antes de 1935, Lévi-Strauss era um professor de filosofia, fortemente ligado à militância política, em 1939 é um americanista especializado em Brasil e a política não mais lhe diz respeito. Entenda-se aí política partidária, pois paralelamente à produção intelectual, Lévi-Strauss manteve, durante toda a sua vida, uma intensa atividade político-administrativa: foi conselheiro cultural junto à

Embaixada Francesa nos EUA, entre 1946 e 1948; ainda nos Estados Unidos, funda com outros intelectuais a 'Ecole Libre des Hautes Etudes'; manteve-se ligado à Unesco durante algum tempo; em Paris, torna-se subdiretor do Musée de l'Homme; nos anos 60, cria o 'Laboratório de Antropologia Social' no Collège de France e a revista L'Homme.

Não apenas a carreira mas também a obra de Lévi-Strauss é devedora da experiência brasileira. A primeira fase de sua produção apóia-se na 'matéria-prima' obtida no Brasil (sobretudo o artigo sobre os Bororo de 1936 e a tese sobre os Nambikwara, publicada em 1948 pela 'Société des américanistes', "La vie familiale et sociale des indiens nambikwara"). Seus trabalhos posteriores, ainda que mesclem informações etnográficas de várias regiões americanas, foram também beneficiados pela etnografia feita no Brasil. E curioso que sua mais recente publicação, Des symboles et leurs doubles (Plon, 1989), baseada numa exposição intitulada "Les Amériques de Claude Lévi-Strauss" (Museu do Homem, outubro de 1989), retome o material - textos e objetos - de sua experiência de campo brasileira.

Pensando nas ressonâncias de sua estada em São Paulo, no meio intelectual paulista, não podemos dizer que tenham sido fortes: além das já mencionadas colaborações em jornais e revistas paulistas, registra-se a discreta participação na Sociedade de Etnografia e Folclore. Sua influência no Brasil foi incomparavelmente mais intensa nos anos 60, pela via do estruturalismo, do que pela sua presença física nos anos 30.

Além das marcas deixadas por Lévi-Strauss como um teórico da etnologia de modo geral, sua obra redimensionou os estudos americanistas, etá então desfavorecidos nos estudos etnológicos, como vimos. No contexto das pesquisas americanistas, a "reviravolta foi a obra de Lévi-Strauss, o primeiro grande teórico a trazer à cena as sociedades sul-americanas" (CASTRO, 1990, p. 26). Tal reviravolta deu-se, sobretudo, com a publicação de O cru e o cozido, em 1964, apoiado basicamente sobre material sul-americano.

No Brasil, em particular, os ensaios de Lévi-Strauss sobre as organizações dualistas (publicadas em Antropologia estrutural) foram fundamentais para o incremento das pesquisas sobre os Jê na década de 60, cujos trabalhos resultantes do projeto Harvard-Brazil Central são exemplos claros [26].

O jovem 'agregé' de filosofia, de perfil particular - não-francês, não-normalista, judeu e militante socialista - é indicado por Bouglé - durkheimiano fervoroso - para vir ao Brasil como professor. A escolha de um aprendiz de etnólogo avesso à tradição durkheimiana chocou-se, de imediato, com os interesses dos contratantes paulistas, embebidos da influência comteana e durkheimiana e que desejavam um

26. Vide o prefácio à edição brasileira de Maybury-Lewis para o seu trabalho A sociedade Xavante, onde o autor explicita a polêmica com Lévi-Strauss a respeito das organizações dualistas: "E preciso enfatizar o fato deste trabalho constituir um ensaio elaborado sob a forma de uma análise estrutural. Lida com questões colocadas por Lévi-Strauss em uma série de trabalhos relativos às sociedades indígenas do Brasil Central e é contra o pano de fundo dessa discussão que deve ser lido" (1984, p.3).

professor de sociologia herdeiro de tal tradição. Vários depoimentos de integrantes da missão francesa, assim como de ex-alunos, insinuam que as dificuldades de renovação do contrato de Lévi-Strauss devem-se, sobretudo, a este descompasso de objetivos [27].

Em momentos distintos, Lévi-Strauss reafirma o ocorrido: "Fui para o Brasil porque queria ser etnólogo. E eu tinha sido conquistado pela etnologia em rebelião contra Durkheim, que não era um homem de campo, ao passo que eu descobria a etnologia de campo através dos inglesses e americanos. Eu estava, portanto, numa posição falsa. Chamaram-me para perpetuar a influência francesa, por um lado, e a tradição Comte-Durkheim, por outro. E eu chegava conquistado, naquele momento, por uma etnologia de inspiração anglo-saxônica. Isto me criou sérias dificuldades" (LEVI-STRAUSS, 1990, p.31).

Os problemas existiam não apenas entre os 'patrons' da USP e os professores franceses mas entre os próprios membros da missão. Além das inevitáveis competições entre um grupo de jovens em inicio de carreira (MAUGUE, 1982, p.93-94 e LEVI-STRAUSS, 1990, p.32), a posição privilegiada de Paul Arbousse Bastide, primo de Dumas e professor de sociologia desde 1934, e que aspirava ser uma espécie de 'chefe' do grupo, criou problemas extras, não só, mas principalmente,

27. Conferir, entre outros, a entrevista de Roger Bastide (1987), onde ele afirma que além dos problemas causados pelo interesse de Lévi-Strauss na pesquisa, seu passado recente como militante de esquerda, trouxe dificuldades adicionais com os Mesquita.

com Lévi-Strauss (BASTIDE, 1967, p.189), já que eram ambos professores da mesma disciplina. Diz Lévi-Strauss: "Georges Dumas tinha empregado na universidade, desde o primeiro ano, um jovem parente que era sociólogo. Quando cheguei, este quis colocar-me numa posição subordinada. Não fiquei satisfeito, e como resistisse, esforçou-se para que me despedissem em nome da tradição comtista, em que era especialista, e que meu ensino traía" (LEVI-STRAUSS, 1990, p.32).

As dificuldades apontadas e o desejo de Lévi-Strauss de retomar a carreira universitária francesa, agora munido de um rico material de pesquisa, concorreram para que o contrato padrão de três anos com a USP não fosse renovado. Assim, no começo de 1939, Lévi-Strauss e sua mulher Dina deixavam o Brasil.

II) A Narrativa

O Atlântico foi palco de inúmeras viagens, caminho privilegiado que permitiu o acesso dos europeus à América, desde Colombo. Viagens reais, no espaço e no tempo, e também imaginárias, alimentadas por relatos fantásticos sobre terras distantes; aventuras marítimas ritmadas pelo imaginário europeu do período, onde mesclavam-se visões positivas (o mito do Paraíso Terrestre habitava agora o Atlântico) e negativas (o encontro com uma humanidade inviável) do Novo Mundo (HOLANDA,1977 e SOUZA, L., 1986).

Mas se, por um lado, a viagem a terras até então desconhecidas permitia mirabolantes vôos da imaginação, por outro, proporcionava o exercício da razão, o afastamento fundamental para o conhecimento da nova realidade e, sobretudo, da realidade européia. Este traço da viagem - seu caráter de experiência sociológica - aparecerá de maneira mais nítida no século XVIII, de mãos dadas com o Iluminismo, quando então viajar significava ilustrar-se, filosofar diante da experiência concreta, tal como dizia Rousseau ao Emílio (SERNA,1974,p.11-13)

Os românticos, por sua vez, ainda que fossem "homens profundamente seduzidos pelo exótico", enfatizaram o aspecto racional do empreendimento. Toda a literatura de viagens do

século XIX exemplifica tal característica, na medida em que desenha um novo rosto para a América; não mais paraíso ou inferno, mas realidade pálpavel, passível de compreensão: "Esses viajantes não são mais os mesmos homens que julgaram encontrar na América o paraíso. Distanciam-se, na mesma medida, dos europeus convencidos de nosso caráter infernal. Os demônios transportaram-se para o novo continente, aprisionando-nos no círculo das vivências mágicas. Lá, em compensação, deixaram as mentes soltas e livres para fruirem das explicações racionais do mundo" (ARRUDA, 1990, p.71).

Um aspecto indissociável do ato de viajar é o narrar. O viajante é desde sempre o narrador que vem de longe, que tem histórias para contar. Frequentemente estas são anotadas num diário, dia a dia, numa tentativa de resgate vertiginoso de toda a experiência vivida. O século XVIII e, sobretudo, o XIX, engrossaram este gênero (ou subgênero) literário, justamente no afã de conhecimento racional do mundo. Os românticos, encantados pela voz autobiográfica e memorialística do gênero, cultivaram-no melhor do que ninguém.

A atração pelo exótico não apenas se mantém na época moderna, como ganha novo fôlego. O exílio em terras distantes foi o caminho escolhido por inúmeros europeus, artistas em geral, numa tentativa de descoberta do 'outro', do diferente, e, portanto, possibilidade de reavaliação do

ser europeu [28]. Os exílios e as viagens isoladas de pintores e literatos significaram, sem dúvida, possibilidades de alargamento do horizonte europeu, mas não foram as únicas. A ciência - a arqueologia e, principalmente, a antropologia - colocava-se como um acesso seguro para a descoberta e conhecimento de novos mundos, de novas culturas.

A antropologia moderna nasce sob a égide do empírico, do trabalho de campo como um modo particular de aprendizado. Malinowski, que durante a I Guerra esteve nas ilhas Trobriand, "inaugurou" esse tipo de metodologia: o intensivo trabalho de campo numa comunidade exótica. A nova disciplina está, portanto, inexoravelmente ligada ao ato de viajar. A viagem é um meio de acesso ao 'outro, ferramenta fundamental do processo de conhecimento.

Das viagens dos antropólogos resultaram inúmeras monografias sobre povos até então desconhecidos, sua organização social, politica e religiosa, que alteraram substancialmente o olhar europeu sobre o "primitivo". Ao lado dos textos científicos, resultado 'oficial' das viagens, produziram-se enormes quantidades de anotações de campo, diários, narrativas impregnadas de subjetividade, de impressões pessoais e intimas e, por isso mesmo,

---

28. Susan Sontag sugere que os sucessivos exílios e as viagens compulsivas são o resultado de um sentimento de orfandade intelectual com o qual se enfrenta o pensamento moderno. Daí, diz ela, a atração romântica pelo distante ter criado o ofício do aventureiro como vocação espiritual, de Conrad a Saint-Exupéry, entre tantos outros. Sontag, 1984, p. 85 e 86.

silenciosamente guardadas no fundo de uma gaveta [29]. A medida que tais notas foram sendo publicadas, em meio a manifestações escandalizadas com seu conteúdo, foi possível resgatar a experiência do pesquisador em campo, as ambivalências diante do diferente, o sofrimento mesmo causado pelo 'depaysement'.

Tristes trópicos de Lévi-Strauss filia-se a esta tradição de narrativas de viagem, embora seja muito mais que isso. Trata-se de um texto multifacetado, podendo ser lido de múltiplas formas: como texto literário, como descrição etnográfica, como texto filosófico e até como mito, segundo alguns comentadores [30].

A intenção aqui não é seguir nenhum destes caminhos, embora me pareçam igualmente frutíferos, mas tentar apreender o narrador na narrativa, inspirada na afirmação de Walter Benjamim de que "mergulha a coisa na vida de quem

---

29. O diário de Malinowski, por exemplo, foi mantido em segredo até a sua morte. Escrito em polonês, quando toda a sua obra foi produzida em inglês, era desconhecido mesmo pelos mais próximos. Sua mulher, que é quem decide publicá-lo, revela-se surpresa com a descoberta daquelas anotações. Cf. Malinowska, prefácio à obra de 1966 (Malinowski, 1985).

30. Geertz, em seu texto "The world in a text" (1988), chama a atenção para o fato de ser Tristes Trópicos uma série de diferentes textos articulados, um verdadeiro caleidoscópio, diz ele, usando a imagem do próprio Lévi-Strauss ao analisar o pensamento concreto. Além das possibilidades de leitura mencionadas acima, Geertz indica mais duas alternativas: a obra pode ser lida como um tratado reformista, já que explicita sua repugnância diante da dominação e da degradação dela decorrente e, principalmente, como mito: "A mensagem final de Tristes Trópicos e da obra que revela-se a partir daí, é que os textos antropológicos, como os mitos e as memórias, existem menos para o mundo, do que o mundo existe para eles" (p.48).

relata, a fim de extraí-la outra vez dela. E assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro" (BENJAMIM,1980,p.63).

2.1. Tristes Trópicos

"Que escreve o etnólogo, senão confissões?"

Lévi-Strauss

Tristes Trópicos é um livro de viagens "sui generis". Antes de mais nada, pela ironia presente ao longo de todo o texto ao se referir ao próprio gênero, a começar pela célebre frase de abertura "Odeio as viagens e os exploradores". Em segundo lugar, porque não foi escrito no calor da hora, ao sabor dos eventos cotidianos, como todo o diário, mas dezessete anos depois da experiência de campo no Brasil, com suficiente distanciamento para mesclar escritos distantes no tempo: trechos de um diário de campo feito nos anos 30, partes de "La vie familiale et sociale des Nhambikwara", de 1948, bem como relatos de outras experiências de viagem e fragmentos de um romance inacabado (LEVI-STRAUSS, 1990, p.7, 80 e 120). Finalmente, é importante lembrar, porque o livro nasceu de uma encomenda, em um momento de relativa suspensão da carreira

universitária de Lévi-Strauss[31]: "A idéia de contar minhas viagens nunca tinha me ocorrido. No entanto, na fase que eu atravessava, convencido de que não tinha mais futuro universitário, fiquei tentado pelo projeto a escrever pelo menos uma vez sem policiamento, a dizer tudo que me passava pela cabeça. Enfim, com o tempo, tinha conseguido um certo distanciamento. Não se tratava mais de transcrever uma espécie de diário de expedição. Eu deveria repensar minhas velhas aventuras; precisaria refletir e filosofar sobre elas, fazer um balanço" (p.79).

Tal balanço, feito em quatro meses, teve uma calorosa acolhida no meio filosófico-literário francês, recebendo comentários de Blanchot, Aron, entre outros. Porém, o pequeno grupo de antropólogos recebeu com reservas aquelas

---

31. Após a permanência nos EUA durante a II Guerra (dentro do programa de salvamento dos intelectuais europeus ameaçados pelo nazismo), primeiro como professor da *New School for Social Research*, depois como docente na recém-fundada *Escola de Altos Estudos de Nova York*, Lévi-Strauss retorna à França em janeiro de 1945, como secretário da referida escola. Aí fica alguns meses, decidindo voltar a Nova York como conselheiro cultural da embaixada ("...eu estava escrevendo As estruturas elementares do parentesco, e precisava das bibliotecas americanas". LEVI-STRAUSS,1990,p.65). Em finais de 1947, retorna então a Paris, onde apresenta suas duas teses, em 1948: "Les structures élémentaires de la parenté" (tese principal) e "La vie sociale et familiale des nhambikwara" (tese complementar). Em 49/50, fracassa numa primeira tentativa de ingresso no Collège de France. Mantém-se, então, como "maître de recherche" no CNRS ("uma posição de espera", diz ele) e como subdiretor do Museu do Homem.

páginas[32]. O próprio autor confessa ter tido receio da repercussão da obra no meio universitário, pois se "abria" demais ("Je m'y déboutonnais trop, comme Métraux aimait dire"). De qualquer modo, passado o impacto do momento, não é exagerado dizer que o livro permanece algo difícil de ser digerido pela crítica especializada, pois resiste a classificações, se encaixa com dificuldades no conjunto da produção lévi-straussiana.

* * * *

Tristes Trópicos se constrói pela inversão, a começar pelo título: a imagem ensolarada dos trópicos resulta num retrato sombrio. Os trópicos são tristes.

Dividido em nove partes, o livro tem início pelo final com "O fim das viagens". De que fim se trata? Podemos entendê-lo, mais imediatamente, como referido ao percurso individual do autor, já que ele nos fala de seu único período de trabalho de campo. De certo modo, a nível pessoal, ele fecha um ciclo, encerram-se as viagens

32. Lévi-Strauss relembrando a reservada acolhida do meio etnológico ao seu livro, menciona a mais violenta das manifestações: "No dia em que abriu Tristes Trópicos, Paul Rivet fechou-me sua porta. Ele tinha um temperamento fogoso, deve ter lido a primeira linha: "Odeio as viagens e os exploradores", parou ali e concluiu que eu o traía. Nunca mais o revi até seus últimos dias. Ele estava no hospital e chamou-me à sua cabeceira para fazer as pazes" (LEVI-STRAUSS,1990,p.80).

etnográficas. Além disso, ele viaja num momento em que a expansão européia passou e, com ela, passou também a época áurea das viagens. Finalmente, ele viaja em direção ao fim, rumo a um mundo que acaba: índios, quase não há mais.

Se a primeira parte do livro proclama o fim das viagens, ela trata exclusivamente de partidas, travessias, lugares visitados, em suma, fala de distintos e sucessivos deslocamentos. O segundo segmento, em compensação, ao levar como titulo "Caderno de viagem", cria no leitor a ilusão de que vai encontrar aí a transcrição de feitos e aventuras de viagens. Ao contrário, o autor relata os anos de sua formação, o inicio do interesse pela etnologia. A viagem que esse caderno relata é viagem "para dentro", deslocamento no tempo.

"O pôr do sol" marca o momento em que o "caderno de viagem" termina. Em itálico, o capitulo se destaca dos demais: é descrição da paisagem pelo viajante, do mar, das cores do crepúsculo. São as sobras de um romance apenas começado que deveria chamar-se Tristes Trópicos: "Era vagamente conradiana. A intriga originava-se de uma história que eu tinha lido na imprensa: uma vigarice, numa ilha do Pacifico de que não me lembro, cometida com um fonógrafo, para fazer com que os indígenas acreditassem que seus deuses voltavam à terra. No livro, os personagens seriam refugiados políticos, ou outros, de origem diversa. Aconteceriam dramas entre eles" (LEVI-STRAUSS, 1990, p.120).

A terceira e quarta partes do livro descrevem, sucessivamente, a geografia do Novo Mundo (as primeiras impressões a partir da aproximação gradual do navio, a Guanabara, São Paulo) e o encontro com seus habitantes. Os capítulos V, VI, VII e VIII correspondem à etnografia propriamente dita; aí são apresentados os Caduveo, os Bororo, os Nhambikwara e os Tupi-Cavaíba.

O último segmento, como não poderia deixar de ser, intitula-se "o regresso". Porém, mais uma vez invertendo expectativas, Lévi-Strauss termina o livro falando de outras viagens, de novas partidas. Começar pelo fim, terminar pelo começo, talvez seja essa a equação que melhor traduz a narrativa.

Ainda que, algumas vezes, seja inevitável empregar narrativa no singular - como há pouco -, é preciso ter claro que a ausência do plural deixa escapar a densidade (no sentido de volume) de Tristes Trópicos. A imagem do caleidoscópio, utilizada por Geertz para definir a obra, talvez seja a mais adequada à compreensão dos diferentes planos narrativos que a compõem. Lendo os quarenta capítulos, é possível detectar distintas viagens superpostas, itinerários variados que se entrecruzam.

Num primeiro plano, deparamos com viagens "concretas" no tempo e no espaço, que o narrador a bordo de um "tapete voador" apreende num só lance de olhar, durante seu vôo panorâmico: é o Brasil central, os EUA, a India etc.; é a travessia de 1935 (Marselha, Dakar, Santos), a de 1941

(Marselha, Martinica, Porto Rico, EUA), as excursões pelo interior do Brasil.

Paralelamente, um itinerário pessoal vai sendo construído, pedaços de histórias se articulam desenhando um percurso individual. Nesse sentido, o livro é também autobiografia intelectual. E mais. Como se trata de relatos do passado, da narrativa de tempos pretéritos, a obra pode ser lida como um subproduto da memória: "Então era isso a viagem? Uma exploração dos desertos da minha memória, mais do que a dos desertos que me cercavam?"[33] (LEVI-STRAUSS, 1957, p.404).

As viagens de que nos fala Lévi-Strauss possuem múltiplas dimensões: são sinônimo de deslocamentos espaciais, sem dúvida, mas são, sobretudo, exercícios de distanciamento que só o tempo permite. Nesse sentido, o livro descreve fundamentalmente viagens "para dentro": onde imaginamos encontrar os trópicos, o nativo, topamos com o viajante "em carne e osso".

Lévi-Strauss é viajante do século XX, por isso fora do tempo. Viajante quando não há mais viagens, eis o seu grande paradoxo. Na medida em que refaz um caminho, atravessa as mesmas águas, impossível não retomar as experiências dos primeiros descobridores da América, inserir-se numa

33. Irma S. Majer, num texto interessantíssimo sobre Jean de Léry, onde Lévi-Strauss é também personagem importante, destaca a memória como elemento constitutivo da viagem e do seu relato: "O fim das viagens, ou de uma viagem, é também o retorno, e o retorno torna-se para Lévi-Strauss, como para todo viajante, um problema de memória (...). A viagem é sempre a recordação de uma viagem" (1989, p.74).

tradição[34]. Afinal, o sentimento desbravador permanece, o Brasil é ainda, nos anos 30, país a ser descoberto, "Novo Mundo": "O que por todos os lados me rodeia e me esmaga, não é a diversidade inesgotável das coisas e dos seres, mas uma e só formidável entidade: o Novo Mundo" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.79). Por outro lado, o viajante moderno encontra uma realidade diferente da narrada por seus antecessores: o Novo Mundo não é tão novo assim. Se algum adjetivo cabe para defini-lo, esse é então 'triste', porque qualifica uma realidade destroçada: "Tal me reconheço, viajante, arqueólogo do espaço, procurando inutilmente reconstituir o exotismo com o auxílio de parcelas e destroços" (p.37).

O paradoxo é a armadilha cruel do viajante moderno, seu círculo intransponível. A nostalgia de ter vivido em outra época para ver, de fato, o Novo Mundo o persegue, mas sabe que só agora, com novos olhos, é possível avaliar o significado do espetáculo que se apresentava aos antigos: "Quanto menos as culturas humanas podiam comunicar-se entre si e, por consequência, corromper-se pelo contato, menos também os seus respectivos emissários eram capazes de perceber a riqueza e a significação dessa diversidade. No

34. Na terceira parte do livro, "O Novo Mundo", Lévi-Strauss dialoga todo o tempo com os viajantes do século XVI; atravessa o Atlântico sob o impacto das antigas imagens acerca do Novo Mundo: o Paraíso Terrestre, que Colombo julgou encontrar, os pigmeus de que falava Pierre D'Ailly, os animais monstruosos descritos por Pierre Martyr, entre tantos outros. Mas seu principal interlocutor aí é Jean de Léry, cuja viagem está resumida no capítulo IX, "Guanabara". Segundo Lévi-Strauss, L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil é a primeira obra etnográfica escrita.

fim das contas, sou prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo, confrontado pelo prodigiosos espetáculo de que tudo ou nada lhe escaparia - pior ainda, lhe inspiraria escárnio e asco; ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios duma realidade desaparecida" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.38).

Nostalgia e decepção são sentimentos que acompanham a narrativa do viajante moderno. Decepção do viajante diante da realidade encontrada e diante da viagem ela mesma, tendo sempre como contraponto a nostalgia das 'verdadeiras' viagens. As promessas de aventura, as fantasias de ruptura e evasão se desfazem em pouquíssimo tempo: "A aventura se dissolveu no tédio. Há semanas que o mesmo campo austero se desenrola aos meus olhos, tão árido que as plantas secas mal se distinguem das folhagens de um acampamento abandonado que subsistem aqui e ali. Os traços enegrecidos das queimadas parecem o destino natural desta caminhada unânime para a calcinação (...). Ou ainda, quando sobrevém um bando indígena, outra rotina se estabelece: recenseamento, nomes das partes do corpo, termos de parentesco, genealogias, inventários. Sinto-me um burocrata da evasão" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.341).

A decepção com a viagem e com a realidade encontrada aparecem com muita força no relato 'moderno', mas não são ainda sua marca registrada, seu traço exclusivo, já que esses elementos podem ser encontrados nos escritos dos antigos viajantes. O que talvez distinga tal narrativa

'moderna' é a decepção do viajante consigo próprio e com sua civilização. A viagem moderna coloca o viajante diante de um espelho: onde ele pensa encontrar o outro, vê a si mesmo. "Houve um tempo em que a viagem confrontava o viajante com civilizações radicalmente diferentes da sua e que se impunham antes de mais nada por sua esquisitice. Há séculos que essas ocasiões se vêm tornando cada vez mais raras. Seja na India ou na América, o viajante menos se "surpreende" do que se "reconhece" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.85/86).

1.4 Visão do Brasil

Lévi-Strauss, em vários momentos de sua vida, deu entrevistas falando de seu percurso e formação. Nestes depoimentos, de modo geral, o período brasileiro aparece sempre rapidamente, referido como ponto de partida de uma carreira. As impressões sobre o país e sobre sua estada aqui, as encontramos desenvolvidas em Tristes Trópicos. Aí, entre lembranças e recordações de viagens, desenha-se uma certa imagem do Novo Mundo, do Brasil. Na narrativa, a descrição de travessias, paisagens e figuras vem, frequentemente, acompanhada por impressões e comentários. Desde o momento da chegada, antes mesmo de pisar em terra firme, o viajante percebe a presença da América pelo cheiro: "O Novo Mundo, para o navegador que dele se aproxima, impõe-se primeiramente como um perfume... difícil de descrever

para quem jamais o respirou" (LEVI-STRAUSS,1957,p.76). Odores e aromas vão progressivamente cedendo lugar às impressões visuais: "Mas quando, no dia seguinte, às 4 horas da manhã, ela se eleva, enfim, no horizonte, a imagem visível do Novo Mundo parece digna de seu perfume" (p. 77).

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, o recém-chegado muda a perspectiva, o foco da observação: o Novo Mundo não é mais entidade apreendida de fora, enormidade que se impõe ao olhar, mas cenário concreto, repleto de personagens. No primeiro contato, o viajante, sem tempo de afinar sua lupa, mescla suas impressões com a de seus antecessores, nesse caso, com as de Léry, que 378 anos antes chegava ao Rio de Janeiro. Mas se a viagem de Léry esteve marcada por incidentes mirabolantes e inesperados, se a paisagem que ele viu era exótica, a experiência de Lévi-Strauss é outra. O Rio de Janeiro apresenta-se como um cenário familiar ao visitante europeu: arquitetura, traçado urbano, vestuário etc. Só que tudo com um certo ar de passado empobrecido...

O percurso até São Paulo proporciona ao viajante o primeiro encontro com a "floresta virgem", de que tanto ele ouvira falar. Aqui, nova decepção: a paisagem não é selvagem e sim decaída. "Terrenos vagos tão grandes quanto províncias, o homem os possuiu, outrora e por pouco tempo; depois, partiu para outros lugares. Atrás dele, deixou um relevo mortificado, coberto de confusos vestígios. E nesses campos de batalhas em que, durante algumas décadas, afrontou uma terra ignorada, renasce lentamente uma vegetação

monótona numa desordem tanto mais enganadora quanto, sob o aspecto de uma falsa inocência, conserva a memória e a formação dos combates" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.95).

Em São Paulo, onde passou a maior parte de seu tempo, Lévi-Strauss pode observar melhor a cidade e seus habitantes. O contato prolongado não modifica, porém, as impressões iniciais do Brasil, a visão detratora da paisagem natural e urbana: "Um espírito malicioso definiu a América como um país que passou da bárbarie à decadência sem ter conhecido a civilização. Poder-se-ia, com mais justeza, aplicar à fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do frescor à decrepitude, sem parar na madureza" (LEVI-STRAUSS, 1957, p.96).

A paisagem do Novo Mundo, portanto, decepciona o viajante por um duplo motivo: primeiro por não ser exótica como a cantada pelos antigos e, segundo, por ser decadente. Exotismo, se algum existe, pode ser encontrado na elite paulista com a qual convive Lévi-Strauss: "Ao abrigo dessa fauna pedrenta (a arquitetura), a elite paulista, semelhante às suas orquídeas favoritas, formava uma flora despreocupada e mais exótica do que julgava" (p.101).

A visão detratora da paisagem soma-se à visão também detratora da elite: os grãfinos, a sociedade, mais preocupada com prestigio do que com a cultura, os salões, o consumo de obras de vulgarização etc. A Universidade, criada nesse país pobre, sem tradição cultural, não podia dar bons frutos, segundo Lévi-Strauss, já que era antes de mais nada

um instrumento de prestigio para os alunos, ávidos pelas novidades e modas européias.

Mais uma vez o título do livro revela o seu conteúdo ou, pelo menos, o tipo de apreensão que o narrador tem da terra visitada: os trópicos são tristes porque decaídos - sua paisagem, suas cidades, sua elite e seus poucos índios. Só que o encontro com estes últimos apresenta uma particularidade. Embora também fortemente marcado pela decepção, consegue, em alguns momentos, surpreender o viajante: surpresa quando encontra uma tribo ainda sem contato ou quando diante da pobreza nambikwara é surpreendido pela "expressão mais verdadeira e mais emocionante da ternura humana" [35].

2.2) Outras viagens

"Tous mes amis le savent: je suis un spécialiste, un maniaque de la confession" - Michel Leiris

Michel Leiris, jovem escritor francês quando decide tornar-se etnólogo, substitui a formação especializada pelo aprendizado no campo, assim como Lévi-Strauss. Só que, ao contrário deste, a Africa é o seu laboratório. Faz, então,

35. Leiris (1988) aponta o encontro com os Nambikwara como o momento feliz do livro.

seu batismo etnográfico através da missão Dakar-Djibouti, da qual participa como "secretário-arquivista". Com mais ou menos a mesma idade de Lévi-Strauss [36] e com uma iniciação na etnografia em época semelhante, Leiris tem um percurso distinto ao de nosso personagem principal, ainda que, em alguns momentos, suas trajetórias se cruzem.

Michel Leiris participa do movimento surrealista de 1924 a 1929. Deste periodo resultam um livro de poesias, Simulacre (com litografias de Andre Masson, 1925) e outro de prosa, Le point cardinal (1927). Ainda nesta época, escreve Glossaire:j'y serre mes gloses _ uma espécie de "dicionário poético" publicado nos números 3, 4 e 6 da Révolution Surrealiste (1925,1926) [37] - e uma série de relatos de sonhos, publicados na mesma revista, números 3, 5 e 7, cujo conjunto foi reunido pela Fontaine, em 1945, com o título Nuits sans nuit [38].

Esta produção inicial está marcada por um tipo de trabalho que tem a ver com a técnica da "colagem", tão conhecida pelas artes plásticas. Trata-se de reunir o material colecionado durante um bom tempo - no caso, palavras e sonhos -, e procurar dar a ele algum tipo de

---

36. Só para lembrar, Leiris é de 1901 e Lévi-Strauss de 1908.

37. Este trabalho é republicado em 1939 pela ed. de la Galerie Simon, acompanhado por 16 litografias de Masson.

38. Uma nova edição aumentada aparece em 1961, pela Gallimard.

unidade, seja através de um texto estruturado à maneira de um glossário, seja pelo poema [39].

O período seguinte da trajetória de Leiris, intitulado por alguns críticos como 'realista', está marcado pelo rompimento com o surrealismo e pela aproximação da psicanálise e da etnologia (LEJEUNE,1975). Após uma série de problemas emocionais que o levam ao tratamento psicanalítico, Leiris aproveita a oportunidade dada pela missão Dakar-Djibouti e deixa a França. Esta passagem encontra-se relatada na última parte de L'Age d'homme (1939): "Em novembro de 1929, após diversos contratempos que datavam de antes do verão (...) apareci na casa de um amigo às 5 da madrugada e lhe pedi sua lâmina de barbear com a intenção, relativamente fingida, de me castrar (...) me dei conta de que em tudo isso havia algo de enfermidade e decidi seguir um tratamento psicanalítico (...). A princípio, segui esse tratamento por um ano, com resultados diversos (...). Ao sair desses limbos, aconselhado por meu médico e pensando comigo mesmo que me faltava ter vivido um pouco rudemente, aproveitei a ocasião para fazer uma longa viagem e parti por dois anos para a Africa, como membro de uma missão etnográfica" (LEIRIS, 1976, p.203-206).

39. "Palavras e sonhos parecem ser, durante este período surrealista, o ponto de partida de uma atividade de fabricação de intenções ambiguas. O trabalho da escrita se apresenta sempre como uma atividade técnica realizada a partir de um material textual préexistente, quer se trate de trabalhar ou de tranformar, para fazer com que ele libere, por operações de bricolage ou de alquimia, o segredo, o oráculo, o valor-ouro que se encontra no fim da linguagem" (Lejeune, 1975, p. 261).

A experiência psicanalítica e etnográfica são responsáveis por um tipo de produção que, a partir desse momento, passa a constituir o eixo da obra de Leiris: a autobiografia. Durante a viagem pelos países africanos, Leiris escreve um diário de campo, L'Afrique Fantôme (1934). Paralelamente, trabalha em sua primeira obra autobiográfica *stricto sensu*, L'Age d'homme (1939).

* * * *

L'Afrique Fântome, ao contrário de Tristes Trópicos, não constitui um capítulo isolado da obra de Leiris; ao contrário, inaugura nela a vertente autobiográfica. O livro de 1934 se encaixa perfeitamente no conjunto da produção do autor não apenas do ponto de vista da 'descoberta' de um gênero, mas também no que diz respeito à descoberta de um método de trabalho. A etnografia auxilia o escritor em seu ofício na medida em que o ensina a utilizar fichas para o registro de elementos autobiográficos [40] .

Além disso, L'Afrique Fântome explicita a conjugação de dois projetos - o literário e o científico - , que passa a

40. Cf. Lejeune, op. cit., p. 275 e, principalmente Kaufmann, 1989, p.157: "A empresa autobiográfica parece estar marcada, de início e para sempre, pela lembrança do secretário-arquivista de Dakar-Djibouti, que não fez senão passar de uma viagem real a uma viagem retórica, de ficha em ficha".

ser marca registrada na trajetória do escritor/etnólogo. Tristes Trópicos, por sua vez, nos remete a um romance inacabado, a um projeto, de certo modo, frustrado. Se o livro revela uma articulação feliz entre literatura e etnologia - talvez uma de suas maiores virtudes -, este não será um filão plenamente explorado por Lévi-Strauss, pelo menos na radicalidade em que trabalha Leiris.

L'Afrique Fântome é diário de campo, que segue o dia-a-dia da equipe de Griaule durante os dois anos de travessia de Dakar a Djibouti. Tristes Trópicos, ainda que resgate a experiência etnográfica do autor, fale de viagens "concretas", é menos um relato de viagem e mais um livro sobre a viagem. Anos depois da vinda para o Brasil, o autor pode lançar um olhar distanciado sobre esta experiência, generalizar (afinal, o Lévi-Strauss que escreve em 1955 não é o mesmo que aqui esteve). A simples ausência do artigo (os) no título é indicativa da ambição universalizante do livro: é de trópicos que ele nos fala - trópicos vazios, trópicos repletos, Asia, América, trópicos vistos por outros viajantes...

Se a diferença de perspectiva acima mencionada separa os dois livros de maneira clara, não podemos nos esquecer que eles se aproximam na medida em que tratam de "viagens iniciáticas", de experiências primeiras. Compartilham as perplexidades oriundas do aprendizado de um oficio, que tem a particularidade de deslocar o sujeito, torná-lo

estrangeiro. São uma espécie de "romance de formação" dos etnólogos.

Assim como o de Lévi-Strauss, o texto de Leiris pode ser lido como um série de relatos superpostos. Antes de mais nada, L'Afrique Fântome é quase uma reportagem da missão Dakar-Djibouti. A primeira parte, sobretudo, narra o cotidiano da equipe, as relações entre os membros do grupo e os problemas práticos colocados pela pesquisa. Na parte final, onde Leiris fala do período em Gondar durante a estação das chuvas, o foco da narração se altera: o olhar do etnólogo recai agora sobre o seu "objeto". Nesse sentido, o livro é dupla etnografia: etnografia do grupo local - sobre o qual o autor levanta um rico material posteriormente trabalhado em seus textos mais etnológicos, por exemplo, La possession et ses aspects théatraux chez les Ethiopiens de Gondar, 1958 - e etnografia do grupo de etnólogos, quando revela, entre outras coisas, como a coleta de material, de objetos e pinturas sagradas é feita a qualquer preço, algumas vezes mesmo através de pilhagens e corrupção (LOURAU,1988,p.100).

Em meio às etnografias propriamente ditas, a dimensão mais claramente autobiográfica do livro se faz presente. O narrador - arquivista de si mesmo - torna públicos seus sonhos, frustrações e fantasias alimentadas pela abstinência sexual durante o período no campo. O ato de escrever funciona como uma espécie de catarse e, nesse sentido, passa a ser a atividade fundamental do viajante: " Aborrecido,

procuro me distrair escrevendo este diário, que se torna meu principal passatempo. E quase como se eu tivesse tido a idéia da viagem expressamente para redigi-lo..." (LEIRIS,1981,p.268).

O caráter literário da obra revela outra de suas dimensões. Escritor e etnólogo "competem" todo o tempo pelo domínio da narrativa e se revezam na descrição dos acontecimentos e estados de espírito. No prefácio de 1981, Leiris menciona esta ambivalência do relato "meio-documentário, meio-poético". Apesar de ter incluído o livro no rol de seus trabalhos etnológicos (JAMIN,1981), Leiris ao defini-lo enfatiza o seu caráter literário e biográfico. As anotações contidas em L'Afrique Fântome não representam um histórico da missão ou um "récit de voyage", diz ele, "não constituem outra coisa senão uma crônica pessoal, um jornal íntimo que poderia ter sido redigido em Paris, mas que foi concebido durante um passeio na Africa" (LEIRIS,1981,p.264).

L'Afrique Fântome: o título indica, à medida que descreve e descobre o continente africano, a dificuldade do autor em apanhar a realidade vivida, já que a Africa com a qual se depara o viajante joga por terra as ilusões alimentadas antes da partida. E de decepção que nos fala Leiris; decepção do mesmo tipo daquela que sente Lévi-

Strauss ao encontrar os "tristes" trópicos mais cheios de misérias que de esplendores [41].

No prefácio dos anos 50 e num preâmbulo de 81, Leiris traça todas as etapas da viagem e os sentimentos que a acompanham: a partida, marcada pela imagem romântica da viagem, pela possibilidade de evasão; o cotidiano do viajante em terra estranha; o regresso, mais marcado por frustrações que por conquistas ("Voltei em 1933, tendo matado pelo menos um mito: o da viagem como meio de evasão" - 1976, p.207).

Lidos lado a lado, os livros de Leiris e Lévi-Strauss nos permitem uma compreensão mais nitida da "viagem moderna". Ambos apontam para a desmistificação da viagem, das realidades encontradas e do próprio trabalho etnográfico. Leiris frisa, assim como Lévi-Strauss, a rotina massacrante do campo: "Eu que esperava voltar da Africa com o ar de um desses belos corsários devastados. A vida que nós levamos não pode ser mais monótona e burguesa. O trabalho, não essencialmente diferente de um trabalho na fábrica, gabinete ou escritório" (LEIRIS,1981,p.260). Ainda de acordo com Lévi-Strauss, Leiris acentua a distância entre a imagem da Africa e a Africa real: "E preciso olhar as fotos que foram tiradas para imaginar que estou em alguma coisa que

41. Os títulos das duas obras expressam, inegavelmente, um sentimento comum. Antes do título L'Afrique Fântome, aliás sugerido por Malraux que é quem decide publicá-lo, Leiris pensou em chamá-lo Le Promeneur du Canceur. Diz Lourau: "Se ele tivesse tomado os títulos antes de Henry Miller e de Lévi-Strauss teria podido intitular a obra Trópico de Cancer ou Tristes trópicos (op. cit. p.99/100).

pareça à Africa" (p.213). Aqui, também, é possível perceber uma certa nostalgia do viajante moderno em relação à Africa que não mais existe e que só os pioneiros puderam conhecer. O paradoxo do viajante moderno desenvolvido por Lévi-Strauss, é confirmado por Leiris.

Finalmente, ao desmistificarem a viagem heróica, marcada por grandes feitos e descobertas, tanto Leiris como Lévi-Strauss, desmistificam também o gênero narrativo que a acompanha. Nesse sentido, Tristes Trópicos e L'Afrique Fântome, ao mesmo tempo que são livros de viagem, representam a sua negação.

Devemos observar, porém, que Leiris é um narrador mais dilacerado que Lévi-Strauss, pois leva a questão da impossibilidade ao extremo. O que para ele está em jogo não é apenas o limite da etnografia propriamente dita mas, fundamentalmente, os limites do conhecimento antropológico, já que, do seu ponto de vista, o encontro entre o 'eu' e o 'outro' é praticamente impossível. A ciência não permite o contato, ao contrário, dificulta-o: a observação distanciada é inimiga de qualquer tipo de comunhão [42] (LEIRIS, 1981, p. 13).

A medida que a idéia da antropologia como a possibilidade de acesso ao outro vai se desfazendo na experiência da viagem, se desfaz também a figura do

42. Este problema para Leiris não seria solucionado pela participação nos rituais africanos, que ele descreve com tanta emoção, mas sempre de fora. Ao contrário de vários etnólogos e surrealistas, Leiris jamais 'iniciou-se' em nenhum dos ritos e cerimônias religiosas por ele assistidas.

etnógrafo em campo e a do narrador do texto. O autor, a princípio mais claramente etnógrafo, vai se tornando cada vez mais literato, e o texto, que num primeiro momento vem a reboque da experiência vivida, passa a ocupar o primeiro plano. E como se ele tivesse feito a viagem expressamente para relatá-la.

* * * *

Se Tristes Trópicos custou ao seu autor o corte de relações com Rivet, L'Afrique Fântome valeu a Leiris o rompimento com Griaule. Publicado logo após a missão Dakar-Djibouti por intermédio de Malraux, então 'lecteur' da Gallimard, o texto além de causar mal-estar no meio antropológico, foi proibido durante a ocupação alemã da França, tendo tido uma edição destruída [43].

Apesar do desagrado da crítica especializada constituir um elemento aproximador dos dois livros, eles conhecem destinos bastante diferentes. L'Afrique Fântome teve três

43. Comentando as diversas reações ao livro, diz Leiris sobre Griaule: "Então, eu decidi não mostrar-lhe as provas. E ele ficou furioso quando o livro apareceu, considerando que eu comprometia o futuro dos trabalhos de campo etc."; e sobre Mauss: "Ele me advertiu, de maneira paternal, paciente, mas não estava de acordo"; sobre Rivet: "... para não arruinar sua imagem de homem de represálias, aos meus olhos, para permanecer, então, um liberal, me arguiu sobre questões de pura forma, sublinahndo os erros de francês..."; sobre todos eles: "Mas foi somente com Griaule que L'Afrique Fântome estragou as relações" (Jamin, 1988, p.51).

edições francesas (1934, 1950 e 1981) e pelo que sugere o final do prefácio de 81, não teve traduções. Tristes Trópicos, ao contrário, foi um grande sucesso editorial, tendo sido traduzido para diversas línguas, por exemplo, para o inglês, alemão, italiano, japonês, polonês, sueco, tcheco, espanhol, húngaro, romeno, português, catalão e grego.

Não apenas as obras tiveram caminhos distintos mas também seus autores: as viagens à Africa e ao Brasil renderam aos viajantes destinos diversos. Para Leiris a viagem não significou a interrupção de um percurso ou, pelo menos, sua alteração radical. O projeto literário é apenas ampliado pela etnologia, nunca abandonado. A etnologia como profissão, embora importante, não modificou a ordem hierárquica de seus dois 'métiers'; diz ele: primeiro escritor, depois etnólogo (JAMIN,1981).

A obra etnológica de Leiris é pequena, baseada sobretudo em sua experiência africana, sem maiores ambições teóricas ou sistêmicas. Além de L'Afrique Fântome, 1934, publicou: La langue sécrète des dogons de Sanga (1948); Contacts et civilisations en Martinique et en Guadeloupe (1955); La possession et ses aspects théatraux chez les éthiopiens de Gondar (1958); Cinq études d'ethnologie (1969) e L'Afrique Noire, em colaboração com Jacqueline Delange (1967).

Para Lévi-Strauss a profissionalização como etnológo, também permitida pela viagem, passou a constituir o seu

grande projeto, desenvolvido com enorme sucesso. Nem é preciso lembrar aqui o volume e a importância de sua obra, inteiramente dedicada à etnologia.

Do mesmo modo que as diferenças dos "diários de viagem" não apagam os inúmeros pontos de encontro existentes entre os textos, as distâncias entre seus autores não impediram fortes aproximações. O tema da raça é um deles: Lévi-Strauss publica o antológico Raça e História em 1950; Leiris no ano seguinte, também pela Unesco, publica "Race et Civilisation". O fato de trocarem comentários, um sobre o outro, é mais um elemento significativo: em 1956, Leiris analisa Tristes Trópicos num texto, a meu ver, preciso, "A travers Tristes Tropiques"; Lévi-Strauss, em 1985, falando à imprensa francesa sobre leituras marcantes para ele, elege Langage Tangage, publicado naquele mesmo ano, como uma obra admirável e Leiris, como um dos grandes prosadores da língua francesa. As relações de amizade, estreitadas tardiamente, seriam outro aspecto importante desses itinerários que se cruzam. Mas essa é uma outra história.

Capítulo III

Fernand Braudel e Pierre Monbeig: os primórdios da história e da geografia na USP

Durante uma conferência realizada em São Paulo, no ano de 1949, Lucien Febvre afirmava: "Sinto-me extremamente comovido pela maneira com que esta cidade de São Paulo, que eu conheço muito bem, me recebeu. Aqui passei algumas horas, há muito tempo, antes mesmo do dilúvio, em 1937, há doze anos? (...) Depois de dois meses no Brasil, no Rio e seus arredores, na Bahia e neste vasto domínio do Nordeste onde eu pretendo voltar se um dia tiver possibilidade, sinto-me sempre surpreendido pela fecundidade desta comunhão, desta união da França e do Brasil" (FEBVRE, 1950, p. 3).

Não se tem notícia do retorno de Febvre ao Brasil, e muito menos ao Nordeste, após 1949, mas a referida viagem de 1937 à América do Sul é um capítulo importante na história do interesse francês por este território desconhecido [1]. E como se o eminente historiador comprovasse in loco o que já anunciava em 1928, no primeiro número da revista Annales: "América do Sul: um campo privilegiado de experiências".

No contexto americano, o Brasil foi talvez um dos países onde os laços com a França mais se estreitaram, desde a vinda de Emile Coornaert e Pierre Deffontaines, em 1934, para inaugurar, respectivamente, as cadeiras de história e geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da

1. Além de constituir, evidentemente, um marco para a historiografia francesa já que ao voltar à França, Febvre e Braudel encontram-se no navio, dando início a uma intensa colaboração.

USP. A partir de então, o trânsito de docentes e pesquisadores entre os dois países mostrou-se bastante intenso.

O principal objetivo deste capitulo é tentar qualificar a proclamada "comunhão" entre França e Brasil, no caso da história, de que fala Febvre no trecho acima mencionado, utilizando a geografia como parâmetro comparativo. Para entendê-la, creio, não podemos fugir à compreensão do grupo de colaboradores da célebre revista Annales e de seu interesse pela América Latina. O Brasil merece destaque na avaliação deste interesse já que a missão francesa da USP abriu as portas do país para os historiadores ligados a Annales. Não seria exagerado dizer que tal missão possibilitou a "descoberta" do Brasil por este grupo [2].

Fernand Braudel, integrante da segunda leva de professores contratados pela USP, em 1935, servirá aqui de ponto estratégico para a análise. Embora não tenha escrito sobre o país, Braudel refere-se, frequentemente, a esta experiência como decisiva em sua formação. Seus alunos, por outro lado, assinalam a importância do jovem professor em suas formações individuais. Além disso, o exame da trajetória de Braudel a partir de sua relação com o Brasil, revelou-se um rico contraponto aos demais personagens envolvidos nesta trama: Lévi-Strauss e Monbeig.

---

2. Guy Martiniere em um ensaio intitulado "L'école des Annales et l'Amérique Latine" (1982) chama atenção para este ponto, com o qual estou plenamente de acordo. Tal artigo deverá ser melhor discutido nas partes subsequentes do capitulo.

A escolha de Pierre Monbeig para a compreensão da constituição da geografia acadêmica no Brasil, por sua vez, não deve surpreender nem aos mais desavisados. O jovem geógrafo francês chega ao país na mesma época em que Lévi-Strauss e Braudel só que, ao contrário de seus colegas, prolonga sua estada por onze anos. Torna-se, com isso, um dos grandes especialistas estrangeiros em Brasil e figura chave na formação de toda uma geração de geógrafos brasileiros.

A razão de manter Monbeig e Braudel num mesmo capítulo - esta sim uma possível causa de surpresas - pode ser simplesmente esclarecida. Em primeiro lugar, geografia e história constituiam um único diploma na USP dos anos 30. Possuíam, portanto, estreito laço institucional[3]. Segundo, a situação de Monbeig, também "agregé" em história e assíduo colaborador dos Annales, reforça o argumento anterior, isto é, de que a missão francesa na USP beneficiou o grupo ligado à revista criada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Finalmente, já que se trata de Annales, torna-se impossível pensar em geografia e história como disciplinas isoladas.

---

3. O depoimento da professora Alice Canabrava (MIS-SP, série "Estudos Brasileiros", coordenada por Ernâni da S. Bruno, 30/9/1981) endossa a opção pela articulação das disciplinas: "Pierre Monbeig e F. Braudel conquistaram o estudante intelectualmente. Quando terminei os três anos de curso não tinha bem idéia do que queria fazer: ser geógrafa ou historiadora". E preciso não esquecer que na França, naquele momento, as disciplinas encontravam-se também reunidas por um único diploma.

Annales, América do Sul, Brasil

A história do grupo de historiadores que se reuniu em torno da revista Annales vem sendo escrita, basicamente, na França, Estados Unidos e Itália e já conta com uma bibliografia significativa [4]. Como não poderia deixar de ser, há versões discordantes sobre o assunto, leituras distintas do grupo e de seu desenvolvimento: é possível falar em uma "escola" dos Annales? Haveria um paradigma dominante, compartilhado pelo grupo? Trata-se de uma história marcada sobretudo por fidelidades ao projeto original? E as descontinuidades, existiriam de fato? Evidentemente o meu intuito aqui não é inventariar tal debate, e muito menos propor uma nova versão para esta história. Não posso, entretanto, me furtar ao trabalho de esboçar, ainda que em linhas muito gerais, o perfil do "grupo" e da publicação, sem o quê os desdobramentos do capítulo se enfraquecem.

---

4. Além de vários artigos publicados em francês - alguns dos quais estão relacionados na bibliografia geral, no final do volume -, lembremos, entre outros, os trabalhos de Traian Stoianovich , French historical method: the Annales paradigm (1976), o de Peter Burke, The french historical revolution: the Annales school, 1929-1989 (1990), o de L. Allegra e A. Torre, La nascita della storia sociale en Francia. Dalla commune alle Annales (1977) e Storiografia francese di ieri e di oggi, vários autores (1977). Outra importante referência bibliográfica são as atas de um colóquio sobre o impacto dos Annales em diferentes países, publicadas em Review, n. 1, 1978.

Falar na origem da revista Annales d'histoire économique et sociale é se referir ao ano de 1929 e à universidade de Strasbourg, onde lecionavam Lucien Febvre e Marc Bloch. O ambiente universitário de Strasbourg nos anos 20 destaca-se por seu dinamismo intelectual, pelo debate interdisciplinar sistemático. Aí foram recrutados os primeiros colaboradores da revista: o sociólogo M. Halbwachs, os historiadores A. Piganiol e Georges Lefebvre, o geógrafo Bauling, etc [5]. E neste contexto que Lucien Febvre e Marc Bloch dão início à publicação, num esforço de modernização da disciplina que eles julgavam atrasada em relação aos EUA, Inglaterra e Alemanha. Nos anos 30, a revista mudará, com seus fundadores, para Paris.

Os "annalists", sem exceção, ao inventariarem sua origens, reclamam filiação a três correntes: a escola geográfica de Vidal de la Blache, a Revue de Synthese Historique, de Henri Berr e a escola sociológica de Durkheim.

A escola de Vidal de La Blache, vigorosa no começo do século, é uma influência decisiva na constituição das

5. "A Universidade de Strasbourg, onde eles se encontraram e se ligaram por uma profunda amizade, não era uma universidade de provincia como as outras. Reorganizada depois da guerra como vitrine e como bastião avançado da cultura francesa diante da Alemanha vencida, ela é nos anos 20, depois da Sorbonne, e talvez antes dela, o centro universitário francês mais importante pela modernidade de seu ensino e pelo dinamismo das pesquisas que abrigava" (Burguiere, 1879, p. 1349). Cf. também Burke, 1991, p. 27.

matrizes teóricas do "grupo" dos Annales[6]. A ambição interdisciplinar de tal escola e a ênfase na dialética espaço/ tempo, fundamental na definição de uma "história geográfica" (exemplarmente defendida por Braudel), constituem as principais marcas deixadas por La Blache e seu grupo. Lucien Febvre, antes de Braudel, é preciso lembrar, ilustra bem as articulações entre história e geografia, principalmente em suas obras La terre et l'evolution humaine: introduction géographique à l'histoire, em co-autoria com M. Bataillon (1922) e Le Rhin, problemes d'histoire et d'économie (1935).

A sociologia durkheimiana encontra-se representada no próprio comité dos Annales na figura de M. Halbwachs, o que sinaliza um relacionamento no mínimo cordial entre as duas disciplinas e seus respectivos praticantes. De fato, Lucien Febvre e Marc Bloch são leitores entusiastas do L'Année Sociologique (BRAUDEL, 1965, p. 403) e um rápido passar de olhos em Annales é suficiente para revelar tal simpatia. Mais uma vez a vocação interdisciplinar - aliada a uma ambição internacionalista e polêmica - constituem características da revista de Durkheim que os historiadores tentarão incorporar. Além disso, o caráter de "laboratório" que Durkheim fazia questão de imprimir à publicação, onde o

---

6. Paul Vidal de La Blache (1845-1918), além de realizar uma obra monumental, entre as quais se destacam o Tableau de la gégraphie de la France e Principes de gégraphie humaine, organizou e dirigiu a Géographie Universelle (1927-1948), e fundou os Annales de Géographie, em 1891.

trabalho empírico ocupa lugar central, servirá de modelo para Febvre e Bloch [7].

De fato, tomando os diretores-fundadores dos Annales como base, é possível fazer uma distinção no que diz respeito ao diálogo com a geografia e com a sociologia. Grosso modo, poderíamos dizer que a geografia histórica defendida por La Blache e seu grupo tinha em Febvre um fervoroso adepto, desde sua tese Philippe II et la Franche-Comté (1911). A sociologia, por sua vez, encontra maior acolhida na produção de Bloch, ainda que ele também tenha exercitado a análise geográfica (vide L'Ile de France, 1913). Durkheim - que começou a carreira na ENS mais ou menos na mesma época em que Bloch ingressava como aluno - inspirou o historiador sobretudo através de seus conceitos de "fato social" e "representações coletivas". Les rois thaumaturges (1924) é um exemplo claro deste débito [8].

---

7. Para uma visão mais detalhada do Année Sociologique, de seu funcionamento e características básicas, consultar o artigo de P. Besnard, "The 'Année Sociologique' team" in: The sociological domain - the durkheimians and the founding of French Sociology, 1983, p.11-40. A biografia de Durkheim escrita por S. Lukes (Emile Durkheim, his life and work, Penguin Books, 1973), também faz referências à experiência do Année. É interessante notar que ao frisar a importância do modelo intelectual alemão para Durkheim - principalmente o de Wundt e de seu laboratório em Leipzig -, Lukes reforça, sem dizê-lo, a aproximação da experiência do Année com os Annales, já que aí também é forte a inspiração alemã. A fórmula "história econômica e social", por exemplo, é tirada da revista alemã Vierteljahrschrift fur Sozial - und Wirtschaftsgeschichte, onde Max Weber era assíduo colaborador (cf. Revel, 1990).

8. Cf. Burke, 1991, p. 26-29.

Falar em "relacionamento cordial" entre as disciplinas não significa afirmar a ausência de conflitos. A sociologia defendida por Durkheim conquista o seu espaço na disputa com as disciplinas vizinhas. No que diz respeito à história, outra concorrente, a competição se aguça com a criação dos Annales, que questionavam o lugar de destaque que Durkheim afirmava ter a sociologia e reagiam às duras críticas feitas pelo sociólogo à análise histórica. Não podemos esquecer que os dois grupos reivindicavam a hegemonia de suas disciplinas diante das demais ciências sociais. Febvre ilustra bem tal divergência: "Os sociólogos, por sua vez, no entusiasmo de suas primeiras conquistas, atacavam com júbilo uma disciplina tão mal defendida. Os defensores da escola durkheimiana não espalhavam a história aos quatro ventos. Apoderavam-se dela como senhores. Tudo o que, no dominio das ciências históricas, lhes parecia susceptivel de análise racional pertencia-lhes, o resíduo era a história: uma passagem cronológica ao papel no máximo, de acontecimentos de superfície, a maior parte das vezes devidos ao acaso. Digamos: uma narrativa" (FEBVRE, 1985, p. 244).

A Revue de Synthese Historique, criada por Henri Berr, em 1900, foi propositalmente deixada para o final, pois mais que uma influência representou uma interlocução frequente para os Annales. Desde 1905, Lucien Febvre organizava e colaborava no setor de história regional da revista. Marc Bloch, por sua vez, inaugura sua colaboração em 1912. Foi neste círculo de discussões que surgiu a idéia de fazer uma

revista, ao mesmo tempo mais combativa que Synthese e mais apoiada sobre investigações concretas (BURGUIERE, 1979, p. 1351).

De fato, a preocupação básica da revista de Berr - filósofo de formação - era com a filosofia da história e não com a investigação histórica propriamente dita, tal com defendida por Bloch e Febvre. Além desta diferença mais de fundo, havia também uma divergência de postura: os Annales exercitavam a crítica combativa cujo foco era a produção nas ciências humanas de um modo geral (bem ao gosto do L'Année de Durkheim); a Revue de Henri Berr, nas palavras de Braudel, não nasceu sob o signo da polêmica, ainda que mesmo assim, os mais tradicionalistas tenham reagido a sua aparição (BRAUDEL, 1972, p. 457). Mas o "espírito" da revista de Berr - diferenças a parte - foi retomado pelos criadores de Annales, principalmente a partir da criação do "Centre de Synthese" (1925) e de suas famosas "Semaines de Synthese": espírito de trabalho coletivo e interdisciplinar, com o objetivo de organizar as ciências sociais em torno da história.

As explicações para o sucesso do empreendimento de Febvre e Bloch são variadas e, creio, complementares. A criação dos Annales venho preencher um espaço, de certo modo, vago no panorama das ciências sociais francesas: a chamada segunda fase do L'Année Sociologique não se sustenta após a dispersão dos jovens durkheimianos com a guerra e sobretudo após a morte de Durkheim; a sociologia é ainda uma

disciplina "marginal" no meio universitário francês; a etnologia faz parte de um reduto ainda menor, até pelo menos a II Guerra Mundial e a economia está circunscrita às faculdades de Direito. "Quanto à história, poderíamos afirmar que se beneficia do prestígio tradicional das disciplinas clássicas. Entre tradicionalistas e inovadores detém numerosas cátedras, oferece carreiras, rentabiliza competências intelectuais. Gere um capital social, institucional muito mais pesado que o das outras disciplinas e dispõe de uma legitimidade científica e simbólica muito grande. E neste dispositivo universitário que a inovação historiográfica - a ofensiva dos Annales - se inscreve. Esta tira partido dele, e ao mesmo tempo reforça-o. E sem dúvida esta conjuntura o que explica a conformação particular das ciências sociais em França organizado em torno da história, durante pelo menos trinta anos" (REVEL, 1990, p. 20) [9].

E preciso lembrar também que Febvre expandia suas preocupações básicas a outras áreas de atuação. Paralelamente à direção dos Annales, por exemplo, o historiador dirigia a Encyclopédie Française, publicada a partir de 1935, cujo plano baseava-se na análise das sociedades contemporâneas, a partir da contribuição das

9. Burguiere, op. cit., p. 1354, desenvolve argumento semelhante.

diferentes disciplinas: economia, geografia, sociologia, psicologia etc. [10]

Embora reconhecidos já no período entre-guerras, é curioso que os historiadores, colaboradores dos Annales, não tenham sido contemplados com as verbas norte-americanas para a pesquisa que chegam à França nesta época, ao contrário das demais ciências sociais. Tal situação, porém, inverte-se completamente no pós-guerra, por ocasião da criação da VI Seção da E.P.H.E., construída sob a égide dos historiadores e, posteriormente, na criação da 'Maison des Sciences de L'Homme', nos anos 60, obra de Fernand Braudel (MAZON, 1988).

Não parece exagerado afirmar que na França, ao contrário de outros países (EUA, por exemplo), as ciências sociais gravitaram em torno da história e dos historiadores. Os exemplos àcima mencionados parecem suficientes para indicar tal predomínio. Afinal, em que outro lugar uma seção destinada às ciências econômicas e sociais foi constituída majoritariamente por historiadores, como ocorreu com a VI seção da E.P.H.E.? [11].

---

10. Burke (1991) chama atenção para o fato que a designação de Febvre para a presidência do comitê organizador da Encyclopédie Française, atesta o prestígio e sucesso dos Annales nos anos 30, quando Febvre encontra-se também no College de France, em 1933, e Bloch na Sorbonne, sucedendo Henri Hauser a partir de 1936. Ver p. 37.

11. Esta é a indagação básica que faz Brigitte Mazon em seu trabalho: "Que esta instituição tenha sido controlada não por sociólogos ou economistas, como indicava sua vocação original, mas por historiadores, constitui um dos aspectos de minha interrogação" (op.cit., p.11).

A revista Annales formou várias gerações de historiadores que, diferenças à parte, reivindicavam sua filiação ao grupo organizado em torno de Lucien Febvre e Marc Bloch. Mesmo as "novíssimas gerações" - que em muito se distanciam das concepções da fase áurea dos Annales - fazem questão de reafirmar sua pertinência a esta tradição (DOSSE, 1989). Portanto, o impacto do grupo na França - como paradigma intelectual e como peso institucional - é incontestável. Fora do hexágono francês tal impacto também pode ser plenamente verificado, sobretudo a partir de Braudel e de sua obra monumental sobre o Mediterrâneo [12].

O Brasil não escapou a tal influência, ao contrário recebeu-a de modo particular. Durante a primeira fase da revista, aqui estiveram Coornaert, Febvre, Braudel (antes da tese sobre o Mediterrâneo) e, posteriormente, Gagé, Bataillon, Mauro etc., dando cursos e conferências na Universidade de São Paulo. O impacto desta "escola" entre nós - e seus limites - precisariam ser melhor examinados. Não é meu objetivo aqui empreender semelhante tarefa, ainda que talvez seja possível contribuir de algum modo para tal reflexão.

O que é perceptível, em um primeiro momento, é que, no caso brasileiro, os Annales antes sucumbiram ao Brasil que o Brasil aos Annales. Isto é, havia um grande interesse dos historiadores franceses pela América do Sul, que constituía, como eles gostavam de repetir, um rico campo de

12. Cf. Review, n. 1.

experiências. A missão universitária dos anos 30, na USP, representou para este grupo de historiadores a possibilidade de acesso ao Brasil. Nossos historiadores "de plantão" nas instituições existentes no período (os Institutos Históricos e Geográficos), por sua vez, estavam comprometidos com outro tipo de história, que cantava heróis nacionais e celebrações cívicas[13]. Caberia aos historiadores contratados pela Universidade recém-criada - majoritariamente ligados aos Annales - formar as novas gerações.

* * * *

No primeiro número da revista Annales d'histoire économique et social (15/01/1929) já estão presentes as preocupações centrais de Lucien Febvre e Marc Bloch, que irão caracterizar a publicação por um longo período. No editorial, por exemplo, os diretores fazem um chamado ao

13. Os membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo reagiram à presença dos professores franceses, não aceitando como sócios nem os mestres, nem as primeiras turmas de licenciados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Entrevista do Prof. Eduardo França concedida à autora, 1989b.

trabalho interdisciplinar e à importância da pesquisa [14]. O índice, por sua vez, é suficiente para revelar o cuidado com o acompanhamento da produção na área das ciências sociais da época, através da crítica minuciosa de livros e da divulgação de congressos e trabalhos em andamento. Chama a atenção o fato de mais de 50% das seções da revista dedicarem-se a tal acompanhamento crítico: "La vie scientifique"[15], "La documentation de l'histoire économique", "Les congres", "Les centres d'études", "Nouvelles scientifiques", "A travers les livres et les revues".

A América do Sul se faz presente neste número inicial com uma resenha de trabalhos recém publicados sobre o

---

14. "Nada melhor, certamente, se cada um, exercendo uma especialização legítima, cultivando arduamente seu próprio jardim, se esforçasse para seguir a obra de seu vizinho. Mas os muros são tão altos que, frequentemente, prejudicam a visão. Que sugestões preciosas sobre o método e sobre a interrogação dos fatos, quantos ganhos de cultura, quantos progressos intuitivos nasceriam entre esses diversos grupos se houvesse intercâmbios intelectuais mais frequentes!" (Armand Colin, 1929, p. 1, 2). No mesmo editorial, mais adiante, sublinham: interdisplinariedade sim, mas evidenciada na prática, através de trabalhos diferentes e não por meio de dissertações teóricas (p. 2).

15. Apresentando este segmento da revista, Bloch e Febvre, em texto intitulado "Nos enquêtes collectives", reafirmam a importância da pesquisa e do trabalho com a documentação.

assunto[16]. O longo comentário que Febvre intitula "Un champs privilegié d´études: l´Amérique du Sud" contém uma espécie de alerta aos pesquisadores sobre a importância do estudo e da compreensão desta terra de contrastes e de oposições, até então apanágio exclusivo dos etnógrafos. Enfatiza também a necessidade de um método para que tal estudo possa ser empreendido [17].

No ano de 1934, mais uma vez Lucien Febvre volta-se para a América do Sul, num comentário da obra de André Siegfried, Amérique Latine[18]. Em seu artigo "Pour comprendre l´Amérique du Sud", Febvre enfatiza os contrastes que constituem este território desconhecido e a necessidade de uma investigação sistemática sobre o tema: "Nesta América do Sul, que durante muito tempo viveu na ignorância das

16. São eles: L´Amérique pré-colombienne et la conquête européenne, de Langlois; L´empire socialiste des Inka, de Louis Boudin; Deutschland und Amerika. Ein Ruckblick auf das Zeitalter der Entdeckungen, de Karl H. Panhorst; quatro artigos de André-E. Sayous, "Les changes d´Espagne sur l´Amérique au XVI siecle", "Observations d´écrivains du XVI siecle sur les changes et notamment sur l´influence de la disparité du pouvoir d´achat des monnaies", "Les procédés de paiement et la monnaie dans l´Amérique espagnole du XVI siecle, "La circulation des monnaies au Pérou pendant le XVI siecle"; finalmente a obra de Pierre Denis, Amérique du Sud.

17. "Sem que insistamos demais, a todos os pesquisadores curiosos para estudar um mundo ainda tão mal conhecido, vejam aí indicado um método e deve se impor uma formação" (p.278).

18. A obra de Siegfried é publicada em uma coleção intitulada "Choses d´Amérique", destinada a divulgar estudos sobre a América Latina. Constavam no catálogo da coleção, até aquele momento, Histoire de l´Amérique espagnole, de Hugo D. Barbagelata e L´initiation à la vie en Argentina, escrito por vários especialistas.

civilizações européias, a natureza e a história criaram para nós um campo precioso de experiências e comparações" [18].

Nos números subsequentes, a produção sobre a América do Sul continua a ser acompanhada, através de breves comentários, assinados preferencialmente por Lucien Febvre, mas contando também com a participação de P. Leuilliot (secretário de redação da revista) e Maurice Halbwachs, entre outros.

No ano de 1937, pela primeira vez o continente sul-americano desloca-se da seção de resenhas e passa a ocupar a seção de artigos, com um estudo de Henri Hauser intitulado "Un probleme d'influences: le saint-simonisme au Brésil" (tomo IX, p. 1). Neste mesmo número, Pierre Monbeig, professor da Universidade de São Paulo, assina um pequeno texto sobre as zonas pioneiras no estado [20]. Monbeig, na verdade, era colaborador da revista desde 1932 - momento em que lecionava em Caen -, quando estréia com um texto sobre as ilhas Baleares no século XVIII, divulgando o material por ele recolhido durante três estadas na Espanha, entre 1930 e 1931 (tomo IV, 1932, p. 538).

Em 1938, Fernand Braudel, professor na E.P.H.E., inicia sua colaboração na revista comentando o livro de Robert Ricard, Les jésuites au Brésil pendant la seconde moitié du XVI siecle (1549-1597). Monbeig nessa mesma época é assíduo

19. Tomo VI, p.394-396.

20. Neste artigo, Monbeig sublinha o interesse histórico da investigação geográfica, evocando a resenha de Febvre sobre Siegfried já citada.

colaborador da publicação é o mais frequente divulgador do Brasil em Annales, resenhando obras e artigos publicados sobre o país.

O ano de 1939 marca o início de uma nova fase da revista que passa a se chamar Annales d'histoire social. O último exemplar de 1938 que vem a público em 30/11, traz um editorial assinado por Febvre e Bloch, em que realizam um balanço da publicação até aquele momento. Os diretores sublinham a continuidade do projeto e a manutenção de um "espírito dos Annales" que se manteve (e se manterá) vivo a despeito de qualquer alteração [21].

O número inaugural de 1939 traz um longo comentário de Braudel - já integrante do comitê de redação da revista - sobre o Handbook of Latin American studies, organizado por Lewis Hanke. Aí, Braudel deixa de lado, as críticas pontuais e faz observações gerais sobre as diferentes pesquisas levadas a cabo neste "champs privilegié d'études", questionando o caráter localizado dos estudos. Afirma que a história da América Latina ainda está por ser feita, isto é, uma história global, que unifique as realidades parceladas sem suprimir as diferenças. Somente uma história do Atlântico poderia alinhavar as histórias individualizadas de cada um dos países que compõem a América do Sul (tomo I, 1939, p.74 e 75).

---

21. "Um espírito feito de atenção escrupulosa à exatidão, de curiosidade aberta às idéias e, sobretudo, de uma constante preocupação de ajuda mútua entre companheiros de ofício (p.481).

Durante o período que vai de 1939 a 1945, serão sobretudo Braudel e Monbeig os informantes da produção sobre o Brasil e a América do Sul na publicação. Não podemos nos esquecer, entretanto, que tal etapa corresponde à II Guerra Mundial, caracterizando-se como um momento difícil para a revista de Febvre e Bloch. A guerra é responsável pela morte do medievalista, em 1944. Desde 1942, Febvre havia alterado o título da publicação, que passou a ser conhecida como Mélanges d'histoire sociale, circulando com um formato diferente e com o volume bastante reduzido [22].

Com o fim da guerra, a revista sofre novas alterações, inaugura outra fase. Mais uma vez, Febvre celebra o seu reinício com um editorial que segue em linhas gerais os antecedentes, ao reafirmar a continuidade de um projeto, jamais interrompido ou alterado apesar das circunstâncias: "Não renunciaremos à fórmula dos Annales; nunca renunciaremos a ela. A revista quer conduzir os historiadores de vocação e de ofício a se interessarem ativamente - como historiadores - aos espetáculos do tempo presente. E, ao mesmo tempo, quer fazer interessar pelo passado os homens que, em qualquer ofício, trabalham para construir o edifício do seu tempo. Esta foi, desde 1939,

22. "Vejam que os Annales reaparecem. Os Annales, sem dúvida, não deixaram de aparecer. A cada ano, desde 1941, foram publicados seus dois fasciculos de artigos, suas notas críticas e opiniões livres. Mas a revista precisou, desde 1942, se chamar Mélanges para poder, graças a este título anódino, se caracterizar como uma publicação 'não periódica', evitando assim o rigor policial que todos as revistas conheceram..." (tomo I, 1942, p.1).

nossa ambição. Esta permanece, em 1945, nossa esperança" (p.2).

Em 1947, já conhecida como Annales (Economies, Sociétés, Civilisations) desde o ano anterior, Febvre assinala não ser mais possível o acompanhamento sistemático da produção internacional, o que foi sempre uma meta primordial da revista, devido ao crescimento espantoso de tal produção. Na América Latina e no Brasil, especificamente, diz ele, tal contato permanece ativo graças a elos permanentes: Caio Prado e Gilberto Freyre [23] (tomo II, n. 1, p. 2).

Nesta nova etapa da revista os comentadores da produção sobre o Brasil (estrangeira e brasileira) continuam a ser Monbeig e Braudel. Mas é neste período que se realiza um investimento mais sério sobre o continente sul americano,

---

23. As afinidades da obra de Gilberto Freyre com os Annales podem ser aferidas, entre outras formas, pela tradução francesa de Casa Grande e Senzala. Editada em 1952 pela coleção 'La croix du Sud', Gallimard, e traduzida por Roger Bastide, a obra tem como prefaciador Lucien Febvre. O texto de apresentação feito por Febvre intitula-se "Brésil, terre d'histoire" e desenvolve aspectos já levantados por ele em várias colaborações para os Annales: a riqueza oferecida pelo Brasil ao historiador, por ser uma terra imensa, cheia de contrastes e contradições. É curioso observar que Emile G. Léonard, professor na USP entre 1948 e 1950, escreve um artigo publicado na Revista de História, com o mesmo título: "Brasil, terra de história" (v.1, n.2, 1950), tocando em questões semelhantes.

Burke (1991) afirma o impacto causado pela obra de Gilberto Freyre no historiador francês: "A famosa trilogia sobre a história social do Brasil do historiador-sociólogo Gilberto Freyre (que conheceu Braudel nessa época), trabalha com tópicos como família, sexualidade, infância e cultura material, antecipando a nova história dos anos 70 e 80. A representação de Freyre da casa grande como um microcosmo e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata, impressiona Braudel que o citou em sua obra" (p.116).

com a publicação, em 1948, de um dossiê sobre a América Latina, apresentado por Febvre ("L'Amérique du Sud devant l'histoire") e onde colaboram P. Rivet, Robert Ricard, Roger Bastide, Roger Callois, Fernand Braudel, Marcel Bataillon e Pierre Chanu.

A apresentação de Febvre retoma, de certo modo, os pontos já expostos em seus comentários anteriores sobre a América do Sul: a necessidade de compreensão e do estudo sistemático dessa região ainda desconhecida e que interessa ao historiador pelo que possui de múltiplo, de diverso e de contraditório. Tal compreensão, entretanto, só poderá ser consumada no terreno da história: "Seguramente, não é a América Latina que nos levará a duvidar da utilidade e da necessidade da história; fora dela, este meio-continente não será jamais plenamente compreensível. Esta foi sempre, há aproximadamente 20 anos, a opinião dos Annales. E preciso lembrar, em nosso primeiro volume, em 1929, aquele artigo que eu intitulava 'Um campo privilegiado de história: a América do Sul'" (FEBVRE, 1948, p.391).

Este número especial dos Annales sobre a América Latina transformou-se, no ano seguinte, numa publicação à parte, passando a integrar a série de 'Cahiers des Annales', com o título "A travers les Amériques latines". Segundo Lucien Febvre, em balanço dos 20 anos dos Annales, em 1949, este número duplo sobre a América Latina contribuiu para que a revista fortalecesse seu sucesso, sua respeitabilidade, e

sobretudo sua "confiança internacional" (tomo IV, n.1, 1949, p.2).

A partir dos anos 50, Braudel e Monbeig permanecem os especialistas em América Latina da revista, mas são agora acompanhados por Pierre Chanu e Roger Bastide. O nome de Vitorino Magalhães Godinho é frequente neste momento assinando artigos sobre Portugal e sobre o mundo atlântico. Datam também deste período as primeiras (e raras) colaborações de brasileiros em Annales: Sérgio Buarque de Holanda publica um breve texto, "Au Brésil:les civilisations du miel" (tomo V, n.1, 1950, p. 78-81) e Maria Isaura Pereira de Queiróz um artigo mais longo, "Miracles au Brésil" (tomo XI, n. 3, 1956, p. 336).

Em 1956, com a morte de Lucien Febvre, Braudel assume a direção da revista e imprime uma série de modificações - inclusive de ordem formal - ao projeto anterior. Mas o curioso é que em seus primeiros editoriais - um de 1957, quando apresenta-se como o novo diretor da revista e outro de 1959, por ocasião dos trinta anos da revista - reafirme a continuidade do projeto de Febvre e Bloch e sua fidelidade a ele [24].

---

24. "Desde que Marc Bloch e Lucien Febvre nos deixaram, a casa que eles fundaram não pode mais se abrir a alegrias sem alterações. Nós precisamos, precisaremos tanto deles, dessa vocação de entusiasmo e de novidade que eles possuiam. E para mantê-la, em todo caso, que nós empenharemos nossa fidelidade que consistirá, de acordo com nossas forças, em seguir adiante. Braudel, "Les Annales ont trente ans (1929-1959)", Annales (Economies, Sociétés, Civilisations), tomo XIV, n.1, 1959, p.1.

A gestão de Braudel como diretor da revista (1956-1969) é sem dúvida uma nova etapa da publicação, atestam os comentadores, não apenas do ponto de vista 'formal' mas também no que diz respeito ao debate intelectual: a revista se internacionaliza ao incorporar falas estrangeiras, ampliando o escopo das questões discutidas. Além disso, é porta voz do que de mais importante se produzia no país na área, em termos de abertura de novas frentes de trabalho: em 1957, publica o artigo de Jean-Pierre Vernant "Mythe et raison chez les Graecs"; em 1959, o de Jacques Le Goff, "Le temps de l'Eglise et le temps du marchand"; em 60, o texto de François Furet sobre as "estruturas sociais da burguesia", isto sem falar no célebre artigo de Braudel, "Histoire et sciences sociales: la longue durée", publicado originalmente nas páginas de Annales, no ano de 58.

Mas haveria, de fato, uma linha americanista nos Annales, como sugere Martiniere? A princípio, parece que sim, já que do comitê de redação da revista fazem parte "americanistas históricos" como M. Halbwachs, Henri Hauser, Paul Rivet e Andre Siegfried. Mas estes nomes e os apelos veementes de Febvre em relação à América Latina não me parecem suficientes para a definição clara de uma linha de pesquisa americanista na revista, pelo menos em sua primeira fase. Em primeiro lugar, porque nas páginas dos Annales a América do Sul aparece, de modo geral, através de resenhas de livros, numa seção chamada 'Courrier du monde' onde se procurava acompanhar toda a produção internacional. Isto é,

ao lado dos comentários sobre o que se passava na Africa, Asia e em diversos paises europeus, comentava-se o continente sul-americano. O resultado de pesquisas inéditas sobre a região só aparece no momento em que integrantes das missões francesas no Brasil passam a colaborar: Hauser, Monbeig. Ainda assim, são colaborações entre outras, sem maior destaque. De fato, a grande investida em relação à América Latina foi o dossier de 1948, onde não apenas o Brasil mas também Argentina, Colombia, México, Chile e Venezuela são objeto de atenção.

No que diz respeito ao Brasil, serão Monbeig e Braudel os dois especialistas mais assíduos a colaborarem na revista. Com uma diferença: enquanto o geógrafo apresenta, sobretudo, o resultado de suas pesquisas, o historiador comenta a produção de terceiros. Diferença esclarecedora, que tem a ver com suas distintas experiências brasileiras, que deram origem a projetos igualmente diferentes.

A viagem de cada um

F. Braudel

"En tous cas, c'est au Bresil que je suis devenu ce que je suis aujourd'hui" - Une vie pour l'histoire

Ao examinarmos a trajetória de Fernand Braudel, somos tentados a pensar num itinerário marcado por sucessivos "exílios": "...passei minha vida fora do Hexágono. Estive na Africa do Norte, na América do Sul, na Itália, na Espanha e na Alemanha também, durante muito tempo..." (BRAUDEL, 1989, p. 131). A vinda para o Brasil, em 1935, poderia ser lida, então, como uma entre as muitas viagens empreendidas pelo historiador. E é desta maneira que o período brasileiro (1935-1937) parece, de fato, ser visto, já que é apenas mencionado nas recapitulações biográficas feitas sobre Braudel [25]. O que nos leva a desconfiar desta leitura apressada são os depoimentos do próprio Braudel, que afirma, invariavelmente, e para os mais diferentes interlocutores, terem sido os anos brasileiros, "os mais felizes de sua vida".

25. A este respeito, conferir o número 212 da revista Magazine littéraire (nov. 1984), que traz um longo dossiê sobre o historiador.

Simpatia sem maior importância? Nostalgia dos tempos de juventude? Não importa. O interessante é pensar que para além das razões de ordem mais subjetiva, há um fato que não deve ser esquecido: a etapa brasileira, ao lado da experiência africana, corresponderam ao período de formação do historiador, de idealização e amadurecimento de um projeto - escrito durante um outro 'exílio' e publicado bem depois - que foi a tese sobre o Mediterrâneo.

Após a conclusão do curso de história na Sorbonne, Braudel é admitido como professor no liceu de Constantine, Argélia, aos 21 anos. Um pouco depois, transfere-se para Argel, onde permanece até 1932. O período africano é interrompido apenas pelo serviço militar, 1925-26, quando aprende a falar alemão. Nessa época, escolhe seu tema de tese: "Pelo fato de estar em Argel, imaginei que um trabalho dedicado a Felipe II, Espanha e o Mediterrâneo poderia ser um tema aceitável para a tese. E de fato foi aceito na Sorbonne sem dificuldade" [26].

Uma vez eleito o tema, o próximo passo era começar o levantamento de dados, o que foi feito entre 1927 e 1933, nos arquivos de Simancas, onde Braudel fotografou tudo o que

26. "Personal testimony" in Journal of modern history, v. 44, n. 4, 1972, p. 451.

lhe interessava[27]. A sorte bateu duplamente na porta do jovem pesquisador, como ele mesmo afirma: primeiro com a máquina fotográfica, o que lhe permitia transportar os dados; depois, com o convite para dar aulas na universidade de São Paulo, "um paraíso para o trabalho e para a reflexão" (BRAUDEL, 1972, p. 452).

A tese sobre o Mediterrâneo foi, então, concebida e realizada durante três 'exílios' distintos: África, América do Sul e Alemanha, quando a obra é finalmente redigida. Mais do que simples etapas de execução do trabalho, os dois primeiros momentos representaram a concepção mesma do projeto, a descoberta do Mediterâneo e sua compreensão. Os deslocamentos no espaço (a geografia) permitiram ao historiador uma mudança de perspectiva. Sobre a África, diz ele: "Acredito que este espetáculo, o Mediterrâneo visto da margem oposta, teve um impacto considerável sobre a minha visão de história" [28]. Já no Brasil, "eu diria que fui particularmente feliz. Particularmente feliz porque tive que reaprender tudo. A história que me cercava, eu não a conhecia; a natureza que eu via, era preciso aprender a captá-la, conhecer o nome das plantas e depois ser

27. "... quando tentei comprar uma câmera comum (microfilme é uma invenção do pós-guerra), um cameraman americano ofereceu-me um aparato antigo destinado a fazer filmes e provou-me que aquilo faria maravilhas fotografando documentos. Causei admiração entre os arquivistas e *buscadores* de Simancas tirando de 2.000 a 3.000 fotos por dia e enrolando alguns trinta metros de filme. Usei e abusei disto na Espanha e na Itália" (Braudel, 1972, p. 452).

28. Ibidem idem, p. 450.

surpreendido (...). E na medida em que essa experiência foi importante para mim, não pense que eu teria escrito sobre o Mediterrâneo se não estivesse estado no Brasil (...). A nova história que defendi em O Mediterrâneo, de certa forma, a concebi, construí, sonhei quando estava no Brasil" (BRAUDEL, 1984).

Braudel vem, então, para o Brasil em 1935, com 33 anos, acompanhado pela mulher e por metros de filme. Substituía Emile Coornaert, que inaugurara a cadeira de 'história da civilização' no ano anterior. Como seus companheiros da "missão" francesa, desembarca em Santos: "Chegava-se a Santos de navio, isto é, havia-se passado no mar entre quinze e vinte e um dias, duas ou três semanas. E eu posso dizer que aquelas semanas eram deliciosas. Deliciosas porque havia tempo para refletir, para passear no convés, e a chegada a Santos - evidentemente para alguém que ainda não conhecia os países semitropicais, como aquela fachada marítima do Brasil - era uma surpresa fantástica. Subia-se pela cremalheira até a estação de São Paulo, e lá, eu os vejo ainda, os membros da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que estavam lá para me receber" (BRAUDEL, 1984).

A seguir, instala-se com a família numa "bela mansão na rua Padre João Manuel, nos Jardins, lindamente equipada, com criadagem, inclusive automóvel com *chauffer* e ainda com tudo mais" (FRANÇA, 1989, p. 6). Braudel, de fato, ocupa uma posição de prestigio entre os membros da missão francesa, sendo descrito pelos colegas como uma figura superior na

hierarquia: "Braudel era seguro de si, da diferença de idade, de sua posição mais elevada na hierarquia universitária (...) Nós sabíamos que ele já estava destinado ao ensino superior. Era mais velho, mais adiantado do que nós na sua carreira e na sua tese. Ele ainda não a tinha escrito, mas transportava consigo o material que usaria. Antes de alugar uma casa, precisou de mais um quarto de hotel para instalá-lo!" (LEVI-STRAUSS, 1990, p.35).

A diferença de Braudel em relação aos seus colegas não era tanto na idade mas na sua definição profissional. Ao contrário dos demais que apostavam na experiência brasileira para a obtenção de uma especialidade que lhes garantisse a inserção no sistema universitário francês, Braudel já havia tido sua 'iniciação' na Africa. O Brasil representava a possibilidade de ampliação de horizontes, de aprendizado e de reflexão sobre o material já levantado. Diz Maugué: "O único entre nós que não precisava fazer sua fortuna na Universidade era F. Braudel" (MAUGUE, 1982, p. 94). Ele próprio confirma: " Nós chegamos com a nossa formação (Lévi-Strauss era bem mais novo que eu, mas mesmo assim eu ainda estava na casa dos trinta), eu já havia me formado, já tinha passado pela minha primeira 'prova', digamos assim, como historiador..." (BRAUDEL, 1984).

Dos cursos ministrados pelo jovem Braudel em São Paulo restam informações suscintas e esparsas. Em avaliação da cadeira de 'história da civilização', Jean Gagé, seu substituto em 1938, relata o programa elaborado por ele e

seu antecessor. Para os alunos de primeiro ano, Braudel encarregava-se de um curso de iniciação sobre a história ibérica, das origens até as descobertas marítimas. Para o segundo ano, dava história medieval (das grandes invasões até as cruzadas) e "o mundo em 1900". Para o terceiro ano, era o responsável também por história medieval só que das cruzadas até a tomada de Constantinopla pelos turcos. Diz Gagé: "Sendo finalidade desta faculdade a difusão da cultura e a formação de pesquisadores e professores do ensino secundário, o Prof. Braudel imprimiu uma diretriz eminentemente prática, satisfazendo a primeira com os seus cursos e as demais com a direção de pesquisas históricas nos arquivos, de trabalhos de cartografia história e de paleografia, bem como de pequenas monografias, etc." (ANUARIO da FFCL, 1937-38, p.181).

A ênfase no ensino da história antiga é uma opção de Braudel para a cadeira de 'história da civilização': "Deliberadamente limitamos o ensino da história moderna que nas faculdades européias têm tendência de ser ampliado. Se assim procedemos foi porque o estudo dos tempos modernos é alcançado diretamente pelo ensino das cadeiras de História do Brasil e História da América. De outro lado, os estudantes já conhecem as linhas gerais da história dos tempos modernos. Daí a necessidade de nos consagrarmos às épocas longínquas" (BRAUDEL, 1935, p. 117).

A ajuda de um assistente brasileiro, E. Simões de Paula, a partir de 1937, permitiu uma comunicação mais fácil

com os alunos - já que Braudel não falava português - além de uma divisão do trabalho. Cabia ao assistente dirigir pesquisas históricas no Arquivo do Estado, com os alunos do primeiro e do segundo ano. "Quanto aos diplomados, o Prof. Braudel ministrou-lhes, em seminário, uma curso a que chamou de "Questões pedagógicas", destinado justamente àqueles que iam ser brevemente professores da matéria. Fez várias demonstrações de organização de cursos e fez com que cada aluno organizasse uma série de lições" (ANUARIO da FFCL, 1937-38, p. 181).

Os alunos brasileiros guardam na memória a imagem do professor: "Sempre elegante com seu casaco longo e, no bolso, à mostra, luvas de pelica", Braudel selecionava os alunos a quem dava as aulas e a estes dedicava grande atenção. "Poucos eram os que considerava seus alunos, aos quais acolhia em seu carro ou em sua casa, exercendo verdadeira tutela, aconselhando-os a cada passo com deliberada paternalidade (...). Foi o primeiro a nos falar de Henri Pirenne, de Lucien Febvre, de Marc Bloch, de Hauser, de Henri Berr. Da *Synthese Historique* (1900), dos *Annales* (1929)" (FRANÇA, 1989, p.6 e 8).

Sobre o aluno brasileiro de então, o professor francês observa: "...não é demais dizer alguma coisa sobre o estudante da cadeira de história, fixando-lhes os caracteres: os defeitos evidentes e as qualidades. No capítulo das qualidades, ponhamos desde já o desejo, a necessidade, a paixão de ver tudo do alto, de um pouco alto

demais até... um amor inteligente da terra brasileira e, especialmente, da terra paulista (...). Muitas sombras podem ser também, infelizmente, assinaladas. Falta aos estudantes paulistas, muitas vezes, uma cultura geral de base, sem a qual é dificil progredir com rapidez" (BRAUDEL, 1935, p.116-117)[29] .

Os três anos de Braudel no Brasil foram dedicados ao trabalho na Universidade, ao lazer ("Passar oito dias numa fazenda brasileira, especialmente a fazenda de Júlio de Mesquita, é viver de uma maneira prodigiosa, extraordinária" - BRAUDEL, 1984), à leitura do material trazido dos arquivos e às viagens à região mediterrânea no período das férias escolares [30]. O retorno à França, em fins de 1937, encerra com chave de ouro o período brasileiro, abrindo novas portas: "Quando eu finalmente deixava o Brasil, encontrei Lucien Febvre que retornava de uma série de conferências em

29. Para uma análise detalhada do perfil do estudante da FFCL, cf. Fernando Limongi, "Mentores e Clientela da Universidade de São Paulo" in Miceli,1989. O autor mostra como os depoimentos dos professores franceses sublinham a presença da "alta sociedade paulistana" no início dos cursos Segundo Braudel, por exemplo, no seu primeiro ano de aulas, podiam ser encontrados em sala, "...representantes do governador, amigos de Julio de Mesquita Filho, o dono do jornal *O Estado de S. Paulo,* e diversos Grã-finos que deixavam carrões estacionados na porta. Havia também intelectuais auto-didatas, como Paulo Prado, um homem de enorme finess e que possuía uma fantástica coleção de pinturas. Muitos vinham só para se distrair" (p.158).

30. "Passei três anos maravilhosos desta forma: no inverno, durante o período de minhas férias, eu estava no Mediterrâneo; o resto do ano, no Brasil, com descanso e fantásticas possibilidades de leitura. E assim li kilômetros de microfilme", F. Braudel, "Personal testimony", op. cit. p.453.

Buenos Aires. Aqueles vinte dias atravessando o oceano foram para Lucien Febvre, para minha mulher e para mim, vinte dias de conversas e risadas" (BRAUDEL, 1972, p.453).

Pierre Monbeig

Monbeig tinha exatamente a mesma idade que Lévi-Strauss quando chega ao Brasil no ano de 1935: 27 anos. 'Agregé' em história e geografia pela Universidade de Paris, o jovem geógrafo era professor num liceu em Caen, Normandia, quando recebe o convite de Georges Dumas, por indicação de Henri Hauser, para ocupar a cadeira de geografia física e humana na USP. Além das atividades docentes, Monbeig já havia tido uma primeira experiência de pesquisa na Espanha, quando passa um ano na Casa Velasquez, Madri, e decide-se por fazer uma tese sobre a geografia das ilhas Baleares.

O convite para integrar a missão francesa da USP era tentador pois representava a possibilidade de ingresso no ensino superior, com excelente remuneração: "Quando recebi a proposta do Brasil, aceitei pois disseram-me que o contrato era de apenas dois anos e que seria bem pago, o que me permitiria em seguida obter uma licença de um ano para levar a termo minha tese sobre as Baleares" (MONBEIG, 1984)[31]. As promessas do contratante francês não se confirmaram, evidentemente, mas mesmo assim o professor permanece: "Ao

31. A estes motivos, Monbeig acrescenta ainda outros dois: o fato de sua mulher (filha de Paul Janet, que havia estado no Brasil em 1925 com Dumas) conhecer e gostar do país e os atrativos que exerciam para um geógrafo na época conhecer a América do Sul.

chegar aqui, constatei que o contrato não era de dois mas de três anos. Mas para um jovem, um ano a mais ou a menos não faz diferença, e não liguei para isso. Depois verifiquei que, se o ordenado não era ruim, também não dava para economizar o suficiente para, ao fim do contrato, ficar um ano sem ganhar na França. Um elemento que me ajudou a ficar foi a guerra civil espanhola, começada em 36, o que tornou impossível a minha pesquisa" (MONBEIG, 1981, p. 253/4).

Da breve experiência espanhola resultaram os primeiros artigos de Monbeig. Nos Annales de Géographie foram publicados: "Les transformations économiques dans les 'huertas' et la région entre Alicante e Múrcia", 1931; "L'état actuel des migrations espagnoles", 1931; "Madrid", 1932 (em colaboração com P. Guinard) e "Quelques aspects de l'économie espagnole", 1934. Além de um artigo sobre as relações comerciais franco-espanholas editado no Bulletin de L'association de géographes français, 1932 e de dois outros publicados nos Annales d'Histoire économique et sociale (1932 e 1933), já citados.

Santos foi também a porta de entrada do substituto de Pierre Deffontaines. Ao chegar com sua mulher ao cais, o casal Lévi-Strauss os esperavam, assim como o filho do reitor da Universidade de São Paulo. Ao chegarem à cidade, foram levados para o melhor hotel da época, o *Terminus*, em plena quarta-feira de cinzas (MONBEIG, 1984). A adaptação do jovem casal à vida paulista foi relativamente rápida graças ao apoio do "Julinho" de Mesquita: "Ele foi o grande

protetor dos franceses (...). Iamos frequentemente ao Estado. Havia no jornal um porteiro, mulato bastante escuro, com os cabelos de um branco esplêndido. Assim que nos via, ele nos levava até o doutor Júlio. Lá se conversava, porém também se trabalhava. Desejo mencionar que Julinho ajudou-me em meu trabalho quando quis conhecer o terreno. Ele me proporcionava os meios de locomoção, recomendava-me a seus amigos fazendeiros, e uma tal recomendação abriu-me muitas portas" (MONBEIG, 1984).

Além da amizade com o "Julinho", o grupo de professores franceses se relacionava entre si, apesar das já sabidas desavenças com P. A. Bastide, que ambicionava ser uma espécie de "chefe da missão". Lévi-Strauss e Braudel, por sua vez, eram companhias frequentes do geógrafo: "Podia-se encontrar os professores franceses na hora do chá, no antigo Mappin, na praça Patriarca e mais tarde na Confeitaria Vienense, na Barão de Itapetiniga" (MONBEIG, 1984). A atividade social e ao lazer, somavam-se a rotina das aulas e o trabalho de pesquisa no período de férias escolares.

Apesar de ser um especialista em geografia humana e econômica, Monbeig deveria também introduzir os alunos nos ensinamentos da geografia física, já que havia uma única cadeira de geografia na faculdade recém-criada. Mas, de fato, a ênfase dos programas tanto de Monbeig como de Pierre

Deffontaines não foi na geografia física[32]. Daí a reclamação do jovem professor, já no final de 1935, no sentido de separar as cadeiras [33].

Um ponto crucial na orientação didática fornecida por Monbeig aos seus alunos era o estudo sobre o terreno, a 'excursão'. O ensino da geografia, diz ele, "deve ser completado pelo estudo prático, pelo estudo da realidade sobre o terreno..." (MONBEIG, 1935, p.111). E diversas 'excursões' foram organizadas por Monbeig e seus alunos, em geral, aos domingos, quando se tratavam de visitas breves. No ano de 36, as principais foram: subida ao pico do Jaraguá, visita aos trabalhos de construção da linha Mairinque-Santos e aos trabalhos da Cia. Light and Power.

O trabalho prático dos alunos era complementado com exercícios, como, por exemplo, duas vezes por mês cada uma das turmas de primeiro ano deveria fazer leitura de cartas topográficas, assim como monografias sobre regiões específicas: "É assim que os alunos do segundo ano estudaram a região de Piracicaba e o Alto da Serra do Este (Paraibuna, São Luiz do Paraitinga e Cunha)" (ANUARIO DA FFCL, 1936, p.256).

---

32. O único curso oferecido sobre o assunto, de que se tem notícia, é um curso de 'Bigeografia', comum aos três anos, onde Monbeig iniciava uma discussão sobre os vegetais, os animais e o meio geográfico, propriamente dito - fatores atmosféricos e fisiográficos. Ele dizia fazer aí uma "sociologia dos vegetais e dos animais". ver Anuário da FFCL, 1936, p. 252.

33. Ver "Orientação didática", de Pierre Monbeig, Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935, p.105-121.

Os cursos oferecidos por Monbeig em seus primeiros anos na USP revelam sua filiação à escola geográfica francesa de Vidal de La Blache e sua dívida para com os historiadores. Assim, seu programa do curso básico em geografia humana, tem como bibliografia obrigatória Les principes de géographie humaine e os volumes da Geografia Universal de Vidal de La Blache, além de La terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire, de Lucien Febvre.

Seu outro curso intitulado "As vias de comunicação", oferecido para os alunos do último ano, confirmam as afinidades de Monbeig com os ensinamentos de Lucien Febvre e as preocupações com a história econômica. O curso tinha como tema central a importância das vias de comunicação como fenômeno geográfico, discutindo os centros de vida marítima, o lugar do Mediterrâneo na história das relações marítimas e a história dos grandes portos. Como bibliografia, mais uma vez, os volumes de Vidal de La Blache e Lucien Febvre já mencionados.

Evidentemente não é necessário consultar os programas de curso de Monbeig para ter acesso à sua concepção de geografia e do trabalho do geógrafo, como tarefa interdisciplinar e devedora da indagação histórico-sociológica. Sua obra - dos primeiros artigos aos estudos de maturidade - revela claramente tal postura. Num artigo escrito nos anos 40, por exemplo, ele afirma: "O ideal seria constituir uma equipe de pesquisadores que pusessem em ação processos de inquérito diferentes e com pontos de vistas

distintos, mas aparentados. Esperamos que nas faculdades brasileiras (...) caiam as cortinas de ferro que isolam geógrafos, sociólogos, historiadores e economistas" (MONBEIG, 1957, p. 69).

Neste mesmo artigo, enfatiza a necessidade de compreensão do homem e da história para o estudioso da geografia em geral, e da urbana em particular, chegando a formular a importância de uma geografia cultural e mesmo das mentalidades para todo aquele interesado no estudo das cidades: "E destas geografias sociais tão diferentes não resultariam mentalidades diferentes?" (MONBEIG, 1957, p. 73).

Desde o seu primeiro ano na USP, Monbeig começa a pesquisar e escrever sobre o Brasil, em geral, e sobre o estado de São Paulo, em particular. Em 35, publica seus primeiros artigos no veículo de divulgação da 'Associação dos Geógrafos Brasileiros' a propósito das regiões áridas sul-americanas e da zona pioneira do Norte do Paraná. No ano seguinte, colabora no mesmo orgão com dois artigos; um sobre a indústria metalúrgica em Minas Gerais e outro sobre o problema do esgotamento das riquezas. O ano de 37 marca sua estréia nas publicações francesas como um especialista em Brasil. Além do artigo nos Annales, já citado, o geógrafo escreve dois outros para os Annales de Géographie ("Une nouvelle liaison entre Santos et São Paulo" e "La population de l'Etat de São Paulo, Bresil") e um terceiro para o Bulletin de l'Association des Géographes Francais ("Les

voies de communication dans l'Etat de São Paulo"). E também em 1937 que Monbeig propõe seu tema de tese para Albert Demangeon, sobre as zonas pioneiras de São Paulo, aprovado já no ano seguinte.

A obra brasileira de Monbeig corresponde, de fato, ao grosso de sua produção. Além dos inúmeros artigos publicados no Brasil e na França, o geógrafo publicou seus livros mais importantes sobre o país onde permaneceu onze anos: Pionniers et planteurs dans l'état de São Paulo (tese), 1952; Le Brésil (na coleção 'Que sais-je?'), 1954; Ensaios de geografia humana brasileira, 1940 e Novos estudos de geografia humana brasileira, 1957.

O trabalho sobre as zonas pioneiras, talvez sua obra mais importante, ilustra, antes de mais nada, o pioneirismo do jovem pesquisador diante da falta de documentação cartográfica e de fontes estatísticas incompletas. Isso sem mencionar as agruras do 'campo': " Está longe de ser fácil o trabalho do geógrafo nas zonas pioneiras do Brasil. Sem desprezar as dificuldades materiais, a grande distância entre a cidade de São Paulo e as regiões novas, as deficiências da circulação, a impossibilidade de viajar durante a estação das chuvas que corresponde à das férias universitárias, há outras que não enfrentam no mesmo grau os geógrafos acostumados a trabalhos nos países velhos" (MONBEIG, 1984, p.18).

Por outro lado, o cenário virgem e em contínua transformação fascinava o geógrafo, que mal concluía o

trabalho e já era historiador: "Tão rápidas são as transformações que tudo que se possa escrever a respeito entra logo na história" (MONBEIG, 1984, p.19). Se a "marcha para o Oeste" seria o exemplo claro da transformação do espaço pois se tratavam de zonas cujo povoamento estava em curso, esta poderia também ser observada nas cidades já constituídas. No estudo publicado em 53, "la croissance de la ville de São Paulo", pode-se perceber o impacto do pesquisador europeu diante da velocidade das transformações da cidade [34].

A farta bibliografia de Monbeig sobre o Brasil não surpreende já que a permanêcia "forçada" no país, em virtude da eclosão da guerra, fez com que ele se debruçasse sobre o cenário que o rodeava, escrevendo e pesquisando. Foi também colaborador assíduo dos jornais 'O Estado de S. Paulo' e 'Correio Paulistano' e membro atuante das instituições e associações cientificas da época como, por exemplo, da 'Sociedade de Etnografia e Folclore' e da 'Associação dos Geógrafos Brasileiros'.

Quando retorna à França, em 1946, para dar aulas na Universidade de Strasbourg, leva o Brasil na bagagem: o país será seu eterno objeto de preocupação e estudo. Sua inserção no sistema universitário francês deu-se através desta

34. Um comentário sobre esta pesquisa de Monbeig, bem como um balanço de sua produção, pode ser encontrado no artigo de Maria Isaura Pereira de Queiróz, "Pierre Monbeig e a pesquisa geográfica no Brasil: a atualidade de sua contribuição" in Ciência e Cultura, 40 (12), 1988, p. 1180-1185.

habilitação profissional: tornou-se especialista em assuntos brasileiros. Como tal atuou institucionalmente: primeiro, pela continuidade do 'Institut des Hautes Etudes Brésiliennes', criado nos anos 30; depois, já professor na universidade de Paris, como diretor do 'Institut des Hautes Etudes d'Amérique Latine', durante um longo período.

Duas trajetórias, duas disciplinas, dois brasis

No registro exclusivo da história das idéias, parece perfeitamente plausível falar de Braudel e de sua obra como historiador sem nenhuma referência ao período brasileiro. Afinal, de sua pena não saiu uma linha sequer sobre o país! Quando se trata de Monbeig, ao contrário, torna-se impossível separar sua atividade e produção da experiência brasileira. Os diferentes tempos de permanência no país, evidentemente, determinaram o lugar ocupado pelo Brasil nas distintas trajetórias.

Os três anos que Braudel passou entre nós não foram suficientes para que se estabelecesse um vínculo mais estreito com a Universidade e com a sociedade brasileira. Por outro lado, a permanência no Brasil, ainda que breve, teve um papel decisivo na formação do historiador, como ele mesmo não se cansa de repetir. Se o Brasil não consta na bibliografia braudeliana, ele aparece com destaque em todos

os seus depoimentos e recapitulações autobiográficas[35]. Além disso, a atuação de Braudel nos Annales dos anos 30, 40 e 50 principalmente, como pudemos observar, esteve bastante vinculada ao Brasil e à América Latina: ele foi um comentador cuidadoso da produção sobre a região sul americana e brasileira[36] .

E possível dizer que mesmo fora do Brasil o historiador esteve presente, não só através do exame da produção brasileira e estrangeira sobre o Brasil, mas também porque manteve laços com a Universidade indicando professores, ao lado de Febvre (Emile Léonard, por exemplo), e orientando trabalhos sobre o "mundo atlântico" (entre outros, as teses de Vitorino M. Godinho e a de F. Mauro), sua preocupação

---

35. Isso sem mencionar as vezes em que o período brasileiro se "intromete" em vários de seus textos. Por exemplo, na Lição Inaugural no College de France (1950): "A vida, a história do mundo, todas as histórias particulares se nos apresentam sob a forma de uma série de eventos: entendam atos sempre dramáticos e breves. (...). Guardei a lembrança, uma noite perto da Bahia, de ter sido envolvido por um fogo de artifício de pirilampos fosforecentes; suas luzes pálidas reluziam, se extinguiam, brilhavam de novo, sem romper a noite com verdadeiras claridades". F. Braudel, "Posições da história em 1950" in Escritos sobre a história, São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 23. O grifo é meu.

36. Algumas resenhas eram verdadeiros artigos e como tal foram republicadas. Por exemplo, o comentário do livro de Marvin Harris, Town and country in Brazil (Annales, n. 2, 1956) "transformou-se" em ensaio e com o título "No Brasil baiano: o presente explica o passado" foi reeditado em Escritos sobre a história (tradução brasileira da editora Perspectiva, 1978).

desde a resenha do Handbook of latin american studies, anteriormente citada [37].

Monbeig, por sua vez, ao permanecer onze anos em território brasileiro, estabelece laços de natureza diferente com o país, pois pode acompanhar de perto a primeira geração de geógrafos titulados pela Universidade. Portanto, o geógrafo formou e se formou, pois a partir da experiência brasileira construiu uma obra e uma carreira. Seu colega de 'missão', Jean Maugué (ressentimentos à parte) exprime com clareza a idéia de que o Brasil representava um trunfo para os jovens professores franceses: "A maior parte de meus colegas soube extrair do Brasil riquezas ainda mais decisivas (...). Quanto ao geógrafo Monbeig, casado com a filha do matemático Janet, membro do Instituto, e com o qual Lévi-Strauss se ligou muito mais do que a mim, pode igualmente levar do Brasil seu estudo das zonas pioneiras. Assim, especialistas de um saber inédito, cuja objetividade científica os protegia de qualquer tipo de contestação, meus colegas indo para o Brasil preparavam o melhor retorno para a França. Eles tinham o "fabuloso metal" (MAUGUE, 1982, p.94)

Mas se ao partirem os professores franceses levaram riquezas, ao chegarem trouxeram fórmulas preciosas,

37. "A influência de Braudel sobre algumas gerações de estudantes e pesquisadores também deve ser levada em conta. Pierre Chaunu, por exemplo, descreve como as conferências de Braudel sobre a história da América Latina, feitas logo após o seu retorno à França depois da Guerra, produziram-lhe um "choque" intelectual que detereminou sua carreira histórica" (Burke, 1991, p. 57).

ansiosamente esperadas pelos contratantes locais: bibliografia atualizada, métodos e técnicas de pesquisa, em suma, tratou-se da importação de 'saberes' e 'fazeres'. E certo que a 'aclimatação' de orientações teóricas bem como de seus 'veículos' - os professores - deu-se de modo diferenciado, causando impactos distintos nas diversas disciplinas. Braudel, por exemplo, propicia aos historiadores em formação a descoberta de um método, de uma nova perspectiva analítica. Monbeig, embora munido de uma orientação teórica, representou mais evidentemente o início da pesquisa geográfica em nosso território: apresentou o Brasil e suas paisagens aos brasileiros.

No momento da chegada dos professores franceses, é preciso lembrar, as disciplinas encontravam-se em estágios de desenvolvimento diferentes. A reflexão geográfica era incipiente, resumida a poucos nomes e a pesquisa, praticamente inexistente. Em um balanço sobre a situação dos estudos geográficos no Brasil, feito para o Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, Monbeig enfatiza a dificuldade de empreender tal tarefa diante da escassez de trabalhos estritamente geográficos no país. A maior parte da bibliografia, diz ele, era composta pela contribuição de naturalistas, viajantes, historiadores e etnógrafos. Nada que tenha sido produzido por um geógrafo (MONBEIG, 1949, p.325). Além das obras gerais clássicas, de autoria de estrangeiros (Pierre Denis, Vidal de La Blache, Roy Nash etc) e da Geografia Humana do Brasil, escrita por Pierre

Deffontaines, no que diz respeito à produção nacional, o estudioso encontra em destaque o nome de Delgado de Carvalho: "Ainda atualmente Delgado de Carvalho está à testa do movimento geográfico de seu pais" (p.326). Nesse sentido, Monbeig, além de formar uma geração de geógrafos, ajudou a constituir uma geografia brasileira.

O caso da história é bastante diferente. No momento em que a Universidade é criada, há uma sólida tradição de estudos históricos no pais. Tomando o século XIX como referência, pois em 1839 foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que ocasionou o desenvolvimento mais evidente das pesquisas, é possivel identificar uma série de obras dedicadas à história brasileira. Além da fundamental contribuição estrangeira, dada por um Robert Southey e por um Martius, é possivel lembrar os nomes de Rocha Pita (História da América portuguesa, 1660-1738), o de Varhangen (História geral do Brasil), o de Capistrano de Abreu (Capítulos de história colonial e Caminhos antigos e povoamento do Brasil), além de Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Pandiá Calógeras, entre muitos outros [38]. Além dos trabalhos de história nacional, é preciso lembrar, desenvolveram-se diversos estudos locais[39].

---

38. A desproporção entre a abundância dos estudos históricos e a escassez dos trabalhos geográficos pode ser aferida pela comparação entre os capítulos dedicados à história e a geografia no já mencionado Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros (1949).

39. Vide Glénisson (1961, p.269-270).

Estas levas de estudos produzidos nos Institutos Históricos e Geográficos espalhados pelo país estavam, em geral, comprometidos com o desvendamento do processo de gênese da nação e, logo, preocupados com a questão das raças e da formação do povo brasileiro. Fazia-se, sobretudo, história política, onde se louvavam os vultos do passado, principalmente através de biografias de intenções de ordem patriótica. As revistas dos institutos dão o tom dominante da produção: - uma maioria de artigos de história (os de geografia eram em menor número) sobre o passado colonial e sobre a nação como um todo - escritos em tom épico e nacionalista -; trabalhos sobre história política e sobre os bandeirantes (no caso de São Paulo), além de inúmeras biografias [40].

A significativa produção de estudos históricos no país pode ser verificada também pelo mercado editorial brasileiro do período. Nos anos 30, 40 e 50, momento em que a Universidade é criada e começa a produzir seus primeiros frutos, o que se publica nas coleções Brasiliana, Documentos Brasileiros e Biblioteca Histórica Brasileira são, sobretudo, análises de tipo historiográfico, ao lado das biografias, memórias e relatos de viajantes e cronistas. Entre os autores mais publicados do período encontram-se os

40. Sobre a produção do século XIX e os Institutos, consultar entre outros, Jean Glénisson (1961), Lilia Schwarcz (1989), Manuel Guimarães (1988).

historiadores: Pedro Calmon, Alfredo Ellis Jr., Pandiá Calógeras [41].

Os diferentes cenários, sinteticamente esboçados, direcionaram as influências de Braudel e Monbeig em sentidos diversos: "Por influência do Braudel - talvez mais do que qualquer outro - ficou aquela impressão da necessidade de atualização da história brasileira; tivemos consciência de que estávamos escrevendo uma história ultrapassada, uma história do século XIX, que é aquela dos fatos. Ele nos deixou a idéia de que precisávamos pensar em termos de uma pesquisa mais metódica, disciplinada, apresentando uma série de programas que para nós não existiam: a história quantitativa, a das religiões, etc. (...) A geografia, por sua vez, teve um progresso talvez ainda maior já que foram os franceses os criadores de uma geografia do Brasil" [42].

Se o argumento é correto, é interessante pensar que apesar da presença francesa ter sido decisiva na constituição de uma geografia do Brasil, o trânsito de professores franceses para as cadeiras de geografia foi muito menos intenso do que para a história, que continuou a receber grandes levas de professores nos anos 50, 60 e 70. Talvez porque a situação da geografia como disciplina, na França pelo menos, nunca mais retomou o folêgo e o prestígio obtido por La Blache e seu grupo. A história francesa, ao contrário, teve um desenvolvimento extraordinário, que

41. Sobre as coleções citadas cf. Heloisa Pontes (1989).

42. Entrevista do prof. Eduardo França à autora, 1989.

ultrapassou os muros da academia atingindo em cheio o mercado editorial, a mídia, o grande público [43].

Para lançar algumas pistas sobre as ressonâncias do grupo dos Annales na USP, é preciso considerar, antes de mais nada, a divisão das cadeiras, as cátedras. Quando a FFCL é criada em 1934, ela estava dividida em três seções: a primeira era dedicada à Filosofia; a segunda correspondia às Ciências e a terceira, era constituída pelas Letras. A segunda seção tinha como quinta subseção, a geografia e a história, composta por cinco cadeiras: geografia física e humana, história da civilização, história da civilização americana, história da civilização brasileira e etnografia brasileira e língua tupi-guarani. As cadeiras de geografia e história da civilização são ocupadas já em 1934, respectivamente, por Pierre Deffontaines e Emile Coornaert. Em 1935, é contratado Afonso de Escragnole Taunay para história da civilização brasileira e, em 1936, Paul V. Shaw, da Universidade de Columbia, vem ocupar a cadeira de história da civilização americana. O responsável por etnografia brasileira era Plínio Ayrosa. Das cinco cadeiras, então, somente duas foram ocupadas por franceses.

Em 1939, uma primeira alteração ocorre na divisão original. A cadeira de história da civilização se divide em moderna e contemporânea (ocupada, nesta época, por Jean

---

43. Sobre o sucesso dos estudos históricos na França e sua penetração na sociedade, ver François Dosse, "Os herdeiros divididos" in Ler Braudel, Campinas, Papirus, 1989, p. 161-174.

Gagé) e antiga e medieval (sob a responsabilidade de Eurípedes S. de Paula). A cadeira de geografia, por sua vez, também se divide. Desde 1937 houve uma divisão informal quando aqui esteve Emmanuel de Martonne lecionando geografia física, ficando Monbeig encarregado pela geografia humana. Em 39, a divisão se formaliza: João Dias da Silveira é o responsável pelo ensino da parte física enquanto a Monbeig cabe a geografia humana. Em 1942, é criada a cadeira de geografia brasileira, tendo como professor interino Aroldo de Azevedo (catedrático em 1945).

A sucessão nas duas cadeiras a cargo de professores franceses pode ser assim resumida: em 1935, F. Braudel substitui Coornaert; em 38, Gagé sucede Braudel; em 45, diante do retorno de Gagé à França, sua assistente brasileira Olga Pantaleão se responsabiliza pela cadeira até 1947, quando Braudel volta a USP como professor visitante, e divide o ano letivo com Eduardo França (até então assistente de Eurípedes S. de Paula na cadeira de história antiga e medieval). Após a saída de Emile G. Léonard em 1949, o professor França passa a ocupar a cadeira, da qual se tornará catedrático em 1950 (Eurípedes passa a catedrático da outra cadeira em 1946).

A geografia, a partir dos anos 40, desdobra-se em três cadeiras. Na de geografia humana permanece Monbeig até 1946, sendo substituído por Roger Dion (1947) e Pierre Gouru (1948). Em 50, Ary França se tornará o catedrático da cadeira. As outras duas ficam a cargo de brasileiros desde

o início: João Dias da Silveira passa a ser o catedrático de geografia física em 1950 e Aroldo de Azevedo, o de geografia do Brasil em 1945.

Isso quer dizer que, se na geografia Monbeig foi durante um bom período, o único responsável pela matéria, na história, os franceses se localizaram, primeiro, na cadeira de história da civilização e, depois, na de história da civilização moderna e contemporânea. Enquanto a geografia brasileira ficou a cargo de Monbeig até os anos 40, o ensino de história do Brasil manteve-se ao abrigo dos estrangeiros. Afonso Taunay, também diretor do Museu Paulista, ocupou a cadeira até 1939 quando foi substituído por Alfredo Ellis Jr., que se torna catedrático naquele mesmo ano.

O ensino de história do Brasil na USP, portanto, não apenas manteve-se afastado do acento francês, como permaneceu, de certo modo, comprometido com o modelo de história praticada desde o século XIX nos Institutos Históricos e Geográficos. Afonso de E. Taunay, por exemplo, possuía o perfil característico do intelectual do final do século. Formado em engenharia pela Escola Politécnica do RJ em 1900, onde se tornará professor em 1904 e catedrático em física experimental em 1910, Taunay é nomeado em 17 para o Museu Paulista. Além do cargo de diretor do Museu, era membro das instituições prestigiosas do período: Academia Brasileira e Paulista de Letras e Institutos Históricos e Geográficos. Sua obra atesta o seu pertencimento a uma categoria de intelectual, tão cara ao século XIX, que

transita entre as letras (crítica e ficção), a ciência, a história e a política. Taunay escreveu um romance, 15 obras de história do Brasil (entre elas, Grandes vultos da indústria brasileira, No Brasil Imperial, História do café no Brasil colonial), 9 volumes sobre a história de São Paulo (Na era das bandeiras, História geral das bandeiras paulistas, por exemplo), 2 biografias sobre Bartolomeu de Gusmão, 8 títulos sobre a história da cidade de São Paulo, além de traduções, obras sobre letras e artes no Brasil, linguística e assuntos científicos.

Seu substituto em 1939, Alfredo Ellis Jr., embora vinte anos mais jovem que seu antecessor (nasceu em 1896), tem trajetória semelhante. Formado em direito em São Paulo, em 1917, foi advogado, romancista, contista e historiador. Além disso, era membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto histórico e Geográfico de São Paulo, e também deputado estadual em 25 e em 34. Entre os livros de sua autoria, encontram-se biografias de ilustres figuras (Amador Bueno, seu tempo, Um parlamentar paulista da República, Feijó e sua época) e a história paulista das bandeiras (Meio século de bandeirantismo).

O impacto das novas abordagens historiográficas trazidas pelos professores franceses foi amortecido, de certa forma, pelo estudo da história do Brasil, que permaneceu ligado ao modelo de história feito no país antes da criação da Universidade. Um rápido passar de olhos pelas primeiras teses de história defendidas na USP é suficiente

para confirmar tal hipótese. Se algum ar dos *Annales* pode ser sentido nas preocupações com a história econômica (por exemplo, na tese de Alice Canabrava, "O comércio português no Rio da Prata de 1580 a 1640", de 1942) e nos trabalhos de Eduardo d'Oliveira França sobre o poder real em Portugal e as origens do absolutismo (tese defendida em 1945) e, principalmente, no estudo sobre o barroco português (Portugal na época da restauração, 1951) [44], as demais passam ao largo dessa influência [45].

Eurípedes S. de Paula, assistente de Braudel, assumiu o papel de porta-voz do grupo dos Annales, ainda que em seus trabalhos tal débito intelectual não apareça. De qualquer

---

44. Sérgio B. de Holanda, no artigo "Notas sobre o barroco" (publicado em Tentativas de mitologia, 1979) comenta o prefácio de Antonio Sérgio às Obras escolhidas de Antonio Vieira e a tese do professor França, apresentada no concurso para a cadeira de história da civilização moderna e contemporânea em 1951. Retomando a tese anterior do professor da USP sobre as origens do absolutismo lusitano, diz o comentador: "Assim como naquela obra ele relacionara a revolução portuguesa de 1383-85 e suas consequências políticas à ascensão das camadas burguesas e populares, por um lado, e, por outro, à "recepção" do Direito Romano, desta vez tenta estudar a revolução portuguesa situando-a expressamente sob a égide do "barroco".

Nessa demanda de harmonia que em cada época parece presidir espontaneamente as condições materiais, condições técnicas, condições espirituais - revela-se um dos aspectos do constante interesse que lhe merecem os ensinamentos dos seus mestres: os historiadores franceses agrupados em torno dos *Annales*. Um destes, Lucien Febvre, escreveu certa vez que há simplesmente História *tout court*. E Oliveira França observa, por sua vez, no prefácio a este livro, que o homem é o ponto de partida, não a economia de seu tempo" (p.162).

45. Vide, por exemplo, o doutorado de Eurípedes S. de Paula "O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev" (1942), o de José Quirino Ribeiro, "A memória de Martim Francisco sobre a reforma dos estudos na capitania de São Paulo" (1943), ou o de Pedro Moacyr Campos, "Alguns aspectos da Germânia antiga através dos autores clássicos".

modo, o catedrático da cadeira de história antiga e medieval, ao fundar a Revista de História, em 1950, por exemplo, não cansou de proclamar a sua inspiração no modelo dos Annales. Não que esta marca não se note, principalmente através da assídua colaboração francesa na publicação. Mas, ao lado dos historiadores franceses, comparecem os representantes da clássica historiografia brasileira, sobretudo em seções como a de "Numismática". Nesse sentido, a revista é expressão das distintas orientações presentes nas cadeiras de história da USP: ao lado dos franceses e dos Annales, a história política, as biografias e os bandeirantes.

A marca francesa da publicação pode ser sentida desde o primeiro número, na conferência de Lucien Febvre (em 2/9/49) intitulada "O homem no século XVI", onde os primeiros parágrafos são dedicados à "fecundidade da comunhão entre França e Brasil", a que nos referimos anteriormente. A medida em que caminhamos entre volumes e anos, é possível perceber que o texto inaugural de Febvre não está ali por acaso. O diálogo intenso (e extenso) da revista com a França e seus historiadores é uma realidade.

Até os anos 60, a publicação conta com uma maciça colaboração de franceses: L. Febvre, C. Morazé, R. Dion, Emile G. Léonard, E. Coornaert, F. P. Braudel, Philippe Wolff, Jean Gagé, Jean Glénisson, Fréderic Mauro, etc. Tais colaboradores são, ou foram, todos - com exceção de Lucien

Febvre - integrantes da missão francesa na USP, a partir dos anos 30.

Os artigos - escritos exclusivamente para a revista ou traduzidos por ela - não refletem o peso exato da marca francesa na publicação. Nas seções de resenha e de "crítica bibliográfica" fica evidente o volume de obras francesas comentadas. A seção "Noticiário", por sua vez, permite acompanhar as trajetórias dos membros da missão francesa da USP: a revista segue passo a passo as carreiras e as publicações de Gagé, Braudel, Coornaert, Glénisson, Léonard, Morazé, entre outros. Lendo-a, foi possível avaliar como a missão francesa contratada para inaugurar as atividades docentes na USP continuou durante muitos anos, no caso da história, a manter um trânsito vivo com o Brasil, seja através de publicações, seja pela vinda de professores e conferencistas, mesmo a partir dos anos 60, época em que os americanos (os brasilianistas) entram em cena de modo mais efetivo.

Um artigo de F. Mauro publicado em Annales e reproduzido na Revista de História, 15 (32), 1957, "Au Brésil: La Revista de História" revela a inspiração francesa da revista da USP. É como se a publicação paulista fosse a versão brasileira de Annales (imagem, aliás, que seu diretor faz questão de reforçar).

O esforço de Eurípedes S. de Paula e de sua revista no sentido de se proclamarem herdeiros dos Annales, como vimos, não devem sobredimensionar o impacto do grupo dos Annales

entre nós. Além da cadeira de história da civilização brasileira ter garantido a presença da história que se fazia nos Institutos Históricos e Geográficos, dentro da Universidade, orientações concorrentes, trazidas de fora dos muros universitários - o marxismo - também marcaram a produção historiográfica, na USP e fora dela.

O representante mais importante desta perspectiva entre nós, responsável por sua influência na historiografia e nas ciências sociais como um todo, foi, sem dúvida, Caio Prado Jr. O marxismo "chega ao Brasil tímida e canhestramente, projeção mais de um ideário político que científico. Este só se notará a contar da década de trinta e tem em Caio Prado sua expressão mais nobre" (IGLESIAS, 1982, p.11).

Sem pretender avaliar o impacto do marxismo nas ciências sociais brasileiras - o que mereceria um trabalho à parte -, gostaria de abrir um parentêsis para duas observações a respeito do assunto. Se a obra de Caio Prado Jr. nasce clássica e tem forte penetração na produção em ciências sociais, de modo geral (sobretudo a partir da década de 60), nos primeiros trabalhos feitos na USP, isto é, nas teses defendidas pelas primeiras turmas, ele está ausente [46]. Nas pesquisas de história (e geografia) econômica, talvez possam ser pinçados alguns vestígios de marxismo, mas, se assim for, isto se deve mais a uma certa

46. Na subseção 'geografia e história', formaram-se, em 36: Rozendo Sampaio Garcia, Astrogildo Rodrigues de Mello, Eurípedes S. de Paula e João Dias da Silveira. Da turma de 37, destacam-se: Alice P. Canabrava e Eduardo França. Da de 38, Ary França e Olga Pantaleão.

confusão reinante entre economia e materialismo do que a afinidades teóricas.

Só para encerrar o parentêsis, gostaria apenas de lembrar que qualquer possível influência marxista não chegou pelas mãos dos professores franceses. Como se sabe, as relações entre os Annales e o marxismo é delicada. Longe de ser uma orientação seguida pelo grupo, não podemos dizer, porém, que estivesse ausente. Basta lembrarmos a obra de Ernest Labrousse (Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIII siecle, 1933 e La crise de l'economie française à la fin de l'Ancien Regime et au début de la Revolution, 1944) e sua reconhecida importância pelo grupo dos Annales [47]. De qualquer modo, o diálogo mais estreito com o marxismo deu-se a partir dos anos 60 : "O papel do marxismo nos *Annales* foi inexistente no começo. Não há vestigios de marxismo em Marc Bloch em em Febvre, nem mesmo vestígios de que eles tenham lido Marx seriamente. O que foi importante no começo dos *Annales* foi a geografia, o determinismo geográfico, os inicios da sociologia, com Durkheim, Halbwachs, Mauss, e da economia estatistica, com Simiand (...). São fontes essencialmente francesas, porque

47. "Dois anos mais velho que Braudel, Labrousse foi extremamente influente na historiiografia por mais de cinquenta anos. Em razão de sua influência sobre os historiadores mais jovens, dos quais, em muitos casos, foi o orientador de tese, pode-se dizer que ocupou um lugar central nos *Annales*. Em outro sentido, porém, ele pode ser tido como marginal ao grupo. Lecionava na Sorbonne; seu foco de interesse era a Revolução Francesa, o evento por excelência, e o que era mais importante, tratava-se de um marxista". Burke, 1991, p. 67.

viviamos ainda num mundo muito protecionisrta do ponto de vista cultural. Foi realmente Marc Bloch qeum mais se abriu para o exterior, quem mais teve curiosidade sobre os ingleses e os alemães, embcra com uma visão não muito metodológica (...). Penso que o encontro dos *annales* com o marxismo é mais tardio, ocorre com a geração precisamente dos anos 60, quando o marxismo se torna uma doutrina dominante na França, com as ciências sociais. Eu digo que assistimos nestes últimos anos a uma marximização do braudelismo" (FURET, 1988, p. 151).

Voltando ao Brasil, vale lembrar que o marxismo não impediu as boas relações de Caio Prado com Braudel e com o grupo dos Annales. Além da referência amistosa de Febvre mencionada no início do capítulo, a obra de Caio Prado (Formação do Brasil contemporâneo e História econômica do Brasil) foi objeto de crítica respeitosa em Annales, assinada pelo próprio Braudel, em 1948 [48].

Outra grande expressão da historiografia brasileira e paulista, referência fundamental para os nossos historiadores, que foi Sérgio B. de Holanda, embora leitor de Lucien Febvre e conhecedor das propostas dos Annales e de

48. "Caio Prado, de fato, apesar de sua decisão filosófica, é um historiador nato (...). Por mais atento que seja Caio Prado a vida do vasto mundo, à intervenção dos grandes trustes bancários, que é uma forma desta vida geral, creio que ele se fecha muito frequentemente no horizonte brasileiro e, por mais vasto que seja esse horizonte, ele é, algumas vezes, uma prisão para o historiador. Como pode Caio Prado não dar mais atenção à história da América do Sul? O oceano, no que se refere ao Brasil, não é o seu instrumento de ligação com o mundo?" Annales, tomo II, n. 4, 1948, p.102.

Vidal de La Blache, não me parece possa ser visto como um 'discípulo' ou porta-voz do grupo. Com uma trajetória absolutamente particular, transitando entre a crítica literária, a história e o jornalismo, com um pé no Rio e outro em São Paulo, Sérgio Buarque teve como grande influência o modelo histórico alemão [49].

Em suma, poderíamos dizer que a influência do grupo dos Annales, apesar de nos ter sido trazida diretamente pela presença de vários de seus representantes, num momento bastante particular - o da formação da Universidade e das disciplinas acadêmicas - não encontrou o eco esperado na produção local, salvo uma ou outra exceção. Os Annales, a meu ver, têm maior impacto hoje, resgatados através dos historiadores "das mentalidades", do que nos anos 40, 50 e 60.

* * * *

O contraponto franceses/norte-americanos trabalhado no primeiro capítulo para pensar as ciências sociais, pode ser útil para a avaliação das presenças estrangeiras na história. Se a oposição neste caso assume novas feições, a

49. Para uma leitura inicial da trajetória e da obra de Sérgio B. de Holanda, consultar Maria Odila da S. Dias, "Sérgio Buarque de Holanda, historiador" in Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Atica, 1985, p. 7-64.

polaridade permanece. Aqui a 'recepção' dos estrangeiros dá o conteúdo exato da dicotomia.

Em outro trabalho[50], tratei especificamente da recepção das obras dos brasilianistas entre nós, mostrando como ela foi dificultada pelo alarde criado em torno do fenômeno 'brasilianismo', nos anos 60 e 70 principalmente. Isto é, constituiu-se um discurso sobre o brasilianismo que, pró ou contra, era, antes de mais nada, "escandaloso". Tal discurso funcionava, invariavelmente, como um escudo que antepunha ao texto, dificultando sua avaliação.

A partir deste exercício de reflexão sobre os brasilianistas, apurei o ouvido para perceber as nuances dos discursos sobre os mestres franceses na época da criação da Universidade. Foi possível perceber que, no caso da história, a fala sobre um grupo - os franceses -, muitas vezes, incluía o outro - os brasilianistas.

Todo e qualquer depoimento sobre a presença dos franceses por ocasião da criação da Universidade de São Paulo, enfatiza seu caráter formador, instaurador. Os mestres franceses, verdadeiros "heróis civilizadores", trouxeram progresso intelectual à província, ensinaram a ler, a ver, a refletir[51]. Os professores que mais tempo

---

50. "Brasilianismos, 'brazilianists' e discursos brasileiros", publicado na revista Estudos históricos, n.5, Rio de Janeiro, Dazibao, 1990, p. 29 a 44.

51. Nesse sentido conferir, entre outros, os depoimentos de Antonio Candido de Mello e Souza, Ruy Coelho e Gilda de Mello e Souza, publicados na revista Língua e literatura, número comemorativo ao cinquentenário da Universidade de São Paulo, v. 10-13, 1981-4.

permaneceram no Brasil como J. Maugué, P. Monbeig e Roger Bastide são, mais que quaisquer outros, exemplos de integração, de boa 'aclimatação' local (ARANTES, 1989), e, no limite, de simbiose completa com o povo e a cultura brasileira (QUEIROZ, 1983).

No caso da história e dos historiadores, os depoimentos dos primeiros alunos, além de endossarem o tom celebrativo geral que caracteriza os discursos sobre a missão francesa como um todo, apresentam algumas particularidades. Em primeiro lugar, é comum vê-los falar de Braudel e de Monbeig lado a lado, isto é, parece difícil tocar em um nome sem a imediata referência ao outro. Isto reafirma o argumento da articulação entre as disciplinas de que falávamos no começo 52.

Outra característica - a mais importante - é que a memória do curso de história na USP e das influências estrangeiras na historiografia brasileira distingue dois momentos. Um primeiro, relativo aos anos 30, 40 e 50, marcado pela presença francesa e um outro, pós-60 quando os brasilianistas entram em cena. O depoimento da Prof. Alice Canabrava é exemplar neste sentido. Ao traçar sua trajetória, ela retoma a história da Universidade e o

52. Conferir os depoimentos de Eduardo d'Oliveira França no Jornal do Brasil, caderno Idéias, já citado e o concedido à autora. Ver também o mencionado depoimento de Alice Canabrava e o "Rapport sur les professeurs français (1934-1987)", de José Ribeiro de Araújo Filho, Azis Simão e Eduardo d'Oliveira França publicado no volume France-Brésil, vingt ans de cooperation (science et technologie), organizado por Guy Martiniere e Luiz Claudio Cardoso, Paris/Grenoble, IHEAL/PUG, 1989, p. 17-25.

"período glorioso" dos mestres franceses, "influências decisivas", "exemplos de dedicação ao aluno" etc, encerrando sua fala com críticas contundentes aos brasilianistas, cujos trabalhos são mero "repositório de fatos", "sem qualidades excepcionais que tenham marcado". "Apesar de termos historiadores muito melhores, os brasilianistas têm mais facilidades de pesquisa e de divulgação do material. A concorrência é desigual" (CANABRAVA, 1981).

Para além da 'veracidade' dos fatos - não é isto que está em questão -, interessa o modo como o discurso articula e explica estes dois grupos de estrangeiros. Antes de mais nada, eles ocupam polos opostos do depoimento: os franceses inauguram, os norte-americanos encerram. As distintas posições correspondem diferentes avaliações: os franceses são mestres, os norte-americanos concorrentes.

De fato, nos anos 30 a Universidade estava em constituição, não havia formado ninguém e a presença estrangeira era motivo de orgulho já que significava modernização, formação nova. Nos anos 60, ao contrário, esta mesma universidade já formou quadros próprios, prescinde de professores estrangeiros para sobreviver. Além do mais, no caso da história, uma dificuldade suplementar se apresenta: os pesquisadores norte-americanos enveredam pelo estudo da história do Brasil, ameaçando um terreno nacional por excelência. Os franceses que aqui estiveram, vez ou outra, dedicaram um artigo ao Brasil (Coornaert, Hauser, Léonard), mas não lecionaram nem pesquisaram preferencialmente a

história brasileira, vide o exemplo de Jean Gagé, historiador que mais tempo permance na USP e em cuja bibliografia o Brasil não aparece.

Considerações Finais

Como o próprio título indica, é de estrangeiros que este trabalho procurou tratar. Na primeira parte, sublinhei o plural com o intuito de traçar um amplo panorama, correndo os riscos de toda análise que se pretende geral, generalizante. No capítulo inicial, inspirada na afirmação de Simmel - ser estrangeiro é uma forma específica de interação - trabalhei duas modalidades particulares de relação dos estrangeiros com o Brasil, mostrando como o fato de terem vindo como docentes (os franceses) ou pesquisadores (os norte-americanos) interferiu, fundamentalmente, nos modos de inserção desses estrangeiros na sociedade brasileira, nas formas de apreensão do país e, até mesmo, na sua recepção pela comunidade local.

Os franceses, convidados pela elite brasileira, como professores, nos anos 30, foram verdadeiros heróis civilizadores, responsáveis pela formação das primeiras gerações de universitários no Rio de Janeiro e, sobretudo, em São Paulo. Apesar de algumas resistências nacionalistas à importação de mestres estrangeiros, o clima geral era favorável àquelas presenças, capazes de nos restituir do atraso, da falta de Universidades e de pesquisa científica nos moldes acadêmicos modernos. Sobre os pesquisadores, por

sua vez, pairava o olhar desconfiado que teme a invasão do território pátrio pelo elemento estranho, sobretudo nos anos 50 e 60, momento em que o Brasil já havia produzido seus próprios especialistas. Além disso, os pesquisadores, principalmente os itinerantes, não foram convidados, apenas entraram, recortaram o país de acordo com seus objetos de estudo e o levaram na bagagem.

Evidentemente, os pioneiros da pesquisa entre os norte-americanos chegaram num momento em que as investigações eram incipientes e cumpriram, portanto, o papel de formadores de pesquisadores brasileiros, estabelecendo vínculos profundos com a sociedade nacional, seja pela permanência prolongada (os pesquisadores sedentários), seja pelo contato interminente mas extenso (os sazonais).

O meu esforço, nesse primeiro momento do trabalho, concentrou-se em limpar o terreno - arrolando nomes e datas -, procurando articular o inventário obtido a uma explicação. E foi a oposição docência e pesquisa, creio, que permitiu a integração dos vários personagens, franceses e norte-americanos, numa série legível.

Se foi de estrangeiros no Brasil que procurei tratar no primeiro capítulo - com ênfase nos franceses e nos norte-americanos - na segunda parte, procurei me aproximar de viagens particulares: Lévi-Strauss, Braudel e Monbeig. Nos três casos, foram observadas viagens iniciáticas, formadoras, para jovens docentes em começo de carreira. A travessia do Atlântico representou, para eles, o

amadurecimento de alguns projetos, a possiblidade de realização de outros.

Olhando para as três figuras comparativamente a partir das diferentes experiências brasileiras, é possivel montar, com base em critérios variados, uma sucessão de arranjos, numa espécie de jogos de aproximações e afastamentos. Vejamos. Do ponto de vista do lugar ocupado pelo Brasil na obra e na carreira futura, Monbeig e Lévi-Strauss afastam-se de Braudel. O geógrafo adquire sua especialidade temática no Brasil e sobre esta experiência constrói uma obra e uma carreira. O etnólogo, por sua vez, adquiriu tal identidade nos três anos que aqui permaneceu. A obra elaborada posteriormente pode ser lida como um desdobramento permanente da experiência brasileira, constantemente ampliada pela incorporação de novos exemplos, num movimento em espiral. O historiador, entretanto, não escreveu nem sobre o país (como Monbeig), nem a partir dele (como Lévi-Strauss). Aqui, trabalhou o material anteriormente levantado sobre o Mediterrâneo.

Mas se a designação 'especialista em Brasil' é precisa para Monbeig, não se aplica aos outros dois, autores de obras de alcance extraordinário que extrapolam qualquer rótulo restritivo. Lévi-Strauss e Braudel alteraram, com suas respectivas produções, os rumos de suas disciplinas particulares e também o das ciências sociais como um todo: inauguraram perspectivas, produziram conceitos e teorias. Suas produções dialogam, divergem. O célebre ensaio de

Braudel "História e ciências sociais: a longa duração" (1958), discute com Lévi-Strauss e com conceito de estrutura, no mesmo ano em que é publicada Antropologia estrutural. Afinal, Braudel defende no artigo a noção de "história estrutural", mas que se pretende diversa da noção de estrutura forjada por Lévi-Strauss, para quem a história seria residual [1].

Os tempos de permanência no Brasil aproximam Lévi-Strauss e Braudel, que passam pelo país, e afastam Monbeig, que permanece durante a guerra. Se o critério for a pesquisa, temos, de um lado, Braudel como docente e Monbeig e Lévi-Strauss, de outro, já que ambos pesquisaram em território brasileiro. E curioso observar que a oposição docência/pesquisa, tratada no capitulo inicial como uma oposição entre franceses e norte-americanos, reaparece no interior do próprio grupo de franceses. Enquanto Braudel é estritamente docente, Lévi-Strauss poderia ser classificado como um pesquisador itinerante, já que tem a pesquisa como objetivo fundamental da vinda para o Brasil e aqui fica

1. "...impõem-se indubitavelmente admitir que as ciências sociais, por gosto, por instinto profundo e, talvez, por formação, têm sempre tendência a prescindir da explicação histórica; iludem-na, mediante dois procedimentos quase opostos: um "atualiza" em excesso os estudos sociais, mediante uma sociologia empírica que desdenha todo o tipo de história e que se limita aos dados do tempo breve e do trabalho de campo; o outro ultrapassa simplesmente o tempo, imaginando no termo de uma "ciência da comunicação" uma formulação matemática de estruturas quase intemporais. Este último procedimento, o mais novo de todos, é com toda evidência, o único que pode interessar profundamente" ("A longa duração" in História e ciências sociais, Lisboa, Presença, 1986, 5@ edição, p. 18/19.

pouco tempo. A Monbeig, por sua vez, se aplicaria melhor a designação pesquisador sedentário, pois se estabelece no país e realiza suas pesquisas durante um longo período.

As lembranças dos ex-alunos dos mestres franceses permitem novo arranjo. De um lado, os professores dedicados, preocupados com a formação dos alunos (Braudel e Monbeig). De outro, Lévi-Strauss, para quem a atividade docente era quase um pretexto para a realização de pesquisas entre os índios brasileiros.

Em termos das marcas deixadas nas respectivas disciplinas, poderíamos dizer que Braudel e Lévi-Strauss marcaram a etnologia e a historiografia brasileira, assim como no resto do mundo, em função de suas obras elaboradas posteriormente e não no período em que aqui estiveram. Monbeig, ao contrário, foi figura decisiva na formação dos geógrafos e da geografia brasileira e seu impacto se confunde com o período em que aqui ficou.

O exame dos itinerários de Lévi-Strauss e de Braudel nos auxiliam a ter uma visão mais matizada do que foi a missão francesa dos anos 30 na recém-criada Universidade de São Paulo. Se, de fato, tivemos a importação de vários departamentos - dos alemães e italianos nas ciências físicas e matemáticas, aos franceses nas humanidades e letras -, e com os estrangeiros aprendemos a estudar, não podemos acreditar que aprendemos com todos, nem da mesma forma. A missão francesa era, antes de qualquer outra coisa, heterogênea. Os diferentes professores estabeleceram nexos

absolutamente distintos com o pais. Se Maugué, por exemplo, foi responsável pela formação de nossa melhor intelectualidade (ARANTES, 1989), o mesmo não podemos dizer de Lévi-Strauss, de Braudel, nem de vários outros.

As várias disciplinas reagiram de modos diferentes às presenças estrangeiras. Se a influência em alguns casos foi decisiva (Maugué na filosofia e Monbeig na geografia), em outras foi bastante discreta (na antropologia e na história, por exemplo) [2].

A cadeira de antropologia teve outros acentos, adquiriu sotaques distintos no momento de sua criação. A voz francesa, dada por Lévi-Strauss - que embora não pertencesse à cadeira, ensinava antropologia - teve pouco destaque perto das outras. Curiosamente, as maiores influências na antropologia brasileira, neste periodo, são nomes que não

---

2. Sobre a marca francesa na filosofia da USP, cf. o texto de Paulo Eduardo Arantes, "O bonde da filosofia" in Maria Antônia: uma rua na contramão, SP, Nobel, 1988, p.175-216. O autor mostra sua perplexidade de aluno, entre 1965 e 1968, diante da "forma francesa que descia em cascata", da fidelidade ao modelo francês. Enfatiza a importância de Maugué na formação da primeira geração e, depois, as vozes marcantes de Martial Guéroult e Gilles-Gaston Granger. Vai mostrar como o privilégio dado pelo departamento à História da Filosofia foi um ensinamento dos mestres franceses: "...a organização da cultura filosófica em função da História da Filosofia que os professores franceses traziam na bagagem seria o antídoto mais eficaz contra a praga dos surtos, das viragens subitas, que na Europa da cultura burguesa estabelecida correspondiam a fraturas reais e lentamente meditadas, e aqui, à febre novidadeira de algumas cabeças-de-vento" (p.181). Mesmo após o golpe de 64, quando o contexto se altera com a ditadura, a Filosofia seguia o rumo traçado pela missão francesa: "...coração à esquerda, onde o têm os espíritos bem formados, porém suficientemente elevado para inibir qualquer promiscuidade generosa entre rigor e interesse" (p.186).

têm a mesma importância no cenário intelectual mais amplo (penso em Willens, Baldus e Pierson). Ao contrário, um dos maiores antropólogos de todos os tempos aqui esteve, formando-se. Mas não formou.

Na cadeira de história, a voz local, nacional, foi talvez a maior responsável pelos limites do impacto da escola dos Annales e de Braudel entre nós. Se as novas concepções de história chegavam recém saídas do forno, nos anos 30/40, e repercutiam entre os estudantes, na hora da realização de pesquisas sobre história brasileira esbarravam na sólida tradição dos estudos históricos, representada na Universidade pelos catedráticos de história da civilização brasileira.

Poderíamos dizer que se as vozes de Lévi-Strauss e de Braudel, de modo geral, não encontraram eco no curto período em que aqui estiveram - tendo sido, no limite, silenciadas-, os dois personagens também silenciaram o Brasil, só que de modos distintos. O historiador o silencia na obra, onde o país não é tomado como objeto de investigação. O etnólogo, embora construa sua obra a partir do Brasil, silencia tal importância.

O engraçado é que aquele que, aparentemente, nada deve ao país, faz dele um verdadeiro "mito de origem" nos depoimentos. Como vimos, Braudel é incansável na afirmação de que aqui passou seus melhores anos, que sem o Brasil não teria escrito a monumental obra sobre o Mediterrâneo. O etnólogo, que muito deve ao país, ao contrário, minimiza o

débito (ou, pelo menos, não o enfatiza). Nas entrevistas concedidas por Lévi-Strauss, o período brasileiro é, de modo geral, uma rápida referência, do qual "ficou" o texto sobre os Bororo. Mesmo em seu depoimento mais extenso - De perto e de longe -, o tom apressado com que fala do Brasil permanece, apesar do entrevistador tê-lo feito falar mais tempo.

Mas, é possivel pensar, o silêncio de Lévi-Strauss é relativo. Afinal ele não escreveu um livro inteiramente dedicado ao Brasil? Como procurei mostrar no segundo capítulo, Tristes Trópicos não é um simples relato da experiência brasileira (embora também o seja), nem um retrato do Brasil (embora o compreenda). Trata-se de um livro que parte do período brasileiro, mas que se descola dele, alçando outros vôos. E é assim, como obra multifacetada, jamais reduzido a uma de suas dimensões, que o livro deve ser lido.

Nesse sentido, Tristes trópicos reafirma o lugar ocupado pelo Brasil na produção lévi-straussiana (e também em sua carreira) como ponto de partida, como matéria - prima. Tomando Monbeig como contraponto, podemos dizer que este sim, além de vários artigos e da tese, esboçou um retrato estrito do Brasil - objetivo, conciso, com fins de divulgação - Le Brésil (1954). Para Monbeig, o país foi o ponto de partida, sem dúvida, mas também o de chegada: constituiu o cenário sobre o qual o geógrafo se debruçaria por toda a vida.

Braudel, embora não tenha escrito sobre o país, enfatiza em resenhas, artigos e depoimentos, o interesse no Brasil e na América do Sul como "campo rico de experiências". E como se para o historiador, pela própria natureza do seu oficio, o país - pensado em seus contornos maiores - pudesse ainda acenar com o novo. O desafio era justamente pensar um país jovem no campo da história, em suas ligações com as histórias das Américas, da Africa e da Europa.

A etnologia, por sua vez, reservava ao seu aprendiz outra apreensão do Brasil. Tristes trópicos tem como matéria fundamental de reflexão a impossibilidade da experiência. E com este dilema que se defronta o etnólogo - viajante moderno - durante a sua viagem. O Brasil com o qual sonha Lévi-Strauss, aprendiz de etnólogo, são os índios e não o vasto território em seu desenho como nação. Sua permanência no país resume-se à busca incessante dos raros espécimes, idealizados em sua "pureza", mas encontrados em estado de degradação.

A experiência - e o dilema - da viagem etnológica e do etnólogo em campo, narrada por Lévi-Strauss em Tristes Trópicos, não reflete um caso particular, mas encontra ressonância em outras experiências. A de Michel Leiris,

escolhida como elemento comparativo, é uma delas, mas os exemplos escolhidos poderiam ter sido outros [3].

A riqueza da comparação com Leiris, a meu ver, reside, antes de mais nada, na possibilidade de compreensão do processo de formação do etnólogo na França nos anos 30, quando se realizam as primeiras grandes incursões a campo. O caminho seguido por ambos - sem formação básica em etnologia ou sociologia - foi a viagem. Ela era, portanto, o instrumento necessário para a obtenção do passaporte de etnólogo profissional, da identidade de africanista ou americanista.

Além dos percursos semelhantes, paralelos, Leiris e Lévi-Strauss tematizam a viagem como traço inseparável da experiência etnológica: o primeiro através de um diário de campo (L'Afrique Fântome), o segundo através de um livro sobre a viagem (Tristes trópicos). Tematizam, assim, a viagem e a narrativa, como elemento inseparável da própria viagem.

Através do exemplo de Lévi-Strauss, foi possível elaborar uma dupla leitura da viagem: uma que a olhou "de fora", com suas datas, mapas, roteiros, causas e consequências; e outra que procurou apreendê-la em sua dimensão mais "íntima", conflituosa e paradoxal, permitida pela análise das narrativas.

---

3. O livro de Maybury- Lewis, O selvagem e o inocente, por exemplo, também tematiza a distância entre a viagem "sonhada" e a viagem "vivida", as agruras do campo, a experiência de estranhamento e a possibilidade de conhecimento dada por esta experiência.

A leitura de Tristes Trópicos fornece elementos preciosos para que comecemos a tematizar a viagem como experiência constitutiva (e instituinte) do trabalho antropológico, em suas múltiplas dimensões: a viagem sonhada (como aventura) e a viagem vivida (como decepção); a viagem como possibilidade de exploração da alteridade (e, logo, como constituição da identidade); como experiência sociológica; como diálogo com o imaginário construído sobre a América e sobre o viajante; como memória; como narrativa.

Talvez seja esse o grande desafio colocado pela análise de Tristes Tópicos: tematizar a viagem em sua significação mais profunda, evitando naturalizá-la, tomá-la como dado [4]. Nesse sentido, o que o livro nos ensina é que a dimensão de estranheza que toda viagem coloca, é menos estranhamento em relação ao mundo circundante (no caso, os índios, São Paulo, a USP etc.), mas, sobretudo, estranheza do etnólogo em relação a si próprio: "...Es infinitamente mais estranho.".

---

4. O ensaio de Sérgio Cardoso, "O olhar viajante (do etnólogo)" discutindo a íntima relação existente entre a etnologia, as viagens e o olhar, chama a atenção para a necessidade de uma reflexão mais funda sobre o ato de viajar: "Ela (a etnologia), que guarda um vínculo umbilical com as viagens, tem, portanto, muito a aprender com elas...desde que renuncie, porém, a instrumentalizá-las, a tomá-las como mera condição do contato, ganga a ser abandonada ou esquecida (ou lembrada sempre com algum pejo, à margem da ciência) como o advento do conhecimento, a reconstituição de uma outra - externa - realidade ... desde, pois, que esqueça por um momento suas viagens interessadas, e que procure aquelas que, tendo seus objetivos menos nítidos, lhes permitam concentrar-se no sentido mesmo do ato de viajar" (1988, p. 360).

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Mário e ALVARENGA, Oneida - Cartas, São Paulo, Duas Cidades, 1983

ANNALES d'HISTOIRE ECONOMIQUE ET SOCIALE (1929-1938)
ANNALES d'HISTOIRE SOCIALE (1939-1941)
ANNALES (ECONOMIES, SOCIETES, CIVILIZATIONS), (1946-)

ANUARIOS da FFCL da Universidade de São Paulo, 1934/35, 1936, 1937/38, 1939/1949, 1951, 1952

ARANTES, Paulo E.
1988 "O bonde da filosofia" in SANTOS, Maria Cecilia L. dos, Maria Antônia: uma rua na contramão, São Paulo, Nobel, p. 175-216
1989 "Certidão de nascimento", Novos Estudos, n.23, São Paulo, Cebrap, p.138-153

ARBOUSSE-BASTIDE, Paul
1978 "A missão francesa de 1934". Entrevista concedida a J. B. Natali, *Folha de São Paulo*
1978b "Mon ami Roger Bastide", Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 20, São Paulo, USP, p. 41-51

1981 com COELHO, Ruy, "O Brasil escapa às soluções simplistas" in MOTA, Lourenço Dantas (org), História Vivida II - Documentos Abertos, São Paulo, *O Estado de S. Paulo*
1981-4 Entrevista concedida a Antonio Marcos de Almeida, Lingua e Literatura, v. 10-13, São Paulo, USP, p. 7-34

ARRUDA, Maria Arminda do N. - Mitologia da Mineiridade - o imaginário mineiro na vida politica e cultural do Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1990

AYMARD, Maurice - "The impact of the Annales school in mediterranean countries", Review, v. 1, n 3/4, 1978, p.53-64

AZEVEDO, Thales de - "As ciências sociais na Bahia: notas para a sua história", Boletim do Instituto de ciências sociais, n. 1, 1964

BARBOSA, Francisco de Assis - "Alguns aspectos da influência francesa no Brasil: notas em torno de Anatole Louis Garraux e de sua livraria em São Paulo", Bibliographie brésilienne, 2@ edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1962

BASTIDE, Roger
1957 Brésil, terre des contrastes, Paris, Hachette
1983 Estudos afro-brasileiros, São Paulo, Perspectiva
1987 "Entrevista", Discurso, n.16, São Paulo, Polis, p.181-197

BENJAMIN, Walter - "O narrador - observações acerca da obra de Nicolau Leskow" in Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, p.57-74

BESNARD, Philippe - "la formation de l'equipe de l'Année Sociologique", Revue Francaise de Sociologie, 21(9), 1979

BEYLIER, Charles - "L'oeuvre brésilienne de Roger Bastide", These de III cycle, Paris, mimeo, 1977

BRAUDEL, Fernand

1935 "O ensino da história e suas diretrizes", Anuário da FFCL da USP, 1934-1935, p.113-121

1965 "Lucien Febvre e a história", Revista de História, n.64, São Paulo, USP, p. 401-407

1969 Ecrits sur l'histoire, Paris, Flammarion (tradução brasileira da Editora Perspectiva, 1978)

1972 "Personal Testimony", Journal of Modern History, v. 44, n. 4, p. 448-467

1978 Escritos sobre a história, São Paulo, Perspectiva

1983 O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo, São Paulo, Martins Fontes

1984 Entrevista concedida a Marcelo G. Tassara como parte do trabalho do filme-documentário "O Brasil, os índios e finalmente a USP", uma produção da USP, subvencionada pelo MIDIST e pelo CNRS, França

1986 "A longa duração" in História e ciências sociais, Lisboa, Presença

1989 Uma lição de história de Fernand Braudel, Jornadas Fernand Braudel, Châteauvallon, Rio de Janeiro, Jorge Zahar

BROCA, Brito - A vida literária no Brasil, 1900, 3@ edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1975

BURGUIERE, A. - "Histoire d'une histoire: la naissance des *Annales*", Annales (E.S.C.), n. 6, 1979, p. 1347-1359

BURKE, Peter - A Escola dos *Annales*, 1929-1989, São Paulo, Editora da UNESP, 1991

CALTAGIRONE, Benedetto - "Le séjour en Ethiopie de la mission Dakar-Djibouti", Gradhiva, n.5, Paris, Jean Michel Place, 1988, p.3-12

CANABRAVA, Alice - Depoimento para o Museu da Imagem e do Som de São Paulo, como parte da série "Estudos Brasileiros", coordenada por Ernâni da S. Bruno, 30/9/1981

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro - A universidade da comunhão paulista, São Paulo, Cortez, 1982

CARDOSO, Sérgio - "O olhar dos viajantes" in NOVAES, Adauto (org), O olhar, São Paulo, Cia das Letras, 1988, p.347-360

CASTRO, Eduardo V. de - "O campo na selva, visto da praia (fazendo etnologia indígena no Museu Nacional., 1974-90", XIV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, outubro de 1990, mimeo

CLASTRES, HELENE - "Primitivismo e ciência do homem no século XVIII", Discurso, n. 13, São Paulo, Polis, p. 187-208

CLIFFORD, James -
1981 "On ethnographic surrealism", Comparative studies of society and history, 23°(4), p.539-564
1982 Person and Myth - Maurice Leenhardt and the melanesian world, Berkeley/L.Angeles/London, Univ. of California Press

COELHO, Ruy - Depoimento, Lingua e literatura, v.10-13, São Paulo, USP, p. 121-133

CORREA, Mariza
1987 (org) História da antropologia no Brasil, 1930-1960, São Paulo/Campinas, Vértice/Ed. da Unicamp
1988 "A revolução dos normalistas", Cadernos de pesquisa, n. 66, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, p. 13-24
1988b "Traficantes do excêntrico", Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, n. 6, v. 3, p. 79-98
1990 "O que é um nome", Campinas, Unicamp, mimeo

"CORRESPONDANCE inédite de Deborah Lifchitz et Denise Paulme avec Michel Leiris, Sanga 1933", Gradhiva, n.3, Paris, Jean Michel Place, 1987, p.44-58

COSER, Lewis - "Tendências americanas" in BOOTMORE & NISBET (org). História da análise sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1980

CRUZ COSTA, J. - "Os antigos cursos de conferências: a contribuição francesa nos primórdios da fundação da FFCL", Filosofia, Ciências e Letras, 9, set 1945

CUISINIER, Jean e SEGALEN, Martine - Etnologie de la France, Paris, PUF, "Que sais-je?", n.2307, 1986

DARRAS, Jacques - "Le voyage en Afrique", Esprit, n.128, Paris, 1987, p.1-12

DIAS, Maria Odila da Silva - "Sérgio Buarque de Holanda, historiador" in Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Atica, 1985, p. 7-64

DOSSE, J. - "Os herdeiros divididos" in LACOSTE, Yves (org) Ler Braudel, Campinas, Papirus, 1989, p.161-174

DUARTE, Paulo - Mario de Andrade por ele mesmo, São Paulo, EDART, 1971

DUCHET, Michele - Anthropologie et histoire au siecle des Lumieres, Paris, Flammarion, 1977

FARIA, Luiz de Castro - "A antropologia no Brasil. Depoimento sem compromissos de um militante em recesso", Anuário Antropológico 82, RJ/Ceará, Tempo Brasileiro/Univ. Federal do Ceará, 1984, p.228-250

FEBVRE, Lucien

1948 "L'Amérique du Sud devant l'histoire", Annales (Economies, Sociétés, Civilisations), tomo III, n.4, p.385-392

1950 "O homem no século XVI", Revista de História, n.1, São Paulo, USP, p.

1985 Combates pela história, Lisboa, Editorial Presença

FRANÇA, Eduardo d'Oliveira

1989 "Um mestre da pesquisa histórica", Caderno Idéias, Jornal do Brasil, 22/7, p. 6 e 7

1989b Entrevista concedida à autora

FURET, François - "o historiador e a história: um relato de François Furet", entrevista concedida a Aspásia Camargo, Estudos Históricos, n. 1, RJ, 1988, p. 143-161

GEERTZ, Clifford - "The world in a text - how to read Tristes Tropiques" in :_ Works and lives, California, Stanford University Press, 1988, p.25-46

GINWAY, Libby - "Péret no Brasil", Religião e Sociedade, RJ, ISER, 1986, p.124-152

GLENISSON, Jean - Iniciação aos estudos históricos, São Paulo, Difel, 1961

GRAFMEYER, Y. e JOSEPH, I. (apres) - L'école de Chicago, Paris, Aubier, 1979

GUIMARAES, Manoel L. Salgado - "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional", Estudos Históricos, n. 1, RJ, 1988, p. 5-27

HEILBRON, Johan - "Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940", Revue Française de Sociologie, 26 (2), Paris, CNRS, 1985, p.203-237

HERSKOVITS, Melville - "Pesquisas etnológicas na Bahia", Publicações do Museu da Bahia, n. 3, 1943

HEXTER, J. H. - "Fernand Braudel and the monde braudellien...", Journal of Modern History, v. 44, n. 4, 1972, p. 480-539

HOLANDA, Sérgio Buarque
1977 Visão do paraíso, São Paulo, Cia. Ed. Nacional
1979 "Notas sobre o barroco" in :_ Tentativas de mitologia, São Paulo, Perspectiva, p. 141- 166

IGLESIAS, Fernando - "Um historiador revolucionário" in Caio Prado Jr., Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 26, São Paulo, Atica, 1982, p.7-46

JAMIN, Jean
1981 "Quand le sacré devient gauche", L'ire des vents, autour de Michel Leiris, n.3/4, p.98-118
1988 avec PRICE, Sally - "Entretien avec Michel Leiris", Gradhiva, n.4, Paris, Jean Michel Place, p.28-56

JOURNAL DE LA SOCIETE DES AMERICANISTES, Paris, tomo I (1895-1896) ao tomo XXXII (1940)

KARADY, Victor
1973 "L'expansion universitaire et l'evolution des inegalités devant la carriere d'enseignant au début de la III République", Revue Francaise de Sociologie, 14(4)

1979 "Stratégies de réussite et modes de faire valoir de la sociologie chez les durkheimiens", Revue Française de Sociologie, 21 (9)

1988 "Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire", Actes de la recherche en sciences sociales, n.74, Paris, MSH/Collège de France/EHESS, p.23-32

KAUFMANN, Vincent - "Michel Leiris: 'on ne part pas'", Revue des sciences humaines, n.214, Université de Lille, 1989-2, p.145-162

LEBEUF, Jean Paul - "Marcel Griaule" in Ethnologiques, hommages à Marcel Griaule, Paris, Hermann, 1987, p.xxi-xxviii

LEBOVICS, Herman - "Le conservantisme en anthropologie et la fin de la Troisième Republique", Gradhiva, n.4, Paris, Jean Michel Place, 1988, p.3-16

LEFEBVRE, Henri - Tiempos equivocos, Barcelona, Kairós, 1976

LEIRIS, Michel

1976 Edad de hombre, Barcelona, editorial labor, trad. de Mauricio Wacquez

1981 L'Afrique Fântome, Paris, Gallimard

1988 Cinq études d'ethnologie, Paris, Gallimard

LEITE, Yonne - "O Summer Institut of Linguistics - estratégias e ação no Brasil", Religião e Sociedade, n. 7, jul 1981

LEJEUNE, Philippe - "Michel Leiris - autobiographie et poèsie" in :_ Le pacte autobiographique, Paris, Ed du Seuil, 1975

LEONARD, Emile G. - "Brasil, terra de história" in Revista de História, v. 2, n. 1, São Paulo, USP, 1950, p.

LEPENIES, Wolf - Between literature and science: the rise of sociology, New York/ Paris, Cambridge Univ. Press/ Maison des Sciences de l´Homme, 1988

LEVI-STRAUSS, Claude -

1935 "Em prol de um Instituto de Antropologia Física e Cultural", Revista do arquivo municipal, v 2 (18)

1935 "O cubismo e a vida cotidiana", Revista do arquivo municipal, v 2 (18)

1936 "Contribuição para o estudo da organização social bororo", Revista do arquivo municipal, v 3 (27)

1937 "A propósito da civilização chato-santiaguense", Revista do arquivo municipal, v 4 (42)

1937/8 ""Os contos de Perrault e sua significação sociológica", Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

1947 "La sociologie française" in GURVITCH, G. (ed), La sociologie au XX siècle, Paris, PUF, p.513-554

1957 Tristes Trópicos, São Paulo, Anhembi, trad. de Wilson Martins

1964 Le cru et le cuit, Paris, Plon

1976 "O que a etnologia deve a Durkheim" in Antropologia Estrutural II, RJ, Tempo Brasileiro, p. 52-56

1976b "O campo da antropologia" in Antropologia Estrutural II, RJ, Tempo Brasileiro, p.11-40

1979 La voie des masques, Paris, Plon

1983 "Entrevista", *Veja*, 21/12

1983b Le regard éloigné, Paris, Plon

1989 Des symboles et leurs doubles, Paris, Plon

1990 De perto e de longe, RJ, Nova Fronteira

LEVI-STRAUSS, Dina -

1937 "Société d'ethnographie et de folklore de São Paulo (Brésil)", Journal de la Société des Américanistes, Paris, tomo XXIX, p.428-431

1938 "Mission Lévi-Strauss-Vellard (1938-1939)", Journal de la Société des Américanistes, Paris, tomo XXX, p.384-386

LIMONGI, Fernando P.

1987 "Revista Sociologia - A ELSP e o desenvolvimento da sociologia em São Paulo", Textos Idesp, Série História das Ciências Sociais, n. 1

1989 "Mentores e clientela da Universidade de São Paulo" In MICELI, Sérgio (org), História das ciências sociais no Brasil, v. 1, São Paulo, Vértice/Idesp, p. 111-185

1989b "A Escola Livre de Sociologia e POlítica de São Paulo" in MICELI, Sérgio, op. cit., p. 217-233

LINDON, Mathieu - "Mission Tristes Tropiques", Liberátion, 1 septembre 1988

LOURAU, René - "Michel Leiris: le hors-texte devient texte" in :_ Le journal de recherche, Paris, Méridien Klincksuck, 1988, p.93-107

LOWIE, Robert - Historia de la etnologia, Mexico, Fondo de Cultura, 1981

LUKES, Steven - Emile Durkheim, his life and work, 1973

MAJER, Irma - "La fin des voyages: écriture et souvenirs chez Jean de Léry", Revue des sciences humaines, n.214, Université de Lille, 1989-2, p.71-83

MALINOWSKI, B. - Journal d'ethnographie, Paris, Ed. du Seuil, 1985

MARIANI, Maria Clara - "Educação e ciências sociais; O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais" in SCHWARTZMAN, Simon (org), Universidade e instituições científicas no Rio de Janeiro, Brasília, CNPQ, 1982

MARTINIERE, Guy
1982 "L'école des *Annales* et l'Amérique Latine" in:_ Aspects de la coopération franco-brésilienne, Presse Universitaire de Grenoble/MSH, p. 151-170
1985 com CHONCHOL, Jacques, L'Amérique Latine et le latino-américanisme en France, Paris, L'Harmattan
1989 com Luiz Claúdio Cardoso, France-Brésil, vingt ans de coopération (science et technologie), Paris/Grenoble, IHEAL/PUG

MASSI, Fernanda P. - "Brasilianismos, 'brazilianists' e discursos brasileiros", Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Dazibao, 1990, p. 29-44

MAZON, Brigitte
1985 "La Fondation Rockfeller et les sciences sociales en France, 1925-1940", Revue francaise de sociologie, 26 (2), p.311-341
1988 Aux origines de l'E.H.E.S.S., le rôle du mecenat américain, Paris, Les Editions du Cerf

MAUGUE, Jean - Les dents agacées, Paris, Buchet-Chastel, 1982

MAYBURY-LEWIS, David
1984 A sociedade Xavante, RJ, Francisco Alves
1990 O selvagem e o inocente, Campinas, Ed. da Unicamp

MELANGES d'HISTOIRE SOCIALE (1942-1945)

MEYER, Marlyse - "Um eterno retorno: as descobertas do Brasil", Cadernos, São Paulo, CERU, 1980, p. 23-46

MONBEIG, Pierre
1935 "Orientação didática", Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, 1934-1935, p. 105-121
1949 "Geografia" in MORAES, Rubens Borba e BERRIEN, William (org), Manual bibliográfico de estudos brasileiros, RJ, Gráfica Ed. Souza
1954 Le Brésil, Paris, Puf, "Que sais-je?" (tradução brasileira, São Paulo, Difel, 1975)
1957 "O estudo geográfico das cidades" in Novos estudos de geografia humana brasileira, São Paulo, Difel, p. 33 - 77
1981 "A filosofia que orientou a criação da USP continua válida" in MOTA, Lourenço D. (org) A história vivida, São Paulo, O Estado de S. Paulo, p. 251-264
1984 "Viagem à memória da USP", entrevista concedida a Gilles Lapouge, São Paulo, Jornal da Tarde, 11/2/1984

1984b Pioneiros e fazendeiros de São Paulo, São Paulo, Hucitec/Polis

MORAES, Rubens Borba de - "Prefácio" in SAINT-HILAIRE, A., Viagem à província de São Paulo, Martins, 1940

NOTICIAS DIVERSAS - O Estado de São Paulo, 13/01/1939

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de - "Tempo e tradição: interpretando a antropologia", Anuário antropológico 84, RJ, Tempo Brasileiro, 1985

"O Professor Georges Dumas na Universidade de São Paulo", Archivos do Instituto de Educação, n. 4, 1937, p. 217-225

ORY, Pascal & SIRINELLI, Jean-François - Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours, Paris, Armand Colin, 1986

PAULA, Eurípedes S. de - "Algumas considerações sobre a contribuição da FFLCH da USP para a historiografia brasileira", Revista de História, v.43, n.88, São Paulo, USP, 1971, p. 425-433

PETITJEAN, Patrick - "le Groupement des Universités et Grandes Ecoles de France pour les rélations avec l'amérique Latine et la création d'Instituts a Rio, São Paulo e Buenos

Aires (1907-1940)", Anais do II Congresso de História da Ciência e da Tecnologia, São Paulo, Nova Stella, 1989, p. 428-442

PIERSON, Donald

1972 O homem no vale do São Francisco, Suvale/ Ministério do Interior

1986 Cruz das Almas, Rio de Janeiro, José Olympio

PONTES, Heloisa - "Retratos do Brasil: editores, editoras e coleções "Brasiliana" nas décadas de 30, 40 e 50" in MICELI, Sérgio, História das ciências sociais no Brasil, v. I, São Paulo, Vértice/Idesp, 1989

QUEIROZ, Maria I. P.

1983 "Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide" in Roger Bastide, coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 37, São Paulo, Atica, p.7-70

1988 "Pierre Monbeig e a pesquisa geográfica no Brasil: atualidade de sua contribuição", Ciência e Cultura, 40(12), p. 1180-1185

REVEL, J. - "História e ciências sociais: o paradigma dos *Annales*" in A invenção da sociedade, Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil, 1990, p.13-42

REVIEW - a journal of the Fernand Braudel Center for the study of economics, historical systems and civilizations, v. 1, n.3/4, 1978

REVISTA DE HISTORIA, São Paulo, USP

RIVET, Paul - "A etnologia em França", Revista do Arquivo Municipal, v 66 (6), 1940, p. 25-41

RUBINO, Silvana - "Clubes de pesquisadores: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia", São Paulo, IDESP, 1989

SCHADEN, Egon
1964 "Os primeiros tempos da antropologia em São Paulo", Anuário Antropológico 62, RJ/Ceará, Tempo Brasileiro/ Univ. Federal do Ceará, p.251-258
1990 Depoimento concedido à autora

SCHWARCZ, Lilia
1989 "Os guardiões de nossa história oficial", São Paulo, Idesp, Textos n. 9
1989 " O nascimento dos museus brasileiros (1870-1910)" in MICELI, Sérgio, História das ciências sociais no Brasil, v. I, São Paulo, Vértice/Idesp

SCHWARTZMAN, Simon

1979 Formação da comunidade científica no Brasil, São Paulo/ RJ, Cia. Ed. Nacional/ Finep

1984 *et alli*, Tempos de Capanema, RJ/ São Paulo, Paz e Terra/ EDUSP

SERNA, Gaspar G. de la - Los viajeros de la ilustración, Madrid, Alianza Editorial, 1974

SEVCENKO, Nicolau - Literatura como missão - Tensões sociais e criação na Primeira República, São Paulo, Brasiliense, 1985

SHILS, Edward - "Tradition, ecology and institution in the history of of sociology", Dedalus, 1970

SOARES, Lélia Gontijo - "Mario de Andrade e o folclore" in Mario de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, 1936-1939, RJ/SP, Funart/Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo, 1983, p. 7-14

SONTAG, Susan - "El antropologo como hérce" in :_ Contra la interpretácion, Barcelona, Seix Barral, 1984, p. 85-98

SOUZA, Antonio Cândido de Mello e -
1981-4 "O saber e o ato", Língua e literatura, v. 10-13, São Paulo, USP, p. 115-120

1985 "O nosso Bastidão", Suplemento Cultura, *O Estado de S. Paulo*, 31 de março

1988 Depoimento concedido à equipe do projeto "História das ciências sociais no Brasil", São Paulo, Idesp

1988b "A faculdade no Centenário da abolição", São Paulo, FFLCH- USP

SOUZA, Gilda de Mello e

1980 "A estética rica e a estética pobre dos professores franceses" in :_ Exercícios de leitura, São Paulo, Duas Cidades, p.9-34

1981-4 Depoimento, Língua e literatura, v. 10-13, São Paulo, USP

SOUZA, Laura de Mello e - O diabo e a terra de Santa Cruz, São Paulo, Cia das Letras, 1986

STOCKING Jr., George W. - "Ideas and institutions in american anthropology: toward a history of the interwar period" in Selected Papers from the american Antropology, 1921-1945, American Anthropological Association, 1976

TRISTES TROPICOS - O Estado de São Paulo, 30/3/1958

WAGLEY, Charles - Welcome of tears: the tapirapé indians of Central Brazil, New York, Oxford University Press, 1979

WAGLEY, Charles e WAGLEY, Cecília Roxo - "Serendipity in Bahia, 1950-1970", Universitas, n. 6/7, maio/dez. 1970

WINOCK, Michel - Histoire politique de la revue Esprit, 1930-1950, Paris, Seuil, 1975

WOORTMAN, Klaas - "A antropologia brasileira e os estudos de comunidade", Brasília, Universitas, 1970